

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAL

JOSÉ LUIZ ALVES DE SOUZA

O HOMEM, SUA SAÚDE E O AMBIENTE ONDE VIVE:
A crise ecológica na busca por cidadania e as realidades entre Saúde e o Poder Público
no Complexo de Favelas de Acari - RJ

Niterói
Abril de 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JOSE LUIZ ALVES DE SOUZA

O HOMEM, SUA SAÚDE E O AMBIENTE ONDE VIVE
A crise ecológica na busca por cidadania e as realidades entre Saúde e o Poder Público
no Complexo de Favelas de Acari - RJ

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração:
Análise de processos sócio-ambientais

Orientador: Prof. Dr. CÉLIO MAURO VIANA

Niterói
Abril de 2008

S729 Souza, José Luiz Alves de

O homem, sua saúde e o ambiente onde vive: a crise ecológica na busca por cidadania e as realidades entre saúde e o poder público no Complexo de Favelas de Acari - RJ / José Luiz Alves de Souza. -- Niterói : [s.n.], 2008.

205 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Universidade Federal Fluminense, 2008.

1.Ecologia humana – Rio de Janeiro (RJ). 2.Meio ambiente e saúde. 3.Favelas. I.Título.

CDD 304.2098153

JOSE LUIZ ALVES DE SOUZA

O HOMEM, SUA SAÚDE E O AMBIENTE ONDE VIVE
A crise ecológica na busca por cidadania e as realidades entre Saúde e o Poder Público
no Complexo de Favelas de Acari - RJ

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração:
Análise de processos sócio-ambientais

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. CÉLIO MAURO VIANA – Orientador UFF

Prof. Dra. JANIE GARCIA DA SILVA - UFF

Prof. Dr. SÉRGIO CORRÊA MARQUES - UERJ

Niterói
Abril de 2008

A duas pessoas muito amadas – Eloir e Michael pela força e incentivo que me deram durante todos esses anos, por serem sofredores de algumas ausências e por estarem comigo nas presenças.

As pessoas que de uma forma ou de outra, serão herdeiros do que fazemos nestes dias.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Célio Mauro Viana por ter acreditado neste trabalho, pela sua paciência e ensinamentos sem o qual não teria concluído esta dissertação.

Ao Professor Alphonse Kelecom – colega e conhecido de muitos e longos anos, pelos ensinamentos absorvidos e por ter acreditado também neste trabalho.

Aos colegas mestres da turma 2006 pelo apoio, companheirismo e consideração demonstrados.

A comunidade do Complexo de Acari: Robson Santos, Doracy Eich, Arícia Valle, que prontamente se dispuseram a serem entrevistados, que me receberam, que me trouxeram segurança com as suas presenças e que se dispuseram a me levar pelas ruas e vielas do complexo.

Ao Enfermeiro Leonardo Correa pela forma com que me recebeu e se dispôs a conversar um pouco sobre saúde, envolvendo sua equipe.

EPÍGRAFE

“A crise ambiental não só se manifesta na destruição do meio físico e biológico, mas também na degradação da qualidade de vida, tanto no âmbito rural como no urbano...”.

Enrique Leff

SUMÁRIO

Lista de abreveturas e siglas	x
Resumo	xii
Abstract	xiii
Introdução	14
Objetivos	16
Metodologia	17
Parte I	20
Construindo o objeto	
Capítulo 1 – CIÊNCIA AMBIENTAL, PESQUISA E CONTEXTO	
1.1 A Interdisciplinaridade da ciência ambiental	21
1.2 Necessidade da ciência e seus métodos	23
1.3 Diferentes tipos de pesquisa e a pesquisa em ciência social	25
1.4 A vivência e algumas interrogações	28
Capítulo 2 – A CRISE ECOLÓGICA	
2.1 Crise Ecológica e Capitalismo	34
2.2 A Economia Ecológica	38
2.3 O que é a Crise Ecológica?	40
2.4 O papel da sociedade na busca por soluções da crise	41
2.5 A Agenda 21	43
Capítulo 3 - PRERROGATIVAS SOCIAIS BÁSICAS DA POPULAÇÃO	
3.1 Saúde e cidadania	45
3.2 Políticas públicas	46
3.3 A saúde nas constituições brasileiras	48
3.4 Sistema único de saúde	49
Capítulo 4 – PROBLEMAS SÓCIO-AMBIENTAIS	
4.1 Cidadania	53
4.2 Meio ambiente	55
4.3 Favelização	61
Parte II	72
Características da área de estudo	
Capítulo 5 - O COMPLEXO DE FAVELAS DE ACARI	73
5.1 A “favela de Acari”	73
5.2 Espacialidade do Complexo dentro do contexto municipal	74
5.2.1 Vila Esperança	75

(Sumário – continua)

5.2.2 Vila Rica de Irajá	77
5.2.3 Parque Acari	78
5.2.4 Beira Rio	78
5.3 Atores Sociais dentro do complexo	79
5.4 Representatividade do Estado	79
a) Programa Favela-bairro	80
b) O programa Bairrinho	81
c) A regularização fundiária	81
d) Os equipamentos públicos	81
Capítulo 6 – REPRESENTAÇÃO SOCIAL	83
6.1 Representação Social	83
6.2 Representação social dos atores entrevistados no Complexo de Favelas de Acari	85
6.2.1 Cultura: representando sua inter-relação com o real	87
6.2.2 Representando a saúde e o meio ambiente	99
6.2.3 A Crise Ecológica na busca por Cidadania	114
6.2.4 A realidade entre saúde e o poder público	117
Conclusão	126
Bibliografia	130
Anexo 1 – Fotos aéreas e localização do Complexo de favelas	137
Anexo 2 – Tabelas	144
Anexo 3 – Gráficos e Figuras	149
Anexo 4 – Figuras utilizadas na entrevista	156
Anexo 5 – Transcrição das entrevistas	165
Anexo 6 – Glossário	187
Anexo 7 – Listagem das favelas cariocas	190

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BNH	Banco Nacional da Habitação
CCDC	Centro Comunitário de Defesa da Cidadania
CEASA	Centrais de Abastecimento do Rio de Janeiro
CEDAE	Companhia Estadual de Águas e Esgotos
CHISAM	Coordenação da Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Rio de Janeiro
COHAB	Companhia de Habitação
CODESCO	Companhia de Desenvolvimento de Comunidades
Comlurb	Companhia Municipal de Limpeza Urbana
CPMF	Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira
CPDS	Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável
Crvcc	Centro de reconhecimento, validação e certificação de Competências
Datasus	Banco de Dados do Sistema Único de Saúde
ETE	Estação de Tratamento de Esgotos
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
FEEMA	Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente
IAP	Instituto de Aposentadoria de Previdência
IAPI	Instituto de Aposentadorias dos Industriários
IAPM	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos
IAPTEC	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores e Transporte de Cargas
LATEC	Laboratório de Tecnologia, Gestão de Negócios & Meio Ambiente
Light	Concessionária de energia elétrica para cidades do estado do Rio de Janeiro
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não-governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PET	Politeraftalato de etila
PIB	Produto Interno Bruto

PGCA	Pós-Graduação em Ciência Ambiental
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPA	Plano Plurianual
PPC	Paridade do Poder de Compra
PSF	Programa de Saúde da Família
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
RDC	Resolução da Diretoria Colegiada
Rvcc	Reconhecimento, Validação, Certificação de Competências
SAGMACS	Sociedade de Análise Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais
SBPE	Sociedade Brasileira de Planejamento Energético
SFH	Sistema Financeiro de Habitação
SINAN	Sistema de Notificações de Agravos de Notificação
SUS	Sistema Único de Saúde
WWF	World Wide Fundation

RESUMO

Em um contexto envolvendo meio ambiente, globalização e modernidade; depara-se, inevitavelmente, com termos que têm, na sua grande maioria, importância vital para se entender o mundo em que se vive. Esses termos envolvem população, economia, emprego, disposição política, ativismo social, moradia etc. A Cidade sendo o local para onde, atualmente, se converge toda a atenção; onde a batalha diária pela sobrevivência e pelo exercício cidadania é travada pelos diversos atores sociais envolvidos. Mas, há um hiato entre ter e viver a cidadania, esta é, muitas das vezes, dificultada pelas barreiras que se impuseram no desenvolvimento do tipo de vida que se leva atualmente. Para se ter a cidadania, a maior barreira, instalada entre ela e o povo é a crise ambiental decorrente do tipo do tipo de vida que se aprendeu a ter, da industrialização, degradação do espaço geográfico, degradação do ser humano, poluição do ar, dos corpos hídricos e no fundo está o ser humano compactuando de algum forma. Neste contexto se insere o Estado como o grande ente capaz de salvaguardar o cidadão e a saúde, implementando ações que promovam a qualidade de vida, um termo corrente para o repensar da cidade. Discutem-se cidades sustentáveis tendo por base as idéias contidas na agenda 21 que tomou forma depois da ECO-92. Problemas da cidade, a política habitacional fomentada ao longo dos anos que associada com a política econômica estabelecida como prioridade pelo Estado, empurraram milhares de pessoas ao processo de favelização. A remedia-se, através de vários programas institucionais como Favela-Bairro, Programa Bairrinho, PAC e congêneres. Na busca pela cidadania, os moradores do Complexo de favelas de Acari vivenciam uma contradição entre os saberes construídos e executados pelo Estado e os saberes vividos na comunidade. Este trabalho mostra onde reside a contradição no citado Complexo e, principalmente, como ela é percebida no imaginário da população pesquisada; além de contribuir ao estudo dos fenômenos sociais, direta e indiretamente implicados na formação deste imaginário. Através de entrevistas abertas com lideranças e com moradores dentro do Complexo de Favelas de Acari, mostrou-se pelo viés saúde e meio ambiente, o viver e, principalmente, as realidades entre o saber e o fazer do Estado. Para tanto as entrevistas foram gravadas e seu conteúdo transcrito e analisado utilizando-se a Teoria das Representações Sociais de Moscovici. O resultado é um painel onde se constata-se que meio ambiente e saúde são dois termos que não-excluentes e, principalmente, têm uma interdependência com importantes desdobramentos para o cotidiano desses atores sociais. No habitar em um Complexo de Favelas está as formas da lida com a realidade, com a sobrevivência do dia-a-dia; trata-se de vida, tanto para o ser humano, quanto para a natureza que é o lar desse ser humano e que será o lar, também, de gerações futuras. O Complexo de Favelas de Acari foi trazido para dentro da Ciência Ambiental entendendo-se as relações estabelecidas no seu contexto, e o quanto podem ser potencialmente nocivas. Ao fim, constata-se este argumento do ambiente urbano, como local pouco adequado para vida.

ABSTRACT

In a context that involves environment, globalization and modernization, there are terms that are important for to understand this world. These terms involves population, economy, job opportunities, social policies activities, residence etc. for the city that the some attention are on focus there is a diary battle for survival and for the real citizenship and his battle if fought for everybody inside this place. There is a hiatus between to have and to live the citizenship, this is frequently stopped for the barriers that exist in middle of the way of develop of the type of life that people is the environment crisis that came from the type of life these humans has learned, the industrialization, the geographic space degradation, human degradation, air pollution, water pollution so the human king and certainly they are responsible for that. In this context there is the Government as the big personality able to defense the citizen and their health, doing actions that can bring promotion to the life quality, that is a new word necessary to think again the cities and his geographical context. There are some discussions about city and his sustentability based in ideas from the Agenda 21, that has formed after ECO-92. The critic problem for the city is his dwelling and economic policies that came over the years both as a priority for the Government practices. It has pushed thousands of people to the slums development process. Nowadays there are many policies that to try to bring some resolutions for the general problematical as Favela-Bairro, Bairrinho Program, PAC and so on. In a search for citizenship the people of Acari Slums Complex livening in a real contradiction between Government knowledge ad what is happening and what the people knows. This work show where this contradiction is inside the Complex besides this one brought the contribution to the social phenomena studies direct or no to the knowledge construction about this reality. Throughout open interviews with leathers and dwellers it has found that over environment and health angle that nature and to live mainly the realities between what the Government has done. These interviews were recorded and analyzed and all phrases were transcribed by the Moscovici's Social Representations. The result is a panel where environment and health are no opposite terms an mainly they are going together with important unfold for the day-by-day of social actors. Inside Acari Slums Complex there are some styles of life that can be considered crucial into reality: as a survival. It is life either to human and for the nature that is the home for his human and will be what the next generations will have as a home. The Acari Slums Complex was brought to the environment Sciences because the relations inside in this context and how many this relations can be problematic, so this city's piece is a non save place to spend a good life.

INTRODUÇÃO

“A saúde é um direito de todos e um dever do Estado”. Esta frase, cunhada na atual Constituição Brasileira pode ser considerada como a representação de uma das maiores conquistas da sociedade brasileira no campo das políticas sociais.

Com a chegada do ano de 1988 houve uma real conquista da cidadania, pelo ponto de vista da saúde, onde esta passou a ser um direito de todos e suprida pelo Estado.

Mas até os dias de hoje, esta cidadania não foi alcançada completamente ou totalmente integralizada. E por que não? Há diversos outros entretimentos que por não serem conhecidos ou por não terem sido levados em consideração, faz com que o que se acredita ser saúde, seja apenas atribuído à ausência de doença, o que é facilmente comprovado em diversos discursos.

Saúde é um processo dinâmico, sofrendo impacto diretamente do meio ambiente, das condições econômicas, da percepção que o indivíduo tem do que seja a saúde.

Saúde e meio ambiente se articulam sim. Aquela depende desta para que aconteça de fato. Por exemplo: é notório ver que muitas doenças do campo estão relacionadas à maneira com que as pessoas desenvolvem suas atividades diárias. Com isso há leis que regulamentam as atividades naquele setor. É notório que muitas das doenças das áreas urbanizadas, inclusive a violência, tem a ver com o meio ambiente, constituindo um todo, influenciando esse todo.

Como saúde se relaciona com o ambiente em que se vive? Hoje, o *boom* da expansão urbana está relacionado à política internacional. A cidade, no processo geográfico, tem cada vez mais peso do que o campo. Com isso a cidade se mantém como um atrativo para que pessoas a busquem para conseguir alcançar a realização dos seus sonhos. Com isso há o que se pode chamar de expansão urbana, urbanização, trazendo sérios problemas que se perpetuam por anos.

Estamos em um momento de falar dos problemas ambientais e das possíveis soluções deles. Tem por certo que eles se adensam cada vez mais e talvez a perspectiva de solução, à curto prazo, seja desalentador. O positivo é que se busca encontrar e implementar as soluções referidas e dentro deste contexto problema-solução fica registrado com este trabalho, atividades de se compreender e como fazer para que uma pequena parte do real se some ao grupo de conhecimentos que forma a ciência ambiental. Para isso esta dissertação foi desenvolvida em cinco capítulos que são apresentados em num crescendo e que, por necessidade da pesquisa, veio trazer luz ao problema investigado e mostrar que as resolutividades para o problema ambiental não exclui a saúde e o fazer das pessoas e nem muito menos do Estado. Cada um com sua participação na trama da existência.

O capítulo 1 inter-relaciona a Ciência Ambiental com o seu contexto, levando em consideração a necessidade da ciência e de seus métodos, para a percepção do que se chama problema ambiental que está levando o planeta Terra a sua exaustão. Este capítulo também é ilustrado com a vivência do autor e algumas interrogações curiosas à respeito do tema. O capítulo 2 aborda a Crise Ecológica que se abate sobre a existência do planeta e busca relacionar esta crise com o capitalismo, com a economia e com o papel das sociedades na busca por soluções para esta crise. Ainda no crescendo tem-se o capítulo 3 que fala de saúde, cidadania, políticas públicas e Sistema Único de Saúde. Já no capítulo 4 é abordado assuntos referentes à cidadania, meio ambiente e o processo favelizatório que marca profundamente a paisagem da cidade.

Na segunda parte da dissertação se encontra as realidades entre saúde, sociedade e poder público. Mediante o uso da Teoria das Representações Sociais de Moscovici tentou-se estabelecer um quadro do que é representado e o que está no imaginário social de uma comunidade específica do que seja meio ambiente e saúde. E é montado um grande painel dos problemas ambientais que afligem as pessoas menos favorecidas, problemas estes que incluem, a real integralização da saúde via meio ambiente adequado para se reproduzir essa integralização da saúde.

OBJETIVOS

Demonstrar a importância que assume os conceitos de Saúde e Meio Ambiente dentro do contexto da crise ambiental provocada pelo homem, em face da necessidade de se discutir os modos de vida, a impactação do meio ambiente e a participação do Estado no Complexo de Favelas de Acarai com vistas a uma melhor qualidade de vida e contribuição para as políticas de desenvolvimento sustentável.

Como objetivos específicos:

- a) **Mostrar**, a defasagem entre a percepção dos conceitos de saúde, meio ambiente e suas apropriações, sua ligação com o real vivido e buscado no cotidiano das comunidades;
- b) **Desvelar** o executar do Estado dentro do contexto da crise ambiental a nível local através da participação na comunidade;
- c) **Analisar** a importância da participação comunitária no desenvolvimento de um ambiente saudável;
- d) **Esclarecer** que os processos sociais são matéria da Ciência Ambiental, abarcando, a falta de condições mínimas de existência, dignidade, cidadania, saúde, moradia... entre outros fazem parte de um desequilíbrio maior com conseqüências graves ao ser humano e ao meio ambiente natural.

METODOLOGIA

Este é um estudo exploratório realizado a partir de abordagem qualitativa. A opção feita por este tipo de pesquisa decorre da necessidade de se trabalhar dados tanto subjetivos quanto objetivos.

A parte qualitativa da pesquisa estudou universo de motivos, significados, aspirações, valores e atitudes, o que correspondeu a um espaço mais profundo das relações, dos processos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Esta abordagem procura captar os significados atribuídos aos eventos.

A parte quantitativa utilizada para corroborar e mostrar o mosaico de interações a que os sujeitos da pesquisa estão inseridos, envolvem dados numéricos ao longo do tempo.

A intenção foi realizar uma pesquisa de campo que segundo as palavras de LÜDKE e ANDRÈ (1986), é aquela que estuda os problemas no ambiente nos quais ocorrem naturalmente, sem intenção de qualquer manipulação intencional, pressupondo um contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada.

1. A descrição do campo de estudo:

Tanto pela necessidade de se abordar o assunto quanto pela característica do mesmo, buscou-se selecionar, como sujeitos desta pesquisa, grupos de pessoas que compartilham, em tese, do mesmo estilo de vida e que estão sob o mesmo impacto de pressões: ambiental, econômica, social e política.

Para isso foi selecionado o estudo da *favela* que segundo ZALUAR e ALVITO (1998), são espaços que, uma vez apropriados pelos seus moradores, permitem a reivindicação do atendimento emergencial de suas demandas - ambiental?

Optou-se por estudar o Complexo de Favelas de Acari no Município de Rio de Janeiro, onde as diversas camadas “políticas” ofereceram boa receptividade a esta pesquisa. Para a realização da mesma, foi utilizada a entrevista semi-estruturada, onde os questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, ofereceram campo amplo de interrogativas, produzindo assim, novas hipóteses que foram surgindo à medida em que os entrevistados relatavam seu universo.

2. Os participantes da pesquisa:

O primeiro contato foi formalizado com a CUFA – Central Única de Favelas que facilitou o acesso à Associação de Moradores do Conjunto Residencial do Areal, parte do complexo de favelas chamado de Acari, na zona norte do Município de Rio de Janeiro. O seu Presidente forneceu muitos subsídios para o desenvolvimento desta pesquisa.

Na abordagem inicial foram realizadas duas entrevistas: uma com a CUFA e outra com a Associação de Moradores do Areal. Para essas entrevistas foi utilizado um questionário com perguntas abertas. Nesse momento inicial priorizou-se a liberdade das respostas e o conteúdo das mesmas uma vez que o entrevistador não vive naquela realidade social. As entrevistas foram gravadas com autorização expressa dos entrevistados para posterior análise da transcrição, na íntegra.

Em segundo momento, conforme planejamento foram realizadas entrevistas diretas com moradores. Para essas, utilizou-se um segundo questionário, também aberto, com liberdade de respostas. A justificativa para esse modelo deve-se ao fato de cada morador ter a sua percepção dos problemas ambientais vividos; e isso os privilegia pelo fato de terem uma participação direta na pesquisa, sem a mediação de qualquer interventor. As entrevistas também foram gravadas com autorização dos entrevistados e submetidos a transcrição para posterior análise.

Para essas, buscou-se outro artifício: cada entrevistado e antes da aplicação do questionário, foi mostrado um conjunto de figuras que abordavam a temática proposta.

A utilização de figuras é um meio auxiliar para a obtenção de respostas quando da interrogação direta. Elas funcionam como uma forma de introduzir o assunto que se quer abordar, dando uma certa ludicidade ao evento. Deixando que os sujeitos vejam, reflitam, relaxem e se introduza ao objetivo do questionamento.

Esse método tem uma particularidade positiva quando se precisa trabalhar com sujeito que, no universo desta pesquisa, pode ter um índice baixo de escolaridade ou pouca participação política, ou que não disponha de muito tempo para responder a questionamentos extensos. Além de estar sobre pressão de outras variáveis como, por exemplo, a violência diária.

As entrevistas se deram entre os meses de setembro de 2007 a fevereiro de 2008, em diversos locais do Complexo de Favelas do Acari. As primeiras entrevistas aconteceram nas sedes tanto da CUFA quanto da AMA. A primeira na localidade chamada de “Rua do Campo” e a segunda na localidade chamada de Conjunto Amarelinho. As demais entrevistas aconteceram nas localidades: Vila Esperança, próximo ao Hospital de Acari e ainda no Areal.

O universo da pesquisa é composto por 30 moradores. A grande maioria deles moradores do Complexo, diretamente envolvidos politicamente com alguma produção social dentro da comunidade - líderes e com outros não-líderes que também têm algum percentual de participação na produção social do Complexo, mais moradores sem participação ativa na produção social (que participam em lideranças dentro da comunidade). Este número foi pré-estabelecido porque em termos de análise das entrevistas e com a teoria proposta para o embasamento da pesquisa, é um número suficiente para a viabilidade do estudo. Também foram entrevistados alguns líderes que estão inseridos dentro do contexto do Complexo mas que ali não residem.

3. Levantamento bibliográfico e de dados

Para esta pesquisa foram acessadas as bibliotecas das seguintes instituições: Universidade Federal Fluminense, Escola Nacional de Saúde Pública, Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisas em bases de dados do Ministério da Saúde, da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, bem como a rede internacional de computadores.

4. Análise e interpretação dos dados:

Para análise dos dados subjetivos optou-se usar a Teoria das Representações Sociais de MOSCOVICI (1961). Essa teoria revela que as representações sociais são formas de conhecimentos socialmente elaborados e partilhados, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Ela diz que o conteúdo revelado na oralidade é um processo de mediação na relação homem-mundo, onde os indivíduos explicam e afirmam sobre sua realidade e são desveladas as ambigüidades encontradas nas palavras que têm material ideológico e servem de trama a todas as relações sociais. Com vista nisso, os atores sociais constroem suas realidades, suas interações, suas tomadas de decisões. E porque meio ambiente, para as pessoas em questão, é um conceito social que elas apreendem principalmente pelos veículos de comunicação. Além das definições em saúde, que já as leva a um tipo de comportamento social, podem estar se utilizando também do termo meio ambiente no seu cotidiano de práticas sociais.

PARTE I

CONSTRUINDO O OBJETO

CAPÍTULO UM

CIÊNCIA AMBIENTAL, PESQUISA E CONTEXTO

1.1 A INTERDISCIPLINARIDADE DA CIÊNCIA AMBIENTAL

Conforme nota-se em HERCULANO (2000), há algo errado no mundo em que vivemos justamente pela forma de como vivemos. Fala-se de *sustentabilidade*; fala-se sobre a percepção mundial que se tem da degradação ambiental, da tomada de decisão por parte das autoridades mundiais e a sociedade, das atividades propostas em busca de uma correção para os processos antrópicos impactantes.

“... E quem vai fazer tudo isto? Como se constroem parcerias? Como superar antagonismos entre sujeitos em conflito e criar novos atores coletivos? Como capacitar os cidadãos para que estes ultrapassem seu isolamento e efetivamente se associem?...”

Nas entrelinhas se percebe que há muito por fazer, e este muito pode começar aqui e agora. Ter a percepção de que há algo errado na relação do binômio homem-natureza e que urge a necessidade de se estudar esta relação e as conseqüências dela, é o primeiro passo para a contribuição da melhoria da qualidade de vida embasada na melhoria do próprio ambiente em que se vive. Essa *contribuição*, esse *discutir* o meio ambiente é importante porque se busca encontrar medidas mitigadoras para o problema ambiental, este deve iniciar com uma grande participação tanto dos profissionais diversos que militam nesta área como da sociedade como um todo. Por vezes os problemas impactantes são tão cruciais que se revelam não claramente pela destruição de vegetação ou do solo, mas sim, a perversa degradação social com todos os seus desdobramentos.

O homem produz, degrada, polui, extrai, ocupa... Não percebe claramente o que é este fazer; muito menos nas suas conseqüências. Desde épocas mais remotas passando pela revolução industrial, o homem tem desempenhado atividades que puderam ser absorvidas

pelo planeta. Mas o que se discute atualmente é justamente isso – o quanto mais o planeta pode absorver desses impactos que o homem tem causado pela suas atividades modificadoras ao meio ambiente?

O grande motor dos tempos atuais é a percepção de que esta capacidade de absorção dos impactos produzidos pelo homem, chamada de *resiliência*, já ultrapassou seu limite. Beiramos uma época em que não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar, poluir, ocupar, degradar sem termos em troca à paga.

Desde há algum tempo, homens têm se levantado para conclamar uma solução para os problemas ambientais, problemas estes produzidos no atual momento de existência do planeta como os foram produzimos há séculos atrás - desperdício, desmatamento, extinção da biodiversidade, *iniquidade* entre o ser humano. O caminho obrigatório para a preservação - que pode ser da própria espécie humana - passa por rever todas essas falhas e tentar suplantá-las por novo comportamento.

É neste contexto que se insere a ciência ambiental. Esta é um veículo para o desenvolvimento e difusão do saber ambiental que tem congregado no seu seio, profissionais de diversos campos do conhecimento e através deles e de suas pesquisas, tem se entendido-se como o nosso planeta funciona. Esses profissionais têm trazido à luz, questões que contribuem tanto para a formação dessa ciência como para o processo de conscientização sobre a necessidade de se pensar o meio ambiente que cerca a espécie humana, dentre outras, e como esta lidará com o que sobrou do meio ambiente em gerações futuras.

A Ciência Ambiental não pode ser dar ao luxo de se resumir a um grupo de profissionais específicos em ecologia. Ela tem que abranger profissionais das diversas áreas, contribuindo para uma análise mais ampla do funcionamento o meio ambiente nos dias atuais, para que por seus estudos, haja um direcionamento de *o que fazer e como fazer*. Nisso se insere o profissional Enfermeiro no contexto de Ciência Ambiental, tentando mostrar que, na relação Saúde-Ser Humano, um campo específico e novo do saber em Ciência Ambiental, há uma gama de problemas que podem ser identificados e analisados.

Segundo LEFF (2000) “*A crise ambiental não só se manifesta na destruição do meio físico e biológico, mas também na degradação da qualidade de vida, tanto no âmbito rural como no urbano...*”.

1.2 NECESSIDADE DA CIÊNCIA E SEUS MÉTODOS

Com o advento da ciência, os fenômenos que sempre intrigaram o ser humano, passaram a ser estudados e clarificados, através de *processos de pesquisa*.

Com o avanço das investigações, há também o avanço do espírito de curiosidade. O homem busca sempre uma consequência para uma causa, ou não necessariamente nesta ordem.

Resolver dúvidas muito intrincadas sobre certos fenômenos tem movido, criado, aperfeiçoado o pensar humano e cada vez mais, contribuído para separá-lo do restante dos animais que o cercam, levando a um lugar comum, privilegiado na evolução das espécies.

Segundo MINAYO (1998), a ciência tornou-se hegemônica na construção da realidade por ter a pretensão de ser o único promotor e também por ser critério da verdade.

Nela, reside duas razões: a possibilidade de responder a questões técnicas e tecnológicas postas pelo desenvolvimento industrial; e outra consiste no fato "dos cientistas terem conseguido estabelecer uma linguagem fundamentada em conceitos, métodos e técnicas para compreensão do mundo, das coisas, dos fenômenos, dos processos e das relações".

O conhecimento científico é conseguido mediante e o que se chama de *Método científico*. Mas há ainda, no campo da avaliação de conhecimento de sua reprodução e sua manipulação, algumas categorias que mais ou menos tentam ser mantenedoras do saber, cada uma na sua esfera de atuação e por si, revelam, como o homem se comporta diante da construção do saber. Essas categorias são:

1. A tradição, onde certas crenças são aceitas como verdades, onde, por vezes, pode apresentar-se como obstáculo à indagação humana, uma vez que as crenças, encontram-se tão arraigadas à nossa cultura que sua validade ou utilidade jamais foram desafiadas ou validadas;
2. Autoridade - a confiança nas autoridades é de certa forma, inevitável, porque não pode se tornar especialistas em cada problema confrontado;
3. Experiência pessoal, onde se resolve os problemas com base em observações e experiências anteriores, o que é um método importante e funcional. A capacidade de generalizar, reconhecer irregularidades e fazer previsões, com base em observações, constitui uma marca da mente humana. Mas a experiência pessoal apresenta limitações

fundamentais, como uma base à compreensão pois, a experiência de cada pessoa pode ser muito restrita para fazer generalizações válidas acerca de situações novas; e, as experiências pessoais têm as cores dos valores e *preconceitos subjetivos*;

4. Tentativa e erro - por vezes, se trata de algum problema tentando soluções alternativas. Ainda que esse método possa ser prático, em alguns casos, é passível de falhas, além de ser ineficiente. Ele tende a ser desorganizado, e as soluções são, em muitos casos, imprevisíveis;
5. Raciocínio lógico – costuma-se resolver problemas confiando nos processos de pensamento lógico. De fato, o raciocínio lógico é um componente importante de método científico, mas, em si e de si, é limitado, porque a validade da lógica dedutiva depende da precisão das informações com que iniciamos o processo, e o raciocínio, em si, pode constituir uma base insuficiente para avaliar a precisão.

Analisando os processos da indagação e descobrimento supracitados, chegamos a conclusão de que o *conhecimento científico* é o método mais sofisticado. Ele combina aspectos do raciocínio lógico com outros aspectos para criar um sistema de solução de problemas que, embora falível, é mais confiável do que os outros juntos. É um conjunto genérico de procedimentos ordenados e disciplinados, utilizados para a aquisição de informações seguras e organizadas.

Em um estudo científico, o pesquisador movimenta-se de uma forma ordenada e sistemática, a partir da definição de um problema, através do delineamento do estudo e coleta de informações, até a solução do problema. Usa a sistemática para poder chegar as conclusões que se quer evidenciar. Sistemática refere-se à forma com que o investigador evolui, de uma maneira lógica, através de uma série de etapas, de acordo com um plano de ação pré-estabelecido.

A pesquisa científica tem alguns propósitos:

A **descrição** em que se realiza uma investigação descritiva, onde se observa, descreve e classifica. Quando não há a necessidade de se descrever vários fenômenos.

Outro propósito é a **exploração** onde se inicia por algum fenômeno de interesse. Busca explorar as dimensões desse fenômeno, a maneira pela qual ele se manifesta e os outros fatores com os quais ele se relaciona;

A **explicação** que busca encontrar o porquê de fenômenos naturais específicos.

E por fim a **previsão e controle** que, no entanto, costuma fazer-se previsões e controlar fenômenos, com base nas descobertas das investigações científicas, até mesmo na mais absoluta ausência de compreensão total.

1.3 DIFERENTES TIPOS DE PESQUISA E A PESQUISA EM CIÊNCIA SOCIAL

Profissionais de todas as áreas necessitam de uma base de conhecimentos a partir da qual possam exercer sua prática, e o conhecimento científico proporciona uma base especialmente sólida.

Costuma-se fazer a distinção entre dois grandes métodos de coleta de informações científicas: A *pesquisa quantitativa* com análise utilizando procedimentos estatísticos e a *pesquisa qualitativa* com análise de material narrativo/ subjetivo.

O paradigma do positivismo lógico está associado, com maior frequência, aos métodos quantitativos onde se tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana.

Segundo POLIT e HUNGLER (1996), em geral a pesquisa quantitativa:

- Focaliza uma quantidade relativamente pequena de conceitos específicos;
- Inicia com idéias pré-concebidas acerca da maneira pela qual os conceitos estão inter-relacionados;
- Utiliza procedimentos estruturados e instrumentos formais para coletar informações;
- Coleta as informações mediante condições de controle;
- Enfatiza a objetividade, na coleta e análise das informações;
- Analisa as informações numéricas, através de procedimentos estatísticos.

Já a pesquisa qualitativa salienta os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, tentando apreender tais aspectos em sua totalidade, no contexto daqueles que os estão vivenciando.

- Tentando compreender a totalidade de determinados fenômeno, mas do que focalizar conceitos específicos;

- Possui poucas idéias pré-concebidas e salienta a importância das interpretações dos eventos e circunstâncias pelas pessoas, mais do que a interpretação do pesquisador;
- Coleta informações sem instrumentos formais e estruturados;
- Não tenta controlar o contexto da pesquisa, e, sim, captar o contexto em sua totalidade;
- Tenta capitalizar o subjetivo com um meio de compreender e interpretar as experiências pessoais;
- Analisa as informações narradas de uma forma organizada, mas intuitiva.

Praticamente toda pesquisa científica parte de pressupostos do pesquisador sobre o que quer e se costuma chamar de *fenômeno*.

Esse é considerado o moto do trabalho científico e sobre ele, se debruçam, as interrogações que irão levar o pesquisador as etapas do método científico. POLIT e HUNGLER (*idem*), o chama de *construto*. E segundo essas autoras, construto refere-se a uma abstração ou representação mental, inferidas a partir de situações, acontecimentos ou comportamentos.

Esta dissertação é uma pesquisa quanti-qualitativa de cunho social e tem uma implicação tanto na pesquisa social quanto na não-social.

MINAYO (1998) relata que há uma freqüência de debates quanto à cientificidade da própria ciência social. "*Há quem busca uniformização dos procedimentos para compreender o natural e o social como condição para atribuir o estatuto de "ciência" ao campo social. E há quem reivindica a total diferença e especificidade do campo humano.*"

Essa cientificidade é levada à prova, quando se pesquisa, e se revela que de todas as variáveis empregadas conjuntas ou isoladamente, revelam universos que só mesmo em ciências sociais poderia ser estudado e clarificado; que foge das interpretações habituais das ciências naturais por ter incluso nela, a subjetividade que a ciência natural não acompanha. E dessa discussão, surgem várias questões que segundo a autora citada, envolve a possibilidade concreta de pesquisar uma realidade da qual o próprio pesquisador faz parte e é agente. E faz-se a pergunta: "*Essa ordem de conhecimento não escaparia radicalmente a toda possibilidade de objetivação?*"

É pertinente fazer outra pergunta: "Buscando a objetivação própria das ciências naturais, não se estaria descaracterizando o que há de essencial nos fenômenos e processos sociais, ou seja, o profundo sentido dado pela subjetividade?" Uma terceira indagação aborda

qual o melhor tipo de método que serviria para explorar uma realidade muito marcada pela especificidade e pela diferenciação.

MINAYO (*idem*) refere-se, às características peculiares que envolvem os agentes objetos da pesquisa social, pois os fenômenos produzidos por eles podem ter uma inconstância profunda ou pode ser repetir no espaço e no tempo, mas certamente de modo bem diferente da anterior. Defende que a cientificidade tem que ser pensada como uma idéia reguladora de alta abstração, não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos, e que a história da ciência revela não um "*a priori*", mas o que foi produzido em determinado momento histórico com toda a relatividade do processo de conhecimento.

Vale enumerar alguns objetivos das Ciências Sociais:

- Historicidade e consciência histórica. "É necessário dizer que objeto de estudo das ciências sociais possui consciência histórica. Ou seja, não é apenas o investigador que dá sentido ao seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades";
- Nas ciências sociais existe uma identidade entre sujeito e objeto. "*A pesquisa nessa área lida com seres humanos, e esses têm um substrato comum de identificação com o investigador*". Segundo LÉVI STRAUSS (1975), *apud* MINAYO (1989): "*Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação*".

"A ciência social possui instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações".

MINAYO (1998)

1.4 A VIVÊNCIA E ALGUMAS INTERROGAÇÕES

A área de saúde, como uma das grandes áreas do conhecimento humano, é uma das que recebe um aporte significativo de valoração econômica, com isso, faz movimentar a economia e que com o passar dos anos incorporou uma nova modalidade – a “*medicalização*” da saúde.

Nela se inserem tanto instituições públicas e privadas. Do outro lado encontram-se os clientes, pessoas que são usuárias dos serviços de saúde. São elas de várias classes sociais, com as necessidades mais diversas.

Nessa área são produzidas grandes descobertas e a cada dia, esperanças são renovadas na espera de uma cura, de uma solução para os problemas do corpo. A área da saúde é fundamentalmente uma área que presta serviços aos seus usuários. Por ser uma área fascinante, interessei-me em adentrar, e mergulhar nos seus conhecimentos. A Enfermagem permitiu-me esta inserção.

Uma vez estudando o escopo dessa categoria profissional tive contato com vários temas e várias teorias. A enfermagem não vê o usuário (o que ela chama de cliente), como peça anatômica defeituosa precisando de reparos. Ela encara o usuário como um indivíduo, um *ser* dentro de um contexto físico, químico, psicológico, social, com uma história de vida que direciona o seu potencial de existência e porque não dizer seu comportamento. *Ser* este que precisa de alguma orientação para que encontre um equilíbrio entre o seu *eu* e o meio ambiente.

Com a perda do *Humano*, pela a prática cotidiana da saúde, muito se tem perdido no entendimento de que esse o ser humano funciona. Ele não é simplesmente e pontualmente um órgão doente precisando de reparos, mas sim um ser que está inserido em um contexto sócio-ambiental dinâmico, influenciando e pelo meio sendo influenciado. Por isso a necessidade atual de se considerar o homem como um todo e a promoção desse conhecimento.

Essa promoção do *todo* está diretamente relacionada com o meio ambiente. É o meio ambiente que por abrigar o ser humano, o objeto da enfermagem, proporciona as condições de existência: água, luz, alimentação, oxigenação, habitação em termos concretos e, por outro lado, socialização, integridade, saúde mental, felicidade, amor, gregária e etc. em termos abstratos. O conjunto dos termos supracitados: concretos etc, abstratos formam os condicionantes em saúde e porque não dizer, na existência humana.

“O ciclo saúde-doença, que também é conhecido como processo saúde-doença, pode ser definido como resposta dinâmica que as classes sociais manifestam de forma diferenciada de acordo com a sua inserção no sistema de produção frente aos determinantes sociais, resposta esta dada pelas características de risco e de potencialidades que são reflexos do processo biológico de desgaste”

EGRY (1996)

O ser humano é um ser indivisível, que vive entre o estar ou não doente, por intermédio da interação meio-corpo-mente, como muito apropriadamente afirma DILTHEY (1991), *apud* BRANDÃO (1991) haver uma continuidade entre natureza e história, homem e mundo e a compreensão da vida através do relacionamento do todo com suas partes: o significado da parte encontra-se no todo e o todo se forma a partir da compreensão das partes.

LEVINE (1967), *apud* HORTA (1979), uma teórica de enfermagem, desenvolveu a *Teoria Holística de Enfermagem*, em que coloca o homem como *um todo dinâmico, em constante interação com o ambiente dinâmico*. Sua teoria reconhece que o homem não pode ser dividido, salientando a certeza que temos de que todas as funções do corpo humano estão interligadas, inclusive com o meio ambiente.

“O *holismo*, ou a visão holística é uma maneira de ver o mundo, o Homem e a vida em si como entidades únicas, completas e intimamente associadas. Esta palavra vem do grego *holos*, que significa "inteiro" ou "todo", como em "holograma"; *grama*=figura/ *Holos*=inteira, e representa um novo paradigma científico e filosófico que surgiu como resposta ao mal-estar da pós-modernidade, que é em grande parte causado pela cisão dos aspectos humanos e *naturis* trazida pelo *antigo paradigma*.

Sendo uma forma de tentar unir o homem ao universo (natureza) onde está inserido, o holismo visa à integração dos seus aspectos físicos, emocionais, mentais etc.. O ser humano não é somente matéria física, nem somente consciência, nem apenas emoções, logo, levar em consideração apenas alguns desses aspectos isoladamente, é perder de vista a sua "inteireza" (neologismo para "wholeness"), sua integridade. GUIA-JEU (2007)

Resgatando o conceito de holístico para aplicarmos no campo da saúde através da enfermagem, temos teóricos como Brian Swimme, Stanley Krippner, Jan Smuts, Leonardo Boff dentre outros que abordam como o ser humano é constituído por sistemas, inclusive sistemas *externos a esse indivíduo – meio ambiente*.

Nas palavras de BOFF (1980):

“A ecologia integral procura acostumar o ser humano com esta visão global e holística. O holismo não significa a soma das partes, mas a captação da totalidade orgânica, uma e diversa em suas partes, mas sempre articuladas entre si dentro da totalidade e constituindo esta totalidade. Esta cosmovisão desperta no ser humano a consciência de sua funcionalidade dentro desta imensa totalidade. Ele é um ser que pode captar todas estas dimensões, alegrar-se com elas, louvar e agradecer aquela Inteligência que tudo ordena e aquele Amor que tudo move, sentir-se um ser ético, responsável pela parte do universo que lhe cabe habitar, a Terra. Ela, a Terra, é, segundo notáveis cientistas, um superorganismo vivo, denominado GAIA, com calibragens muito refinadas de elementos físico-químicos e auto-organizacionais que somente um ser vivo pode ter... importa fazermos as pazes e não apenas uma trégua com a Terra. Cumpra refazermos uma aliança de fraternidade/sororidade e de respeito para com ela”.

Para promover a adoção de um novo paradigma para a ciência autores como WEIL (2000) afirmam que nosso mundo está em crise, provocada por lacunas e falhas do paradigma *newtonianocartesiano* e suas extrapolações. Daí a necessidade de um novo paradigma – o holismo. Ele parte da tese de que a felicidade prometida pelas aplicações indiscriminadas da ciência moderna sob forma de tecnologia está se transformando no seu contrário e ocasionando um impacto ambiental sem que haja uma renovação rápida e suficiente dos ecossistemas.

A prerrogativa para a construção desta pesquisa e o interesse em sediá-la no Programa de Mestrado em Ciência Ambiental partiu da necessidade de se construir um diálogo entre o saber desta ciência e a tomada da consciência de que a manutenção de um meio ambiente adequado é vital para a sobrevivência da espécie humana. Além disso, resgata para estudo a necessidade de se encarar que saúde – ser humano – desenvolvimento sustentável são termos intercambiáveis e não excludentes.

Nesses anos de prática profissional, lidando com saúde, se percebe que saúde, não é somente a ausência de doença, mas sim, um conjunto de fatores. Disto resulta a percepção de que até Políticas Públicas, Políticas Econômicas e o Meio Ambiente estão diretamente implicados na busca pela saúde. Em um universo social onde os atores sociais se encontram para representar o grande papel de suas vidas, que é a existência, a compreensão do conceito de CIDADANIA é fundamental.

Dentro do contexto cidadania e sua vivência se percebe que a cidadania é um bem escasso ou por outro ângulo, uma experiência não plenamente alcançada para grande parcela da população, especialmente população de baixa renda. Esta inacessibilidade traz conseqüências graves para a vida social.

Cidadania encarada como a possibilidade de ter dignidade de moradia, de alimentação, de transporte, de trabalho, de salário digno, de ser socialmente aceito, de educação, de ser amado ou querido, de ter liberdade, lazer... de ter SAÚDE. O conceito de saúde é dinâmico, é vivido e construído ao longo do tempo e depende de variáveis um tanto dinâmicas para ser alcançado. Uma população qualquer, depende do Estado para a concretização do viver saúde o que tem uma ligação muito forte com meio ambiente, economia etc. Ficaria fácil uma visualização do que se quer dizer se for tomar um grupo específico para um estudo. É justamente esta a proposta empregada no desenvolvimento desta pesquisa. Questões como: A saúde do ser humano está relacionada às condições de vida e de meio ambiente no qual ele está inserido? Como os problemas de saúde do ser humano são influenciados e influenciam o meio ambiente? Como o ser humano percebe meio ambiente e saúde? Será que há realmente, de fato, para eles, uma inter-relação séria e restrita desses dois conceitos? Eles são percebidos pelas populações? São questões chaves na construção de um entendimento do processo dinâmico que se estabelece no contexto social.

Talvez termos como violência, desnutrição, ocupação de encostas, desmatamento, degradação da qualidade de vida, câncer, AIDS, derramamento de óleo, pesca predatória, extinção da biodiversidade etc. sejam a pequena ponta de um *ice-berg* que ainda está totalmente desconhecido, sob outro ângulo, um desequilíbrio que o próprio homem causou e vem causando ao meio ambiente.

Uma curiosidade do sistema brasileiro de saúde se revela no paradoxo existente entre a população e o Estado, este mesmo tendo um tom autoritário, compulsório, emprega um forte paternalismo quando o assunto é saúde e, mais paradoxal ainda, tem um descaso conhecidamente famoso quando se trata de meio ambiente.

O Governo Federal emprega cifras astronômicas para o fomento, desenvolvimento e execução de políticas públicas, inclusive políticas de saúde. O “grosso” da destinação dos recursos em saúde são utilizados pelo setor terciário em saúde - o “setor curativo”. Os gastos em saúde primária, apesar de serem, sem dúvida alguma, importantes, não criam condições para que haja um real fomento, construção, execução de políticas preventivas. Neste campo o Brasil precisa crescer e muito.

Apesar do grande avanço nacional em termos de programas de saúde, nenhum deles satisfaz a necessidade aqui de se colocar em evidência o meio ambiente e ou fomenta uma preocupação com o mesmo.

As estatísticas do Datasus mostram que muitas patologias poderiam ter sido plenamente descobertas e tratadas a nível primário, poderiam aliviar os custos econômicos e sociais que se está a operar, em solo brasileiro, na atualidade.

Talvez nem toda culpa deva recair somente sobre o Estado. Os brasileiros têm a sua parcela na medida em que, através do mínimo acesso que tem à informação, não são capazes de assumir um comportamento favorável, ou reduzir os riscos.

Será que o grande eixo encontra-se no que a população sabe sobre o processo saúde-doença? O que habita seu imaginário? Como eles incorporam saúde as suas vidas? O que sabem de cidadania? Sobre o meio ambiente que as cerca?

Traçando um perfil do montante de pacientes que procura os serviços hospitalares, a grande maioria deles, são oriundos da sociedade de entorno e que varia quantitativa e qualitativamente de acordo com o local onde o hospital está instalado. Desses pode-se perceber a urgência de doenças que seriam plenamente prevenidas e tratadas a nível primário em saúde, mas se não descobertas e tratadas tornam-se verdadeiros marcos na vida, tanto do paciente quanto da sua família.

A medicalização do serviço de saúde torna-se irreversível dentro de um contexto de expansão capitalista e estabelece uma relação perversa entre o acesso ao atendimento em saúde e a sua demanda. Para um país continental que é o Brasil, deveria haver também uma expansão do atendimento público e gratuito em saúde para que houvesse a satisfação da tamanha demanda por estes serviços. Deveria haver uma maior acreditação na dinâmica homem-natureza.

A medicalização do serviço de saúde se deve ao modelo em saúde estabelecido na década de 30 onde o hospital tornou-se, no imaginário social, o grande interventor em saúde. Com isto, houve um detrimento da atenção primária em saúde que foi um modelo renegado quase que completamente até há alguns anos atrás. Mas esse modelo vem sobressaindo com a intervenção do Estado, pois chegou-se a conclusão que para o acesso a saúde as pessoas não poderiam somente ter acesso ao hospital, mas sim a atenção básica, onde são desenvolvidos programas que em última análise evitam que os usuários busquem o hospital. São programas como alto poder de impacto, que uma vez desenvolvido com os usuários podem ser capazes de reduzir a morbidade e mortalidade de muitas doenças, pois partem do princípio de que

educação, vacinação, início de diagnóstico entre outros, é importante para a prevenção de doenças.

Mas ainda hoje, o acesso também a essa intervenção primária em saúde não é totalmente distribuída e nem é também compreendida. Quando se fala em crise ambiental, vários fatores que levam o indivíduo e a coletividade adoecerem são imediatamente postos em questão, essas doenças e mortes são custos, são *externalidades* graves, irreversíveis e irreparáveis. É um problema ambiental sim, na medida em que o que está em jogo é a espécie *Homo sapiens* na sua interação com o seu meio. É problema ambiental porque se não o fosse a população desvelaria uma nova forma de formar e se conduzir frente as diversas atrocidades que acontece com o planeta e que o ser humano tem que ser inserido não somente como um depredador do meio, mas como vítima também dessa depredação.

A sociedade há que encarar seriamente as necessidades prementes de alimentação, educação, moradia, produção de divisas; encarar a pobreza como entrave para a sustentabilidade do planeta e encarar que o ser humano também está padecendo, assim como as florestas, assim como a poluição exponencialmente crescente.

CAPÍTULO DOIS

A CRISE ECOLÓGICA

2.1 CRISE ECOLÓGICA E CAPITALISMO

Uma vez que na evolução das sociedades modernas alguns fatores foram críticos na busca de um motivo para a existência. Deste resultou, praticamente, a necessidade de lucro. Daí deriva-se todo o empreendimento humano no sentido de trocas que por seu fim simbolizavam o lucro.

A crise ecológica é real e se manifesta de diversas formas que vão desde os grandes desmatamentos até a luta por sobrevivência da própria espécie humana. A crise ambiental é o centro das atividades antrópicas e torna-se irremediável na medida em que o limiar de resiliência do planeta é ultrapassado, advindas de todo o avanço que as sociedades humanas têm estabelecido sobre a superfície do planeta.

É de fato alarmante perceber que na evolução do ser humano, para cada passo dado à diante dois são dados em sentido contrário. Isto porque mesmo com todo o avanço científico-tecnológico pessoas ainda não têm acesso a vida digna, sendo explorados de alguma forma por este sistema cruel que aumenta mais e mais o fosso entre quem tem recursos financeiros adequados e entre aqueles que sobrevivem da migalha.

De acordo com Relatório Síntese da Avaliação Ecológica do Milênio (2005)

"...Nos últimos 50 anos, o homem modificou os ecossistemas mais rápida e extensivamente que em qualquer intervalo de tempo equivalente na história da humanidade, na maioria das vezes para suprir rapidamente a crescente demanda por alimentos, água potável, madeira, fibras e combustível. Isto acarretou uma perda substancial e, em grande medida irreversível, para a diversidade da vida no planeta".

É possível falar em crise ambiental, pois esta é de fato um produto da atividade humana, de todo o impacto que as tecnologias inventadas tem proporcionado ao planeta; de uma irracionalidade visivelmente embasada na exploração do meio ambiente, com conseqüente impactação e a conversão dos recursos naturais em capital. Esta crise começa justamente com a ilusão de domínio sobre a natureza e a exacerbação do *ter* sobre o *ser*.

Para falar de crise ambiental há que se traçar um percurso que tome o capitalismo como seu centro nervoso. Ele evoluiu e se ramificou no seio da sociedade mundial nestes últimos séculos com o fim do modo de produção feudal e mudando-se “naturalmente” para o modo de produção capitalista com a crescente urbanização, bem como o crescimento exorbitante da população, a mudança da noção de distância e o poderio do mercado em detrimento da sociedade. A natureza é transformada em *recurso natural*.

Percorrendo um caminho histórico da capitalização dos recursos naturais, há relatos de LÉRY (1972) que fala da devastação das matas brasileiras à época do período quinhentista, pelos portugueses e franceses.

“Uma vez um velho perguntou-me: por que vindes vós outros, mairs e perós, buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita mas não daquela quantidade, e que não a queimávamos, como ele supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com seus cordões de algodão e suas plumas.

Retrucou o velho imediatamente: e por ventura precisas de muito? – sim, respondi-lhe, pois em nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que poderias imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados... agora vejo que vós outros mairs sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou parar aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também?

Não há necessidades naturais para o ser humano. Toda sociedade cria um conjunto de necessidades para seus membros e lhes ensina que a vida não vale a pena ser vivida a não ser que estas necessidades sejam bem ou mal "satisfeitas", e surge o capitalismo colocando no centro de tudo as necessidades *econômicas*. Assim começa a triste história do surgimento da uma crise ambiental que se intensifica até os dias atuais e que hoje em pleno século XXI é

alvo de movimento de conscientização por quase todo o planeta que mobiliza, cientistas, centros universitários, empresas e a sociedade civil organizada.

KRUGER (2001) afirma:

“Em um estágio inicial, a Natureza domina o Homem. Entre 50 e 40 mil anos atrás, caçadores e coletores apresentavam técnicas rudimentares, tendo o nomadismo sem acumulação de bens como principal modo de vida. A organização tanto das pequenas comunidades como do tempo era primitiva. Com o surgimento da agricultura (10 mil anos atrás), há o domínio das técnicas por todos os membros da comunidade. O modo de vida torna-se sedentário, havendo o aparecimento de regras, chefias, com organização política e temporal marcada por períodos de plantio e colheita. A era do ferro fundido (3 a 4 mil anos atrás) marca o início da especialização do trabalho com uma estratificação da sociedade e do conhecimento e uma conseqüente perda individual do domínio do conhecimento. Só a partir do século XVII, com o surgimento da ciência moderna, é que aparece a tecnologia como é entendida hoje em dia; isto é, um saber fazer baseado em teoria e experimentação científica, não sendo possível separar nitidamente as duas. Com a Revolução Industrial do século XVIII, dá-se a aliança entre ciência e técnica.... Indiretamente, a ciência teve uma presença marcante, sobretudo através do método e do espírito científico no meio técnico e artesanal. O ideal da ciência se disseminou entre os artesãos manufatureiros, mormente no Norte da Inglaterra MOTOYAMA (1995 apud KRUGER 2001). A reunião da técnica com a disciplina científica atinge um alto nível de generalidade e de sistematização, quando se desenvolvem processos próprios de trabalho, apresentando uma grande importância para alguns intelectuais franceses contemporâneos, que nela vêem exatamente a transição da técnica para a tecnologia GAMA (1986 apud KRUGER 2001)”.

Na história da crise ambiental o *excedente*, ainda no Modo de Produção Comunal Primitivo, permitiu a especialização e as trocas, e levou a uma contínua e crescente exploração da natureza pelo homem, bem como do próprio homem pelo homem. Essa exploração teve seu grande impulso com o surgimento de ideologias que pretendiam "libertar" o homem de qualquer tradicionalismo e/ou costumes arcaicos, normalmente ligados à vida rural, e à terra.

POLANYI (1980) discute o processo histórico que transformou a terra em mercado e mercadoria, elucidando a diferença entre o uso e a propriedade privada dessa terra, que foi

convertida pela economia em “recurso natural”. Ele compara esse processo ao análogo por que passou o trabalho, que levou o homem a se tornar “recurso humano”, ressaltando que essa transformação se deu mais rapidamente e mais facilmente do que a da terra. Fechando uma primeira etapa na evolução da crise ambiental.

Essa exploração do “recurso natural” e do “recurso humano” foi ideologicamente justificado. O *Iluminismo* foi um avanço cultural a partir da ciência, e o domínio sobre a natureza foi considerado vital para a ciência, para a técnica e muita das vezes sob uma ética específica. O que é embasado por HOBBSAWM (1988) que descrevendo-o no contexto histórico, mostrando que pelo iluminismo houve uma libertação da Idade Média para tempo modernos. Vale lembrar que o iluminismo se situa em uma época onde França e Inglaterra passaram por suas revoluções com isso pregava como sociedade livre aquela comandada pela razão e pelo capitalismo. Logo, o objetivo do capitalismo era de libertar todos os seres humanos: *"Todas as ideologias humanistas, racionalistas e progressistas estão implícitas nele, e de fato surgiram dele"*.

Desde então, o capitalismo é visto então como o "libertador". O filósofo Locke, por exemplo, diz que a propriedade privada “liberta”.

Esse é um processo muito semelhante ao que acontece hoje com o conceito de **desenvolvimento sustentável**, apropriado pelo discurso político como uma "palavra mágica", que abre portas, consegue recursos e tudo justifica. HAYWARD (1994) lembra que o **iluminismo** é a emergência do ser racional livre (*Mündigkeit* = autonomia madura: a liberdade de tomar uma responsabilidade e a capacidade de usar a própria liberdade). Ele surge com o intuito de libertar o homem do encantamento, dos mitos (da Idade Média), mas acaba levando a um novo culto, o "culto à razão". Assim, o domínio sobre a natureza aparece dentro de um contexto moral determinado pela razão, que tudo justificaria. Fazendo par com as idéias iluministas, estão as idéias do Liberalismo econômico, base modo de produção capitalista, também inspiradas na razão e na lógica simples. Para essa questão já existe uma resposta conhecida: é a resposta capitalista. A mais bela e concisa formulação do espírito do capitalismo é o enunciado pragmático de Descartes: *"Atingir o saber e a verdade para nos tornarmos senhores e possuidores da natureza"*.

O homem, julgando-se acima de tudo e de todos, amparado pelo racionalismo e pelas descobertas da ciência, depositou seus principais desejos e aspirações na busca do sucesso econômico, pela vontade de **ter**, acumular cada vez mais riquezas, e, por conseguinte, mais *poder* sobre seus iguais, esquecendo-se assim da sua real condição de **ser**, da parceria com a natureza.

Tornou-se banal *usar* a natureza, devastando-a em prol do "progresso econômico", que seria a única forma de gerar *felicidade* para todos, convencendo-se de que um dia ele será recompensado com a felicidade pelo seu "progresso econômico".

Mas não bastou somente, dominar a natureza. O homem também foi dominado, escravizado, tornou-se moeda de troca e assim, assumiu um valor econômico.

TAYRA (2004) afirma que a explosão demográfica ocorrida ao longo dos últimos séculos é o principal fator de causa do processo da crise, isto devido também ao grande avanço dos meios de produção para suprir as necessidades dessa demanda crescente.

Agora no século XXI, não é mais possível minimizar os efeitos da crise. Essa, inserida dramaticamente no conceito de globalização, traz a escassez ecológica e retrata como a acumulação capitalista é perversa, intensificando os movimentos de expansão territoriais e subordinação das formas de trabalho, trazendo também as implicações econômicas, sociais e políticas do processo de globalização – distribuição ecológica de conflitos.

2.2 A ECONOMIA ECOLÓGICA

O moderno processo civilizatório, que funda-se em princípios de racionalidade econômica e instrumental, acabou por moldar as diversas esferas da sociedade, através dos padrões tecnológicos, as práticas de produção, a organização burocrática e os aparelhos ideológicos do Estado, onde há muito se começa a questionar os custos sócio-ambientais derivados da racionalidade produtiva fundada no cálculo econômico, na eficácia dos sistemas de seus meios tecnológicos.

As mudanças que ocorreram nos ecossistemas e vem ocorrendo, contribuíram com ganhos finais substanciais para o bem-estar humano e o desenvolvimento econômico, mas esses ganhos foram obtidos a um custo crescente, que incluiu a degradação de muitos serviços dos ecossistemas, trazendo maior risco de mudanças atmosféricas, a exacerbação da pobreza para alguns grupos da população etc.

Por que é importante descrever a economia ecológica no contexto da crise ambiental? Porque aquela tem uma participação e função de economicamente mitigar alguns processos deletérios da crise e é uma das soluções encontradas para, que através da lógica mercantilista no meio ambiente, cursando assim, como a boa vontade política que alguns governos tem se engajados. Através de medidas econômicas, trazer valoração não somente aos recursos naturais em si, mas também a forma com que esses recursos estão sendo utilizados, na sua

impactação e na sua demanda. Essa questão pode ser exemplificada no caso do ICMS-Ecológico, nas gestões dos comitês de bacia hidrográfica. De uma forma os recursos gerados chegam às populações mediante recursos disponíveis para que seja executado medidas compensatórias.

“Os economistas modernos vão fundar a economia no conceito de escassez, que, paradoxalmente, é o contrário da riqueza. Tanto é assim que os bens abundantes – idéia central da riqueza – não são considerados como bens econômicos e, sim, como naturais. Somente à medida que a água e o ar se tornam escassos é que a economia passa a se interessar em incorporá-los como bens no sentido econômico moderno”.

PORTO-GONÇALVES (2006)

CAVALCANTI (1998) afirma não se poder mais aceitar que a lógica do desenvolvimento da economia entre em conflito com a lógica e governe a evolução da biosfera. Ele ressalta ainda que o grande desafio da economia da sustentabilidade, como é chamado, algumas práticas de repensar a crise ambiental e fazer algo para sua reversão, é exatamente desenvolver métodos para integrar princípios ecológicos e limites físicos no formalismo dos modelos econômicos prevaletentes. Assim passou-se a incluir ao nosso vocabulário, termos como compensação ambiental, internalização do dano, princípio do poluidor pagador, certificados negociáveis de poluição, comitês gestores de bacia, dentre outros termos.

Apesar de a valoração econômica ainda não ter sido aplicada em todas as possíveis áreas, a sociedade tem se mobilizado e contribuindo de forma incisiva. Autores como MOTTA (2004) afirmam que as variações de bem-estar das famílias estão relacionadas por decisões dos investimentos públicos e que na valorização do meio ambiente, através da prática econômica, os valores sociais dos bens e serviços são considerados de forma a refletir variações de bem-estar e não somente seus respectivos valores de mercado. O lixo, por exemplo, é um produto de uma sociedade cada vez mais consumista e por gerar grandes volumes necessita de locais finais para a sua destinação, que conseqüentemente grandes áreas ambientais para sua recepção. Nesse caso a valoração poderia ser usada para permitir um fluxo real de volume que sem dúvida reduziria a problemática da destinação final. Talvez a valorização econômica deveria ser melhor entendida na sua ampla capacidade em benefício

tanto para o meio ambiente como para as pessoas diretamente, não excluindo com isso, as comunidades que hoje se chamam favela.

2.3 O QUE É A CRISE ECOLÓGICA?

A crise ecológica é também **uma crise de percepção** que coloca em dúvida todo o processo civilizatório vivido até aqui. A materialização de necessidades e desejos não significou a felicidade pretendida para todos, mas sim um movimento cada vez mais forte de exclusão e miséria de escala planetária, que se faz sentir em uma parcela cada vez maior da população.

Essa crise não é só ecológico-ambiental, mas também é social, moral e econômica. É uma resultante da irresponsabilidade da humanidade perante si mesma, pela sua incapacidade de olhar o passado e de olhar-se no presente, ficando cega para o que pode vir depois, como consequência de seus atos, ou pela falta deles.

É uma crise de toda a sociedade, crise da energia.

ENZENSBERGER (1976), diz que, antes de ter uma explicação eminentemente natural, ela é resultado de um processo social ligado intimamente ao modo de produção capitalista. O autor defende a seguinte hipótese central, levantada pela ecologia: "*As sociedades industriais produzem contradições ecológicas que deverão conduzi-las à sua ruína em um tempo previsível*".

PORTO-GONÇALVES (2006), um dos mais atilados ecologistas políticos da atualidade nos situa, de forma ainda mais precisa, na atual crise planetária, quando afirma que "o desafio ambiental se coloca no centro do debate geopolítico contemporâneo, enquanto questão territorial, na medida em que põe em questão a própria relação da sociedade com a natureza, ou melhor, a relação da humanidade, na sua diversidade, com o planeta, nas suas diferentes qualidades".

Existe uma aparente ruptura entre a dimensão sócio-cultural-econômica e as variáveis ambientais. Entretanto a cada dia mais se percebe a necessidade da inserção ambiental nestes processos sob pena de se ampliarem as desigualdades sociais entre povos e regiões, conduzindo àquilo que vem sendo denominado de desenvolvimento sustentável. A humanidade parece perdida, a vagar por entre as consequências de uma crise de percepção que coloca em dúvida todo o processo civilizatório vivido até aqui.

É possível superar a crise ambiental nos marcos do sistema capitalista? Como é que isto se relaciona com as causas sociais e que soluções sociais podem ser oferecidas em resposta, tornaram-se as questões mais urgentes com que a humanidade se defronta – questão de sobrevivência. Há a clara necessidade de ser superada a dicotomia entre o desenvolvimento econômico e o direito a um ambiente saudável. A isso também relacionam-se as questões de justiça social e justiça ambiental, já que, em se reduzindo a qualidade ambiental, afeta-se também a qualidade de vida com o surgimento dos impactos sociais, culturais, sanitários etc. Segundo POLANYI (1980) “*imaginar a vida do homem sem terra é o mesmo que imaginá-lo nascendo sem mãos e pés*”.

2.4 O PAPEL DA SOCIEDADE NA BUSCA POR SOLUÇÕES DA CRISE

Para buscar a resolução da crise ecológica, há que se fazer um esforço conjunto de toda a sociedade civil organizada. Deve haver projetos sérios que satisfaçam as demandas sociais e naturais. Há que se ter leis, políticas públicas, boa vontade dos gerentes do Estado, participação social e, principalmente, o homem se ver como espécie ameaçada.

Certamente não existem soluções mágicas capazes de reverter no curto prazo séculos de degradação ambiental e de reprodução de um modelo de dominação social excludente e explorador. Contudo a tomada de consciência de cada um deve ser imediata.

Só haverá possibilidade de mudança real a partir de uma transformação profunda no pensar e no agir da humanidade, substituindo o *ter* pelo *ser* em sua ordem de prioridade. Esse é um ideal perfeitamente alcançável, no entanto, para se chegar até ele é preciso uma mudança radical na forma de *sentir* do ser humano, para que se possa então *perceber* o seu entorno e renovar as relações na Terra e com a terra, promovendo um modo de vida mais digno e ético.

Alguns autores abordam a necessidade de redução do consumo, ter políticas claras de natalidade, ampliar a participação econômica dos países desenvolvidos na busca pela redução da pobreza, a redução da degradação ambiental como o desmatamento, a poluição dos corpos hídricos etc. É juntar-se à luta, que pode se iniciar pela educação ambiental.

Importa construir a relação entre as lutas sociais e as ambientais, pois aquelas são na sua grande maioria advindas das lutas destas e elas concordam unidas ao redor de objetivos comuns.

Este é o teor que ALIER (1998) tem produzido como tese, e que segundo ele: o "ecologismo dos pobres" ou "ecologismo popular" tem como eixo fundamental o interesse

pelo meio ambiente como "fonte de condição para a subsistência" e como fundamento ético "a demanda por justiça social (e ambiental, acrescentaria) contemporânea entre os humanos".

O ecologismo popular é uma corrente do movimento ambientalista, que se propõe a lutar "contra os impactos ambientais que ameaçam os pobres, que constituem a ampla maioria da população em muitos países". É a presença do preconceito ambiental que é relegado à periferia a vizinhança com as indústrias poluidoras, lixões ou mesmo bairros bastante degradados em potencial humano.

Dessa maneira, os principais problemas sócio-ambientais que, por exemplo, assolam as cidades da modernidade, estão intimamente associados à complexa relação entre pobreza e o não-acesso aos serviços de consumo coletivo. Então a luta pelo fim da crise ambiental será mostra através de uma tomada de conscientização, a soma de esforços, o entendimento entre Estado e sociedade, e até mesmo entre Estado e Estado. Começa em se reconhecer humano, reconhecer as falhas e mudar de atitude que prejudique mais o meio ambiente, é a prática do desenvolvimento realmente sustentável que requer que se removam as principais fontes de privações de liberdade: *“pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destruição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância excessiva de Estados repressivos”*. SEN (2000)

O papel da sociedade é vital para a busca da resolução da crise ambiental. Ela pode se manifestar por diversas formas algumas dessas lidando diretamente com o problemas e tantas outras de forma indireta. Hoje em dia essa participação pode se manifestar, dentre outras, nas seguintes formas:

1. Na representatividade política – onde grupos de pessoas com formação técnica ou apenas políticos, engajam-se na formulação de leis que pleiteiam melhorias ambientais e manutenção do que há ainda de recursos naturais, como é o caso do Mistério do Meio Ambiente, de deputados dentro das diversas camadas da estrutura político administrativa brasileira.
2. acordos políticos unilaterais e bilaterais, como por exemplo foi a Eco-92 e atualmente o Fórum de Mudanças Climáticas.
3. participação de organização não-governamentais – mais ligadas ao conservacionismo como é o caso do *greenpeace*, WWF, Onda Azul, dentre outros;
4. participação educacional – onde cada professor capacitado é um multiplicador de conhecimento e fomento de uma busca pela melhoria como por exemplo a inclusão da educação ambiental nos currículo educacional brasileiro do ensino fundamental e médio;

5. A academia com o desenvolvimento de cursos ligados ao meio ambiente e política ambiental, com exemplo PGCA, LATEC etc.
6. A luta popular por moradia, por educação, por representatividade política;
- 7 campanhas governamentais que envolvam diretamente a população como, por exemplo: O Dia D, campanha nacional de vacinação,
8. As atividades das diversas prefeituras inaugurando projetos, fomentando o conservacionismo; instituindo a agenda 21 local; o estabelecimento dos planos diretores etc.

2.5 A AGENDA 21

A Agenda 21 que foi um dos principais resultados da Eco-92 onde estabeleceu a importância de cada país se prometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas sócio-ambientais. Com esse documento, cada país desenvolve sua Agenda 21, onde no Brasil se discute no âmbito da Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional – CPDS.

A agenda 21 se constitui num poderoso instrumento de reconversão da sociedade industrial rumo a um novo paradigma, que exige a reinterpretação do conceito de progresso, contemplando maior harmonia e equilíbrio holístico entre o todo e as partes, promovendo a qualidade, não apenas a quantidade do crescimento. Assuntos como: cooperação internacional para acelerar o desenvolvimento sustentável dos países em desenvolvimento e políticas internas correlatas; combate à pobreza; mudança dos padrões de consumo; dinâmica demográfica e sustentabilidade; proteção e promoção das condições da saúde humana; promoção do desenvolvimento sustentável dos assentamentos humanos; integração entre meio ambiente e desenvolvimento na tomada de decisões; conservação e manejo dos recursos para o desenvolvimento; proteção da atmosfera; abordagem integrada do planejamento e do gerenciamento dos recursos terrestres; manejo dos ecossistemas frágeis; conservação da diversidade biológica; manejo ambientalmente saudável da biotecnologia; proteção dos oceanos, de todos os tipos de mares, uso racional e desenvolvimento de seus recursos vivos; proteção da qualidade e do abastecimento dos recursos hídricos; manejo ambientalmente saudável dos resíduos sólidos e questões relacionadas com os esgotos; fortalecimento do

papel dos grupos principais; comunicação científica e tecnológica; transferência de tecnologia e etc.

No Brasil a Agenda 21 assume uma coloração baseada nos programas de inclusão social (acesso de toda a população à educação, saúde e distribuição de renda), a sustentabilidade urbana e rural, a preservação dos recursos naturais e minerais e a ética política para o planejamento, rumo ao desenvolvimento sustentável.

Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente a Agenda 21 brasileira iniciou-se em 1996 e terminando a sua primeira fase em 2002, onde em cima de áreas temáticas se determinou a forma de consulta e construção do documento brasileiro, estas foram: agricultura sustentável, cidades sustentáveis, infra-estrutura e integração regional, gestão dos recursos naturais, redução das desigualdades sociais e ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável.

A partir de 2003 a Agenda 21 brasileira além da fase de implementação assistida pelo CPDS, foi elevada à condição de Programa do Plano Plurianual. Assume assim maior força política e institucional passando a ser instrumento fundamental para a construção da sustentabilidade em solo brasileiro, tendo adotado referenciais importantes como a Carta da Terra.

O Plano Plurianual - PPA é o principal instrumento do Estado para a promoção do desenvolvimento econômico e social de forma sustentável. É composto de programas e ações. Programas são instrumentos de organização da atuação governamental, que articula um conjunto de ações para o alcance de um objetivo comum preestabelecido, mensurado por indicadores, de um problema ou atendimento de demanda da sociedade ou aproveitamento de uma oportunidade de investimento. E ações são instrumentos de programação para alcançar o objetivo de um programa.

O PPA é elaborado pelas secretarias estaduais, segundo as diretrizes estabelecidas pela atual gestão. Além disso o PPA orienta duas outras leis: a de Diretrizes Orçamentárias e a Orçamentária Anual que especificam onde e como os recursos do Estado serão aplicados a cada ano.

A participação social nos projetos da agenda 21 é fundamental para a o êxito da empreitada e essa representatividade compartilha com o Estado o desenvolvimento de atividades includentes reduzindo a verticalização. E como participar? Através de iniciativas comunitárias (no bairro, escola, empresa, sindicato); através do Fórum da Agenda 21 e dos grupos de trabalho.

CAPÍTULO TRÊS

PRERROGATIVAS SOCIAIS BÁSICAS DA POPULAÇÃO

3.1 SAÚDE E CIDADANIA

Para falar de meio ambiente, crise e sociedade, não se pode deixar de lado suas especializações no contexto de saúde. Inicia-se este capítulo discutindo sobre a imprecisão do conceito de saúde associado com outra grande imprecisão que reside no conceito de direito à saúde.

A Saúde é o produto de condições objetivas de existência, resultante de *condições de vida*, biológica social e cultural e também das *relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza*, através do trabalho. Ter e promover saúde implica em conhecer como se apresentam as condições de vida e de trabalho para que seja possível intervir socialmente na sua modificação.

A saúde como um direito de todos, deve ser posta ao alcance do indivíduo, deve ser considerada como um objetivo do desenvolvimento econômico (e aqui há uma tangência entre a formulação do conceito e a agenda 21), e não só como um meio de alcançá-lo. Saúde não aborda somente a ausência de doença, mas também o completo bem estar físico, mental e social, tornando-se assim, uma definição ampla e nebulosa.

Agora, quanto ao direito à saúde, ZUCCHI (1997), diz que a sociedade brasileira, hoje em dia, tem um conceito equivocado. Parte-se do pressuposto de que muito desse decorre da própria imprecisão do conceito de saúde, ou seja, a definição de saúde não está suficientemente clara. Este forma equivocada de pensar é embasada no contexto histórico do papel do Estado dentro da sociedade brasileira – um tanto paternalista, na grande maioria das vezes.

Para se entender o direito à saúde deve-se perceber que há dois componentes fundamentais da construção do conceito de saúde: o primeiro componente é o caráter *individual*. Esse privilegia a liberdade. As pessoas devem ser livres para escolher qual o tipo de relação que pretendem ter com o meio onde elas estão inseridas, qual o recurso médico-sanitário a ser usado e mesmo qual o profissional a ser procurado.

O segundo componente é o componente *social* onde o direito à saúde privilegia a igualdade, visto que saúde torna-se diluída e difundida entre os cidadãos. Nesta, para que a saúde de todos seja preservada, faz-se necessária a vacinação, a *notificação*, o tratamento e mesmo o isolamento de certas doenças, a de alimentos contaminados, o controle do meio ambiente, do trabalho e a garantia da oferta equânime de assistência à saúde DALARI (1998).

Talvez, o que mais surpreende é que dessas definições amplas e imprecisas, autores como ZUCCHI (1997) ainda afirmam que não se deve confundir o direito à saúde, com o direito aos serviços de saúde ou mesmo, com o direito à assistência médica e nem considerar a assistência médica como o principal fator determinante do nível de saúde.

Apesar da expansão da universalização do Serviço Único de Saúde – SUS, há ainda os resquícios das relações de compadrio tão característico da sociedade brasileira onde em bolsões políticos, que exigem comprovação de residência ou sufrágio; na falta de vagas e ou leitos; na falta de profissionais para o atendimento, essa proposta de universalização esbarra e se torna cruelmente excludente, dentro de determinadas situações, mesmo sabendo que o direito à saúde é um ato cidadão, amparado pela Constituição Federal de 1988. Todo cidadão brasileiro tem direito a atendimento em saúde de forma igualitária e sem custo direto, independentemente do grau de intervenção em saúde, ou seja, se vai simplesmente a uma consulta ou uma cirurgia de grande porte.

3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS

BOURDIEUR (1997) em “*É possível um ato desinteressado?*” Discute que uma das dificuldades da luta política atualmente reside no fato dos dominantes, tecnocratas, tanto de direita quanto de esquerda, serem partidários da razão e do universal. Esse universal foi inventado por eles mesmos, para se manter em dominação. “A dominação em nome do universal para aceder à dominação”.

A formulação das políticas sociais baseia-se na economia de mercado que existe no seio de um país. Essa economia de mercado tem sido difundida desde o século XVIII e tem originado um grande número de demandas relacionadas com a sobrevivência das pessoas. Tem, ainda, dissociado o mundo do trabalho das condições materiais objetivas de existência.

A intervenção do Estado na economia se faz tanto por meio de medidas de tributação quanto pela alocação de recursos. Utilizando os instrumentos de intervenção econômica -

política cambial, a fiscal e monetária – as projeções estabelecidas pelo governo são alcançadas, no território chamado de macroeconomia.

A alocação de recursos objetiva distribuir recursos públicos a fim de promover o ajustamento em razão das imperfeições do mercado. A alocação oferece determinados bens e serviços à população que serão oferecidos pelo setor privado.

Política pública não é o mesmo que **Decisão Política**, pois política pública envolve mais que uma decisão política e requer diversas ações estrategicamente selecionadas para implementar as decisões tomadas.

Segundo SANTOS JR (2003), as políticas públicas podem ter diversos objetivos e diferentes características e formatos institucionais. Este autor mostra os tipos de políticas mais comumente encontradas na sociedade brasileira.

“Política pública é tudo o que um governo faz e deixar de fazer, com todos os impactos de suas ações e de suas omissões... elas definem normas para a ação e para a resolução dos eventuais conflitos entre os diversos indivíduos e agentes sociais”.

As políticas públicas são caracterizadas como:

- a) Políticas regulatórias – estas visam regular determinado setor. Elas se caracterizam por atingirem as pessoas enquanto indivíduos ou pequenos grupos, elas cortam transversalmente a sociedade, afetando de maneira diferenciada pessoas pertencentes a um mesmo segmento social.
- b) Políticas distributivas – que tem objetivos pontuais ligados à oferta de equipamentos e serviços públicos. É a sociedade como um todo, através do orçamento público quem financia sua implementação, enquanto os beneficiários são pequenos grupos ou indivíduos de diferentes estratos sociais;
- c) Políticas públicas redistributivas – onde há uma redistribuição de renda na forma de recursos e/ou de financiamento de equipamentos e serviços públicos, onde o financiamento pode ser garantido através dos recursos orçamentários, compostos majoritariamente pela contribuição dos estratos de média e alta renda.

*“Para se tornar viável a sobrevivência individual e familiar, a população se vê compelida a barganhar as condições de venda de sua capacidade de trabalho”*ENSP-FIOCRUZ (2001).

O padrão de vida tornou-se parcialmente dependente do valor de renda direta gerada pelo trabalho assalariado.

Questões como saúde e educação adquirem contornos públicos e dependem de ações governamentais para seu equacionamento e não se resolvem apenas na esfera de mercado. Há um conjunto de necessidades sociais que exigem políticas direcionadas a um beneficiário individual ou grupo.

O sistema de saúde brasileiro vigente e amparado pela Constituição toma a forma de um tipo de política pública, pois tem características dos três tipos supracitado. Como regulatório o SUS passa ter vida na Lei 8080/90. Como distributivo, mesmo que não oficialmente, e por isso, esta dissertação, foi desenvolvida a saúde, e porque não dizer meio ambiente, tem servido a algumas parcelas da população. E finalmente, como redistributiva notamos o caráter universal do papel do SUS com conseqüente contribuição nacional ao desenvolvimento e implementação do referido Sistema.

3.3 A SAÚDE NAS CONSITITUIÇÕES BRASILEIRAS

A constituição é a lei fundamental escrita do Estado, a base de todas as demais e perante ela, todas as demais leis devem estar de acordo com a Constituição.

O desenvolvimento dos direitos sociais no Brasil segue um padrão autoritário, no qual a conquista da cidadania se dá de forma a fragmentar a classe trabalhadora, concedendo benefícios como privilégios de certas frações, como parte de um projeto de “corporatização” do movimento social.

Segundo ZUCCHI (1997), “O Brasil eximiu-se de formalizar o reconhecimento do direito à saúde na Constituição do Império do Brasil de 1824 e nas Constituições de 1891, de 1934, de 1937, de 1946, de 1967 e de 1969. Explicita, no máximo, a assistência médico-sanitária ao trabalhador, através da previdência social e a competência de planos nacionais de saúde”.

Foi a partir dos anos 30 que, efetivamente, se consolidou um projeto social estatal. Na Constituição de 1934, promulgada a 16 de julho, impõe-se uma nítida separação do Estado liberal para a democracia social. DIAS (1986). Essa Constituição limitava-se a declarar que a legislação do trabalho deveria observar, preceitos quanto à assistência médica e sanitária ao trabalhador. Ela definia as responsabilidades do Estado no que se refere a legislar sobre normas de assistência social e assistência médico-sanitária ao trabalhador e à gestante.

Por volta desses anos houve um incremento da industrialização no país e o crescimento da massa de trabalhadores urbanos que começam a reivindicar políticas

previdenciárias e assistência à saúde. O Estado interveio e foram criadas os IAP's (IAPI, IAPTEC, IAPM, etc) Esses institutos organizaram uma rede de ambulatórios e hospitais para assistência em saúde.

A Constituição de 1937 decretada durante o Estado Novo restringiu-se a competência da Constituição anterior determinando à União, a legislar sobre normas de defesa de proteção de saúde. Descentraliza e direciona aos Municípios a possibilidade de legislar para suprir deficiências locais em assistência pública, obras de higiene, casas de saúde, clínicas, estações de clima e fontes medicinais.

A Constituição de 1946 veio assegurar o direito à assistência sanitária, inclusive hospitalar e preventiva, ao trabalhador e à gestante, higiene e segurança do trabalho, direito da gestante a descanso antes e depois do parto, sem prejuízo do emprego nem do salário.

A Constituição de 1967 legislou à propósito de assegurar assistência sanitária hospitalar e médica preventiva através de planos nacionais de saúde. ZUCCHI (1997) afirma que o legislador constitucional não teve maior criatividade no que concerne ao direito à saúde, apenas repetiu o que há havia sido feito na Constituição de 1946.

Até a constituição de 1967, a assistência médica foi apenas garantida aos trabalhadores e dependentes vinculados ao sistema previdenciário.

O direito à saúde, como se é percebido hoje, como um direito de todos e dever do Estado, foi estabelecido na Constituição de 1988.

3.4 SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Segundo SILVA JR (1996), na década de 70 a medicina científica foi muito criticada nos países desenvolvidos, devido aos seus custos progressivos e sua baixa eficácia relativa no enfrentamento de problemas da população. Dessas críticas surgiram propostas que a racionalizavam integrando-a com a saúde pública. Logo, os grupos de oposição ao governo militar, por terem interesses em redemocratizar o país, colocaram-se contra a medicina científica. A partir de então, vários municípios organizaram uma rede de Unidades de Saúde para a atenção primária em saúde. Essas experiências formaram a base para o movimento de reforma sanitária que, segundo SILVA JR (1996), culminou na 8ª Conferência Nacional de Saúde. As diretrizes dessa conferência ganharam texto legal na Constituição de 1988 e na Lei Orgânica de Saúde de 1990.

O Sistema Único de Saúde – SUS foi criado na Constituição Federal de 1988 e regulamentado na Lei 8.080 de 1990 e Lei 8.142 de 1990. Constitui-se em ações e serviços públicos de saúde integrados em uma rede regionalizada e hierarquizada e com os seguintes princípios:

- 1) Universalidade – todo cidadão tem direito ao acesso a todos os tipos de serviços públicos (estatais ou privados, conveniados ou contratados) e o sistema deve garantir esse direito;
- 2) Equidade – igualdade com justiça, onde as diferenças são consideradas e recebem tratamento igualitário; acesso de todos não importando o estrato social ou condição econômica;
- 3) integralidade – a pessoa deve ser percebida como um todo e integrante de uma comunidade, de um meio ambiente e as unidades prestadoras de serviços devem ser capazes de prestar assistência integral.

Este princípio do SUS tem uma relevância digna de comentário. Atualmente muito se fala em meio ambiente e por certo a espécie *Homo sapiens* está inserida nesta discussão, pois dentre a todas as espécies que habitam o planeta, é a única que traz conseqüências marcantes para a continuidade de vida na Terra. Usuário de inteligência força e poder, exerce crescente impacto nos ecossistemas. Analisando-se esse princípio do SUS pode-se ver que a integralidade que leva em consideração o homem como pessoa, não o dissocia do seu eu interno, seu trabalho e sua cultura. Logo, o considera como indivíduo que faz parte do seu meio e é também produto do meio que o cerca. Nem que seja apenas à nível psicológico e comportamental.

Retomando o SUS, LEITE (1997) diz que a atenção à saúde da população compreende três grandes campos:

- 1) Assistência – atividades dirigidas às pessoas individual ou coletivamente, e que são prestadas no âmbito domiciliar, ambulatorial e hospitalar;
- 2) Intervenções ambientais – monitoramento das relações interpessoais e das condições sanitárias nos ambientes de vida e de trabalho, controle de vetores e hospedeiros, operação de sistemas de saneamento ambiental;
- 3) Políticas públicas – políticas externas ao setor de saúde, que podem provocar mudanças nos determinantes sociais do processo saúde-doença das coletividades: questões relativas às políticas macroeconômicas, ao emprego, à habitação, à educação, ao lazer e à disponibilidade e qualidade dos alimentos.

Em contraponto à saúde nas demais Constituições anteriores, na de 1988 as três esferas de governo: União, Estados e Municípios, têm igual responsabilidade de garantir o direito, que LEITE (1997) chama de *direito de cidadania*.

As diretrizes básicas do Sistema Único de Saúde:

- 1) Descentralização – técnica, administrativa e financeira da gestão. Os serviços de saúde têm que estar sob gestão municipal, ficando o a União com os grandes serviços de referência em articulação extremas e com a coordenação das políticas, formar bancos de dados etc;
- 2) Financiamento – Tem que haver garantias de recursos públicos para o financiamento. Para isso o SUS é financiado por toda a sociedade de forma direta e indireta mediante recursos proveniente dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios, e das seguintes contribuições sociais:
 - a) Dos empregadores, incidente sobre a folha de salários, o faturamento e o lucro;
 - b) Dos trabalhadores;
 - c) Sobre a receita de concurso de prognósticos.
- 3) Participação social – através das conferências e conselhos de saúde, onde a população pode participar através de:
 - a) Processos de comunicação e educação;
 - b) Utilização dos meios de comunicação;
 - c) Atividades comunitárias;
 - d) Conselhos locais.
- 4) Fundo de saúde – Uma conta especial, onde são creditados todos os recursos recebidos do próprio município, do Estado, da União ou de qualquer outra fonte de recurso, até mesmo doações. Esta é uma forma exclusiva controlar o uso dos recursos para destinação e gestão do próprio SUS, garantindo que não haja utilização ou desvio de verbas para outra área social;
- 5) Conselho de saúde – Também como exigência legal prevê a participação das pessoas nas decisões, levando a um controle social dos serviços públicos;
- 6) Conferência de saúde – Cada esfera de governo deve realizar a cada quatro anos, no mínimo, uma conferência de saúde e nesta, se reúnem pessoas representantes de todos os segmentos da sociedade, juntamente com os técnicos, os profissionais de saúde, as instituições de saúde e os administradores públicos, para discutir a situação de saúde de uma cidade, ou estado ou do Brasil.

- 7) Plano diretor de saúde – onde são norteadas questões como:
- a) Levantamento da situação em saúde com determinação dos problemas;
 - b) Definição de ações;
 - c) Análise dos obstáculos para implementar o plano e estabelecimento de estratégias;
 - d) Implementação, acompanhamento e avaliação das ações.
- 8) Comissão de Plano de cargos, carreiras e salários – Uma prefeitura tem como atividade principal a prestação de serviços e o recurso que deve ser mais valorizado são seus funcionários.
- 9) Relatórios de gestão – Servem para avaliar o que se tem conseguido e retratar as metas. Neles incluem a quantidade de serviços produzidos e também a sua qualidade.

Com este comentário sobre o SUS tenta-se mostrar um pouco do que ele é, para que haja uma compreensão maior quando da abordagem do problema da crise ambiental e o meio ambiente que o homem vive. Meio ambiente, sob o prisma que se olha, leva em consideração o SUS, uma vez que é no seu contexto que os atores desta pesquisa têm suas interações sociais e fundamentam sua existência em relação ao meio ambiente que os cerca.

CAPÍTULO QUATRO

PROBLEMAS SÓCIO-AMBIENTAIS

4.1 CIDADANIA

ALIER (1998) é feliz na sua afirmação quando vincula degradação da qualidade de vida, tanto no âmbito rural como no urbano, à crise ambiental. Esta crise é uma crise planetária e, com suas particularidades de região em região está sendo sentida e percebida pelos povos. A sociedade se levanta mundialmente em busca da qualidade de vida, saúde, educação, participação social etc. A luta pelo meio ambiente, e as condições de vida do ser humano da atualidade é um exemplo de que as mudanças têm afetado o planeta Terra como um todo.

Uma das mais expressivas transformações ambientais da atualidade é o avanço do processo de favelização, que segundo DAVIS (2006), *a favelas serão as cidades do futuro*, que em vez de serem feitas de vidro e aço, serão construídas em grande parte de tijolo aparente, palha, plástico reciclado, blocos de cimento e restos de madeira.

São transformações ambientais na medida em que ao ocuparem parcelas consideráveis do solo urbano, o fazem sem critério de ocupação, onde a propriedade não é levada em consideração. É transformação ambiental pois afeta o microclima local sendo difícil se pensar em arborização em favela. É problema ambiental, pois as habitações ocupam áreas de encostas, beira de rios, terrenos baixos e alagáveis, são zonas onde a violência explode continuamente, onde existe hora para se chegar, para se viver, onde constantemente a vida corre risco de existência e paradoxalmente onde a vida pulsa sem se cansar.

Mal servida de árvores faltam favelas que tenha uma boa distribuição de árvores Sem dúvida é uma luta por existir, uma luta por fincar raízes, por pertencer a um lugar. Mesmo que encorajados pela falta de políticas Estatais com relação a moradia e porque é mais perto do local de trabalho ou porque alguém da família já ocupa algum imóvel ou porque o poder aquisitivo permite a aquisição de um imóvel justamente naquele espaço. É transformação ambiental pois a favela é uma cidade dentro da cidade, onde o Poder Público demora a chegar ou quando se chega. É problema ambiental pois, as pessoas que ali residem, têm dificuldades

de manter e preservar sua cidadania, é um lugar onde existe altas taxas de excluídos sociais, com baixos índices de escolaridade onde trabalhadores tem que sustentar família de 3 a 5 pessoas ou mais.

Com isso tem-se visto que não só o movimento civil organizado (pesquisadores, políticos, países) tem se levantado em busca de alguma solução; mas, também, as massas, mediante participação em ONG e pequenos grupos que estão se inserindo no movimento organizado. É a busca pela qualidade do ar, da água, pela renda, pelo transporte, a busca pelo direito de amamentar seus filhos enquanto ainda em tenra idade. A busca pelo direito de ter direito, ou seja, porque não dizer em CIDADANIA.

O que é cidadania? Fazendo uma leitura atenta deste termo entre os diversos autores que o abordam dentro de suas linguagens, se extrai o entendimento de que a cidadania é um processo em execução.

Segundo VIEIRA (2001) a República moderna não inventou a cidadania. Esta se origina na República Velha, isto é, ainda na época romana que naquela época tinha um contexto de pertencimento a uma cidade, ser membro pleno, com direitos individuais.

Nos anos de 1776 e 1789 durante as Revoluções Americana e Francesa, com o retorno ao ideal republicano da Antiguidade promovido pelo renascimento, a construção da cidadania enfrentou três problemas que a levou a se diferenciar da cidadania antiga. O primeiro problema foi a edificação do Estado, com as separações das instituições políticas e da sociedade civil no interior de territórios. O segundo problema foi o regime de governo. Onde, já no renascimento, houve um pensamento coletivo sobre o ideal republicano que leva a inseparável idéia de isonomia e de igualdade. E o terceiro problema foi a sociedade, até então, não ter direitos. Não havia direitos humanos.

Com uma expressão forte de teóricos como Rousseau, Constant, dentre outros, foi-se construindo o termo cidadania e seu campo de abrangência. Obviamente influenciada pela nova formação cultural, comercial, pela dinâmica da sociedade em que viviam.

Já no século XVIII e XIX a cidadania ficou restrita ao espaço territorial da Nação onde seria composta dos direitos civis e políticos e dos direitos sociais.

Falar em cidadania é pensar que existem dentro deste conceito direitos de primeira, segunda, terceira e quarta geração. Os direitos de primeira geração são exemplificados como direitos civis e políticos; os de segunda geração, com os direitos sociais. A partir dos direitos de terceira geração há um deslocamento para a coletividade, para grupos de pessoas que compõe a sociedade, como por exemplo, a autodeterminação dos povos, direito ao desenvolvimento, direito à paz, AO MEIO AMBIENTE, e estes são direitos difusos.

Os direitos de quarta geração estão relacionados à bioética que são verdadeiros entraves para impedir a destruição da vida e regular a criação de novas formas de vida em laboratório pela engenharia genética.

Segundo VIEIRA (2001):

“A cidadania surge como uma nova forma de definição da idéia de direitos, onde o cidadão passa a ter o direito de ter direitos. Incluindo o surgimento de direitos como a autonomia sobre o próprio corpo, a moradia e a PROTEÇÃO AMBIENTAL, direitos indispensáveis numa sociedade moderna, mas que não vigoram dentro do nosso Estado”.

Segundo o mesmo autor:

“A nova cidadania não deseja ser apenas uma forma de integração social indispensável para a manutenção do capitalismo, ela deseja a constituição de sujeitos sociais ativos que definam quais são os seus direitos... a nova cidadania exige uma nova sociedade, onde é necessária uma maior igualdade nas relações sociais, novas regras de convivência social e um novo sentido de responsabilidade pública, onde os cidadãos são reconhecidos como sujeitos de interesses válidos, de aspirações pertinentes e direitos legítimos”.

4.2 MEIO AMBIENTE

Nesta seção, para falar de meio ambiente, opta-se por escrever um pouco sobre o que é ecologia, visto que são assuntos intimamente relacionados no contexto deste trabalho.

Começando, então, com ecologia vê-se que esta entra em pauta já em 1866, com um trabalho de Haeckel, LAGO et al. (1985) intitulado Morfologia Geral dos Organismos. Obviamente, há uma grande distância que separa a proposta desse autor ao que hoje em dia trata-se de ecologia com desdobramento em meio ambiente.

Ecologia é o estudo da interação dos organismos interagem uns com os outros e com seu ambiente não-vivo. Examina as conexões na natureza, tentando entender as interações entre organismos, populações, comunidades, ecossistemas e biosfera.

Houve uma evolução no que refere a utilização da ecologia até os dias atuais. O mundo passou a usar o termo ecologia, para identificar um amplo e variado movimento social. Ecologia não é usada somente para designar uma disciplina científica; mas, também, para nomear um amplo e variado movimento social. Logo, tem-se hoje em dia algumas divisões da ecologia e dentro de cada divisão uma variedade imensa de atividades a serem desenvolvidas e as que já foram feitas. Esses campos são sumariamente:

a) A Ecologia Natural que procura entender as leis que regem a dinâmica de vida da natureza. E se utiliza da Física, Química, Geologia etc. Ao investigar o sistema de relacionamento que forma o ecossistema, a Ecologia Natural procura perceber quais são as regras do seu funcionamento;

b) A Ecologia Social que surge a partir da constatação de que os efeitos da degradação ambiental provocam sobre os trabalhadores, diversas conseqüências nefandas, colocando em relação o industrialismo e os limites naturais, inclusive o impacto humano sobre as outras espécies. Este grande potencial desequilibrador ameaça a própria permanência dos sistemas naturais. A ação humana sobre o meio é socialmente diferenciada e se baseia em motivações altamente complexas.

“A construção de um luxuoso palácio, por exemplo, que consome um grande potencial de recursos naturais, não tem como motivo apenas a satisfação da necessidade de abrigo para alguém. A determinação de construí-lo envolve um conjunto de fatores sociais complexos, como por exemplo, os padrões culturais, o sistema político, os mecanismos de dominação social, os símbolos de status, etc. é o conjunto desse tipo de fatores que faz com que o impacto humano sobre o meio seja muito mais intenso do que aquele que seria determinado pelas meras necessidades físicas”.

LAGO *et al.* (2000)

c) O Conservacionismo que nasce da percepção da capacidade de o homem destruir o meio ambiente. E nessa linha há algumas ONG's importantes inseridas com vasta produtividade e presença nos veículos de comunicação. Ex. Greenpeace, SOS Mata Atlântica, WWF etc.

d) Por último, é o Ecologismo segundo ALIER (1998):

“É um projeto político de transformação social, calcado em princípios ecológicos e no ideal de uma sociedade não opressiva e comunitária. A idéia central do ecologismo é de que a resolução da atual crise ecológica não poderá ser concretizada apenas com medidas parciais de conservação ambiental, mas sim através de uma ampla mudança na economia, na cultura e na própria maneira de os homens se relacionarem entre si e com a natureza”.

O Ecologismo não tem apenas a preocupação em garantir a sobrevivência da espécie humana, mas sim em: *“Garantir a sobrevivência pela construção de formas sociais e culturais que permitam a existência de uma sociedade não-opressiva, igualitária, fraterna e libertária”* ALIER (1998).

O Ecologismo é um projeto político e filosófico abrindo um diálogo com a sociedade em geral, desvelando inclusive, partidos políticos de tendência verde. Mas isso nem sempre é visível. Ele é uma via de solução para os **conflitos distributivos econômico-ecológico**. O Ecologismo tem sua origem como uma benesse de classes “mais favorecidas” e estava totalmente desvinculado da tradição de solidariedade universal que tem hoje. Já o Ecologismo que ALIER (1998) chama de “Ecologismo dos Pobres” nasce da contradição entre a economia de valor de uso e a economia do lucro, da expansão, do crescimento. Em um mesmo país pode haver uma reunião dos dois tipos de ecologismos interagindo mutuamente.

O referido autor é à favor de uma escola a qual denomina Neorodnismo Ecológico. Essa escola analisa: contribuições que versam sobre Ecologia como ciência implicada no manejo dos recursos naturais, conservação da biodiversidade. Nele afirma-se que o sujeito potencial do ecologismo não é somente o campesinato com também os habitantes das cidades.

Segundo um ensaio escrito para o Banco Mundial em 1988 e reescrito para a Conferência sobre Sociedade e Meio Ambiente, El Colégio de Michoacán, 1991:

“À primeira vista os conservacionistas...lutam para que os ursinhos panda ou as baleias azuis não desapareçam. Por muito simpático que pareçam às pessoas comuns, estas consideram que há coisas mais importantes com que se preocupar, por exemplo, como conseguir o pão de cada dia...”.

Por mais que extremista que uma afirmação desta pode ser, ela não deixa de revelar um conteúdo real quanto a uma gama imensa de seres humanos, cidadãos ou não que estão à margem de qualquer processo econômico, revela um viés de que não se deve cair no conto de que o pobre polui e degrada mais do que um rico. O pobre tem sua participação sim na destruição do meio ambiente e deveria se conscientizar disso. Mas um fato não deixa mentir que por ser dono dos instrumentos de trabalho, da manipulação da economia a seu favor, tendo meios técnicos adequados para isso, os ricos têm uma capacidade maior de trazer destruição ao meio ambiente. E muitas das vezes, estes vivem bem longe de onde as atrocidades ambientais estão acontecendo.

E meio ambiente o que venha a ser?

Segundo o Vocabulário básico de meio ambiente, há definições acadêmicas e definições legais para meio ambiente e algumas delas bastante limitadas, outras nem tanto.

Definição acadêmica:

- 1) *“As condições, influência ou forças que envolvem e influem ou modificam: o complexo de fatores climáticos, edáficos e bióticos que atuam sobre um organismo vivo ou uma comunidade ecológica e acaba por determinar sua forma e sua sobrevivência; a agregação das condições sociais e culturais (costumes, leis, idioma, religião e organização política e econômica) que influenciam a vida de um indivíduo ou de uma comunidade” (Webster’s, 1976 in FEEMA, 1992);*
- 2) *“O conjunto, dos agentes físicos, químicos, biológicos e dos fatores sociais susceptíveis de terem um efeito direto ou indireto, imediato ou a termo, sobre os seres vivos e as atividades humanas” (Poutrel & Wasserman, 1977 in FEEMA, 1992);*
- 3) *“A soma das condições externas e influências que afetam a vida, o desenvolvimento e, em última análise, a sobrevivência de um organismo” (The World Bank, 1978 in FEEMA, 1992);*
- 4) *“O conjunto do sistema externo físico e biológico, no qual vivem o homem e os outros organismos” (PNUMA apud SAHOP, 1978 in FEEMA, 1992);*
- 5) *“O ambiente físico-natural e suas sucessivas transformações artificiais, assim como seu desdobramento espacial” (Sunkel apud Carrizosa, 1981 in FEEMA, 1992);*

- 6) “O conjunto de todos os fatores físicos, químicos, biológicos e sócio-econômicos que atuam sobre um indivíduo, uma população ou uma comunidade” (Íterim Mekong Committee, 1982 in FEEMA, 1992)

E as definições legais são:

- 1) “Consideram-se como meio ambiente todas as águas interiores ou costeiras, superficiais e subterrâneas, o ar e o solo” (Decreto-lei n° 134/75 – Estado do Rio de Janeiro in FEEMA, 1992);
- 2) “Meio ambiente – o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (Lei 6938/81 – Brasil in FEEMA, 1992)
- 3) “Considera-se ambiente tudo o que envolve e condiciona o homem, constituindo o seu mundo, e dá suporte material para a sua vida biopsicossocial....Serão considerados sob esta denominação, para efeito deste regulamento, o ar, a atmosfera, o clima, o solo e o subsolo, as águas interiores e costeiras, superficiais e subterrâneas e o mar territorial, bem como a paisagem, fauna, a flora e outros fatores condicionantes à salubridade física e social da população” (Decreto n° 28687/82 – Estado da Bahia in FEEMA, 1992).
- 4) “Entende por meio ambiente o espaço onde se desenvolvem as atividades humanas e a vida dos animais e vegetais. (Lei 7772/80 – Estado de Minas Gerais in FEEMA, 1992);
- 5) “É o sistema de elementos bióticos, abióticos e sócio-econômicos, com o qual interage o homem, de vez em quando se adapta ao mesmo, o transforma e o utiliza para satisfazer suas necessidades” (Lei 33/80 – República de Cuba in FEEMA, 1992);
- 6) “As condições físicas que existem numa área, incluindo o solo, a água, o ar, os minerais, a flora, a fauna, o ruído e os elementos de significado histórico ou estético” (California Environmental Quality Act, 1981);

- 7) *“Todos os aspectos do ambiente do homem que o afetem como indivíduo ou que afetem os grupos sociais” (Environmental Protection Act, 1975, Austrália).*
- 8) *“O conjunto de elementos naturais, artificiais ou induzidos pelo homem, físicos, químicos e biológicos, que propiciem a sobrevivência, transformação e desenvolvimento de organismos vivos” (Ley Federal de Protección al Ambiente, de 82, México);*
- 9) *“Meio ambiente significa: (1) o ar, o solo, a água; (2) as plantas e os animais, inclusive o homem; (3) as condições econômicas e sociais que influenciam a vida do homem e da comunidade; (4) qualquer construção, máquina, estrutura ou objeto e coisas feitas pelo homem; (5) qualquer sólido, líquido, gás, odor, calor, som vibração ou radiação resultantes direta e indiretamente das atividades do homem; (6) qualquer parte ou combinação dos itens anteriores e as inter-relações de quaisquer dois ou mais deles” (Bill n° 14 – Ontário, Canadá);*

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 dispõe:

“Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público o dever de defendê-lo e à coletividades o de preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

A constituição do Estado do Rio de Janeiro de 1989 dispõe no Artigo 258:

“Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente saudável e equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida, impondo-se a todos, em especial ao Poder Público, o dever de defendê-lo, zelar por sua recuperação e proteção em benefício das gerações atuais e futuras”.

Essas são as definições, pelo menos oficiais, para a palavra meio ambiente. Mas, na verdade, o que ocorre nos dias atuais é que cada área do conhecimento está se apossando do termo meio ambiente ou desenvolvimento sustentável e, ao se utilizarem, o levam para seus

campos de atuação. Isto pode ser tornar um problema para a ciência ambiental, uma vez que ainda e de fato, educação ambiental é virtual para a grande maioria da população, e estas são manipuladas pela massificação contínua dos meios de comunicação de massa. E o espaço nesses sendo um produto vendável. A população fica à mercê de uma construção fictícia do termo sustentabilidade e meio ambiente.

Esse reclame da palavra meio ambiente pelas diversas categorias profissionais traz, no fundo, uma verdadeira confusão para o leigo, ou pessoas formadoras de opinião e com isso, podem atrasar atividades que possam ser cruciais para o estabelecimento de prioridades em meio ambiente do qual tem-se conhecimento e falamos.

Por isso que as decisões precisam ser tomadas e encaminhadas por pessoas com “*know how*” na área, ou seja, por técnicos com sólida formação em ciência ambiental como um todo, para que não aja vácuos no conteúdo de meio ambiente a ser veiculado e muito menos em leis e resoluções que muito prejudicam o entendimento e execução de atividades em sua proteção.

4.3 A FAVELIZAÇÃO

O que é favela? Parece oportuno defini-la e é certamente mais fácil fazê-lo a partir do que ela *não é* ou pelo que ela *não tem*. Há um consenso de que é um espaço destituído de infra-estrutura urbana, como diz SOUZA e SILVA (2008) “*Sem água, luz, esgoto, coleta de lixo, sem arruamento, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem regras, sem moral, enfim, a expressão do caos*”. Mas certamente favela não é só isso, talvez o seja no imaginário social da população que vive fora daquela realidade ou de repente das diversas instituições do Estado.

Segundo o censo de 1950, são consideradas favelas todos os aglomerados urbanos que possuam, total ou parcialmente, as seguintes características:

- a) Proporções mínimas: agrupamentos prediais ou residenciais formados com unidades de número geralmente superior a 50.
- b) Tipo de habitação: predominância, no agrupamento, de casebres ou barracões de aspecto rústico, construídos principalmente de folhas de flandres, chapas zincadas, tábuas ou materiais semelhantes.
- c) Condição jurídica de ocupação construções sem licenciamento e sem fiscalização, em terrenos de terceiros ou de propriedade desconhecida.

- d) Melhoramentos públicos: ausência, no todo ou em parte, de rede sanitária, luz, telefone e água encanada.
- e) Urbanização: área não urbanizada, com falta de arruamento, numeração ou sinalização.

Desde essa época muito tem se modificado e o conceito tem tornado-se mais amplo, hoje em dia alguns tópicos que levavam a pensar o conceito modificou completamente, por exemplo, hoje, com alguns programas do Estado tem-se favelas com arruamento, numeração. Umas têm rede sanitária, luz, telefone e água encanada. Há mais o predomínio de residência de alvenarias ao invés de tábuas e folhas zincadas etc.

Para o Censo de 2000, favela é definida como:

“Aglomerado subnormal constituído de no mínimo 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, bem como carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais”.

DAVIS (2006) afirma que o Brasil é terceiro país em número de favelas e é triste reconhecer que apesar desta colocação, o IBGE mostra que as iniciativas públicas para enfrentar o problema são cada vez mais escassas. Por exemplo, no ano de 2004, 81% dos municípios informaram ter projetos de investimento na área de habitação e em 2005, foram apenas 67,5%. Ou seja, essa taxa vem caindo vertiginosamente ao longo dos anos. E isso soma-se ao fato da população que vive em favelas ter crescido em 45% entre 1991 e 2000, que foi três vezes superior a média de crescimento demográfico do país. As previsões são bastante sombrias, estimando o IBGE, estima que para o ano de 2020, o país terá 55 milhões de pessoas morando em favelas.

Conceituar favela não é uma tarefa tão fácil assim: segundo o Ministério das Cidades a categorização do que seja favela para o IBGE é ainda restrito, uma vez que deixa de fora, pessoas vivendo de outras formas, como por exemplo, ocupações, loteamentos irregulares e clandestinos. E faz um alerta de que só estas categorias, além do que se é considerado formalmente como favela, aumentam em muito estatisticamente o número de pessoas com conseqüente reflexo nas políticas públicas. Logo, a tomada de decisões político-econômicas, baseadas no consenso do que seja favela pelo IBGE é estar trabalhando com um universo restrito da realidade brasileira. Para TORRES e MARQUES (2008) a grandeza dos números

envolvidos é de suma importância pois, na maioria das vezes, os dados produzidos implicam números subestimados das populações.

O conceito de favela vai além dessas definições, por vezes um tanto eletistas, confeccionadas por pessoas que não têm vivência alguma com o mundo da favela. Essas definições são ótimas para deixar de lado o potencial social que ela constitui. Segundo RIBEIRO e LAGO (2008) a utilização frequente pela mídia de metáforas: “cidade partida”, “desordem urbana” vem dotando a concepção dualista da favela de legitimidade social.

A favela, com um dinamismo característico, tem um ordenamento espacial próprio. Várias são as “Leis” que preenchem espaços deixados pelo Poder Público. Essas Leis referem-se ao horário de circulação, sobre o direito de ir e vir, sobre a definição de quem é morador de fato, sobre a transferência de titularidade de imóveis. Funciona como se houvesse uma cidade dentro da cidade, como se houvesse um poder paralelo de fato, que gerencia mas não congrega e muito menos é paternalista.

Um exemplo é a distribuição de tipos de moradias segundo um zoneamento não muito claro e tão pouco regulamentado oficialmente: nas favelas verticais, é costume encontrar moradores mais antigos migrando para as partes mais baixas da favela e os recém chegados ocupando moradias nas partes mais altas. Ou no caso de favelas horizontais, há as “áreas nobres” mais próximas da malhas viárias urbana. O que é praticamente influenciado pelo poder aquisitivo desses moradores, quanto pelas pressões externas aos mesmos. Nas favelas verticais há ainda mais um agravante: áreas decididamente de risco e insalubres são divididas e ocupadas por último e por pessoas sem qualquer forma econômica de sobrevivência digna. Ali, encontram-se verdadeiramente os barracos de madeira, sem revestimento e tendo o chão “batido” como de piso, onde a umidade e a lama são o dia-a-dia dos seus moradores.

Esse é um zoneamento definidor de grande segregação. Nele, a solidariedade é o último recurso com que seus moradores podem contar.

Pesquisando-se o termo favela, uma curiosidade não pôde passar sem ser percebida: é um termo que migrou com os soldados combatentes, na guerra de Canudos, no interior da Bahia e que se difundiu no Rio de Janeiro, a partir da ocupação do morro da Providência. Os soldados, em campanha contra Antonio Conselheiro, passaram a chamar o morro da Providência de morro da Favela. Segundo CRUZ (1941), *apud* Cabral (1996):

“terminara a luta na Bahia. Regressavam as tropas (...). Muitos soldados vieram acompanhados de suas ‘cabrochas’. Eles tiveram que arranjar moradas. (...) As cabrochas eram naturais de uma serra chamada Favela, no município de

Monte Santo, naquele estado. Falavam muito, sempre da sua Bahia, do seu morro. E ficou a Favela nos morros cariocas. Primeiro, na aba da Providência, morro em que já morava uma numerosa população; depois foi subindo, virou para o outro lado, para o Livramento. Nascera a Favela, 1897.

A existência de favela em solo brasileiro e especificamente no Rio de Janeiro, apesar de ser um evento com mais de cem anos, tem sofrido um *boom* de disseminação, a partir da década de 80, com o esgotamento do padrão de financiamento da economia brasileira que havia se consolidado nos anos 40. Esse financiamento se assentava em três supostos:

- a) Investimento direto dos oligopólios dos países centrais;
- b) O padrão de financiamento se assentava num conjunto de fundos públicos que foram montados durante o pós-guerra, com mecanismos diversos de ampliação das bases fiscais do Estado brasileiro;
- c) O acesso ao mercado internacional de crédito que emergiu nos fins dos anos 60 e se expandiu aceleradamente nos 70.

Até 1940 a presença da favela não chama a atenção. De acordo com o plano Agache, ela não ocupa um lugar importante. De acordo como inquérito da SAGMACS: “Na estatística predial do Distrito Federal de 1933, o crescimento da população dos morros não dava para impressionar ... só a partir de 1933 a favela começa a marcar a paisagem carioca”. E com isso passa a emergir como espaço de habitação precária e improvisada, do predomínio do rústico sobre o durável, da ausência de arruamento, da escassez de serviços públicos. E só aí, e a partir daquele momento a favela passa a fazer parte das execuções de políticas públicas impostas pelo órgão gestores municipais.

O Rio de Janeiro se apresenta como o foco principal do processo de favelização por ter sido a primeira cidade do País, primeiro mercado nacional e internacional, primeiro centro industrial. Por ter sido a Capital Federal o Rio de Janeiro e por ter sido um dos maiores mercados de trabalho do Brasil. Onde, à época canalizou grande parte do fluxo das migrações internas. O êxodo rural despejou aproximadamente 400.000 pessoas das quais, metade veio do próprio estado e o restante do resto do país. Segundo estatísticas da época: a população urbana aumentou 51,6% enquanto a rural diminuiu em 69,7%.

Um dos fatores que justifica essa imigração, de moradores do próprio estado do Rio de Janeiro, para engrossar as fileiras de moradores das favelas cariocas, veio da decadência da

citricultura que florescia na Baixada Fluminense. Com a segunda Guerra Mundial, em que as exportações praticamente pararam, o mercado interno não pode absorver essa produção, conformando uma verdadeira crise agrícola. Esses imigrantes eram compostos na sua grande maioria de uma classe pobre que se empregaram na construção civil, constituindo-se assim, o primeiro elemento determinante da multiplicação das favelas na década de 40. Eram pessoas que não podiam construir uma casa em um terreno próprio, nem pagar um aluguel, assalariadas que não podiam resistir as conseqüências da especulação imobiliária e ao aumento crescente do custo de vida.

Em 1945, tornou-se público a urgência e gravidade da presença das favelas. Com isso os gestores promoveram um estudo sistemático sobre as favelas, seu recenseamento, sua localização, natureza das construções, as condições de vida dos moradores. Aquele fora um ano eleitoral. Descobriu-se o potencial de voto naquelas pessoas e a favela passa a ser vista por um curto período de tempo como uma massa eleitoral numerosa, concentrada em áreas determinadas e de interesses definidos.

Os anos 60 e 70 foram anos muito difíceis para os moradores das favelas. Para CORREIA (2008) naquela época dois atores sociais tinham políticas antagônicas que influenciaram o habitar nas favelas. De um lado existia a CODESCO, uma integração entre governo, universidade e comunidade, que demonstrava um reconhecimento dos direitos da população favelada e de baixa renda. Através de alternativas visava integrar as favelas à cidade formal. Por outro lado existia a CHISAM, do Governo Federal, que tinha a missão de restabelecer o remocionismo como tratamento dominante às favelas e contava com parceria da COHAB e do Governador da época Negrão de Lima onde 114 favelas foram afetadas.

A tabela 2 mostra a evolução do crescimento do número de favelas no município do Rio de Janeiro segundo o Censo 2000.

ACSELRAD (2006) mostra que o regime de acumulação da modernidade é baseado na presença da cidade, elo entre a economia local e os fluxos globais, são máquinas de crescimento promotoras da competitividade internacional. Nos anos 80 as práticas políticas sociais foram substituídas por um empreendedorismo urbano e com isso, o governo propôs novas condições para os processos urbanos passando a envolver, também, atores não-governamentais, privados e semipúblicos.

A economia da velocidade e da incerteza, associada a uma demanda cada vez menos previsível, destrói e recria em permanência o território social. Essa nova regulação urbana, compatível com a acumulação flexível movida pela alta mobilidade espacial do capital, atualiza o papel da cidade como “máquina de crescimento”.

Mas em contra-ponto, os imperativos de desregulação requeridos pela acumulação flexível, fragmentou o tecido institucional e social urbano, tanto numa fragmentação por baixo, como numa fragmentação por cima. A desregulação por baixo promoveu um parcelamento na gestão dos bairros pobres, numa descontinuidade física, gerando competição entre as comunidades e no interior das mesmas, por recursos escassos.

O perfil das cidades na década de 80 era um espelho do investimento por parte do estado na década anterior, onde a base fiscal foi sustentada pela criação de fundos setoriais e um fundo patrimonial, o FGTS é um exemplo desse fundo.

Com o esfacelamento e desaceleração econômica sobre os fundos setorial e patrimonial, houve uma dependência maior aos financiamentos externos. Com o quadro que emerge na década em que se denominou de metropolização da pobreza com isso houve um acentuado desenvolvimento urbano desigual, que ao invés de eliminar a herança do atraso, reproduziu-a e deu-lhe novas conformações.

É um contexto seguido de *boons*. Um deles o da violência urbana, seguido do aprofundamento da desigualdade através da reprodução e do engendramento de formas modernas e arcaicas, como exemplo pode-se citar o SFH e BNH que foram criados pelo regime militar, e foram absolutamente fundamentais para a estruturação e consolidação do mercado imobiliário urbano capitalista.

Essa violência que eclodiu no final dos anos 80 e início dos 90, com mais visibilidade na cidade do Rio de Janeiro, atraiu atenção para a imensa massa de excluídos do mercado de trabalho e do mercado de consumo regular, além dos serviços e infra-estrutura urbanos. O desempenho recessivo da economia brasileira durante os anos 80 promoveu uma nova realidade do que seja cidade e espaço urbano.

O investimento de uma vultosa soma de recursos (FGTS e SBPE) no financiamento à habitação, saneamento básico e infra-estrutura urbanos mudou a face das cidades brasileiras, verticalizando áreas centrais, aumentando o preço da terra, dinamizando a promoção e construção de imóveis, diversificando a indústria de materiais de construção, subsidiando apartamentos modernos para a classe média emergente e patrocinando a formação ou a consolidação de grandes empresas nacionais de construção pesada.

Apesar de o SFH ter financiado 4,8 milhões de moradias ou praticamente 25% do incremento do número de habitações construídas no Brasil entre 64 e 86, o número de moradores de favelas cresceu acentuadamente no período e continua a crescer.

A Lei Federal 6.766/79, estabeleceu regras pra o parcelamento solo, também trouxe significativa restrição da oferta de moradias para a população trabalhadora. Fruto da luta de

movimentos de moradores de loteamentos irregulares, a nova lei atende a uma reivindicação popular: criminalização do loteador “clandestino”, possibilidade da suspensão do pagamento para efeito de viabilizar a execução de obras urbanísticas e atribuição ao município ou o Ministério Público da representação das comunidades através do interesse difuso.

A acentuada concentração e centralização das políticas e da definição dos investimentos em habitação, saneamento e infra-estrutura urbanos, durante o regime militar, tiveram conseqüências para a realidade que hoje se vê como uma malha ou colcha de retalhos por sobre o espaço urbano:

- a) Programas idênticos para todo o país que desconheciam especificidades ambientais urbanas, regionais, sociais, culturais etc;
- b) Enfraquecimento do poder local: a diretriz de saneamento foi contrária à autonomia municipal, reforçando empresas públicas estaduais, muitas das quais sob influência das grandes empreiteiras;
- c) Projetos faraônicos (saneamento), superfaturados, e má qualidade das construções (habitação) alimentando o clientelismo e a corrupção.

A falência do SFH promoveu o recuo dos investimentos nas áreas de habitação e saneamento básico durante os anos 80.

A conquista da abertura política, com o fim do regime militar, pelos emergentes movimentos operários, camponês e popular urbano não significou a conquista da democracia econômica.

A democracia é tão somente um método de escolha coletiva cujos resultados são abertos e incertos. Ela pode reproduzir efeitos perversos – e mesmo potencializar interesses particulares. A expansão do mercado político no país – via reiteração de eleições livres – não foi acompanhada de uma expansão do controle social e da institucionalização do sistema político e, certamente, do ponto de vista agregado, parece ter levado a uma expansão do clientelismo e da ineficiência administrativa.

Não é surpresa alguma o fato de que a democracia não produziu maior bem-estar ou equidade, nem tampouco produziu políticas públicas que revertessem as patologias sociais associadas com a ordem política anterior. Por outro lado assiste-se na chamada nova república, a um processo agudo de fragmentação institucional e à paralisia decisória que produzem um quadro de cinismo cívico generalizado.

A percepção é de que o Estado pode ser responsabilizado, em larga medida, por empurrar parcela significativa da população à adotar práticas classificáveis como ilegais, que ele mesmo instituiu como ilegais sob certa pressão. Acsehrad (2006) é um dos autores que

abordam o regime de acumulação da modernidade que foi endossado pelas políticas do Estado.

Logo, favela é um centro sócio-habitacional dinâmico, influenciado por suas demandas e pelo imaginário dos seus habitantes. Nem seu próprio conceito escapa da dinamicidade que veio se sobrepondo a ela, ao longo desses 100 anos de existência. E para ilustrar, transcreve-se aqui a expressão artística de alguns compositores da Música Popular Brasileira que através das suas letras trouxeram uma documentação do que seja favela segundo as formas de verem esta realidade.

Favela

Numa vasta extensão
Onde não há plantação
Nem ninguém morando lá
Cada um pobre que passa por lá
Só pensa em construir seu lar
E quando o primeiro começa
Os outros depressa
Procuram marcar
Seu pedacinho de terra pra morar (...)
É ali que o lugar, então
Passa a se chamar favela

Jorginho e Padeirinho (1966)

Barraco de tábuas

O morro era um presente de Deus
Vivia no abandono
Agora morro tem dono
Adeus, Salgueiro, adeus
Desço a ladeira chorando
Sem ter a quem reclamar
Se o morro é um presente do céu
Deus não tem imposto a cobrar
Invés de barracos destruídos
Roupa nova para os morros mal vestidos...

Herivelto Martins e Vítor Simon (1952)

Nestas letras fica patente a percepção que o morador, o favelado encara a imensidão de terra que sem exploração econômica direta, serviria de espaço para a construção de moradias. Ou seja, a demanda era: um pedaço de solo para fincar suas raízes, sendo brasileiros e melhor dizendo moradores da Capital.

Em outro ponto se percebe a maneira perversa que o Sistema tinha de fazer com que os favelados não tornassem dependentes, sendo eles mesmos os construtores de suas próprias residências.

E em terceiro momento, a política empreendida pela a administração pública da Capital que mediante iniciativas, desmantela algumas favelas e removem seus moradores para outras localidades. Perdendo, talvez, sua identidade local.

Santuário no Morro

(...) Barraco grudado no morro
É mais forte d'água até
Barraco na hora do aperto
É santuário de José
Por isso minha nega
Não chora mais em vão
Barraco é santuário
Deus não vai jogar no chão

Adilson Godoy (1966)

E exemplificando a dinâmica social dentro do contexto favela três canções escritas na mesma década revelam o que se podia esperar sendo um favelado. Há nitidamente as carências. Mas quem se disporia a dar conta daquela realidade?

O meu guri

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando, não sei lhe explicar
Fui assim levando ele e me levar
E na sua meninice ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí, olha aí, olha aí
Olha aí é o meu guri
Chega no morro com carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no algo
Essa onda de assalto ta um horror
Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar
Olha aí
Olha aí, olha aí, olha aí
Olha aí, ai é o meu guri
Ele chega
Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que ta rindo
Acho que ta lindo, de papo pro ar
Desde o começo eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá
Olha aí, olha aí, olha aí
Olha aí, ai é o meu guri

Chico Buarque 1981

Alagados

(...) Palafitas, tristes farrapos
Filhos da mesma agonia
E a cidade de braços abertos num cartão postal
Com os punhos fechados da vida real
Lhes nega a oportunidade
Mostra a face dura do mal
Alagados, *trench town*, favela da Maré
A esperança não vem do mar, nem das antenas de TV
A arte é de viver da fé
Só não se sabe fé em quê

Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone (1986)

Nos barracos da cidade

Nos barracos da cidade
Ninguém mais tem ilusão
No poder da autoridade
De tomar a decisão
E o poder da autoridade
Se pode, não faz questão
Se faz questão, não consegue
Enfrentar o tubarão
Ô, ô, ô, ô, ô
Gente estúpida
Ô, ô, ô, ô, ô
Gente hipócrita

Liminha e Gilberto Gil 1986

PARTE II

CARACTERÍSTICAS DA ÁREA DE ESTUDO

CAPÍTULO CINCO

O COMPLEXO DE FAVELAS DE ACARI

5.1 A “FAVELA DE ACARI”

Não existe simplesmente a “favela do Acari” mas sim um complexo de favelas que ao longo dos anos, adensaram e tornaram-se administrativamente um complexo. Até para os seus moradores essa distinção é hoje em dia real e traz alguns dos benefícios e malefícios propostos pelo tipo de administração pública do momento.

O Complexo de Acari é formado pelas comunidades de *Vila Esperança*, *Vila Rica de Irajá* e *Parque Acari*, com cerca de 25 mil habitantes, segundo dados do censo de 2000 do Instituto Pereira Passos – IPP e do IBGE. Estas três comunidades são, na verdade, três grandes favelas que juntas ocupam uma área aproximada de 537.880 m².

Localizado às margens da Avenida Brasil, o Complexo de Favelas de Acari tem como vizinhos contíguos os bairros da Pavuna, de Coelho Neto, de Irajá, de Jardim América e Parque Colúmbia. O bairro de Acari, situado na XXV Região Administrativa, é separado do bairro de Coelho Neto pela linha 2 do Metrô.

É uma região servida por diversas linhas de ônibus e delimitada pela linha dois do metrô no seu lado oeste, pela BR-116 – Rodovia presidente Dutra pelo seu lado leste; pela Avenida Brasil pelo lado sul e pelo Rio Acari pelo lado norte.

Esta região começou a ser ocupada na década de 40, após a abertura da Avenida das Bandeiras, depois chamada de Avenida Brasil. Com exceção do conjunto Areal, também denominado de Amarelinho e da Olaria, toda a parte plana era um manguezal, que foi aterrado aos poucos. Segundo alguns moradores, que estão na comunidade há pelo menos 50 anos, o início da ocupação foi marcado pela ausência de luz elétrica e de água potável, que era colhida do outro lado da Avenida Brasil, no conjunto habitacional de Coelho Neto. Há quem diga que o lugar era cheio de caranguejos, rãs, cobras e jacarés.

Somente na década de 70, os moradores começaram a ser organizar para legalizar a ocupação. Para isso, depois de uma união com os trabalhadores da olaria, os moradores

reuniram-se com alguns órgãos públicos. Depois de 25 anos, os moradores receberam o título de propriedade e, em 1981, a comunidade conseguiu estruturar sua associação de moradores.

5.2 ESPACIALIDADE DO COMPLEXO DENTRO DO CONTEXTO MUNICIPAL

Ao longo dos anos, o Conjunto Acari expandiu-se no entorno de suas vias de acesso, principalmente da Rua Enora. Como os centros comerciais ficavam longe da comunidade, começaram a surgir nas imediações lojas de material de construção, o que facilitou aos moradores a substituição da madeira pela alvenaria em suas casas. Das três comunidades do Conjunto Acari, Vila Rica de Irajá foi a única a ocupar um terreno já explorado, que pertencia a uma olaria e ao INSS. A prefeitura do Rio de Janeiro não dispõe de dados precisos de quando a ocupação começou, mas, segundo alguns moradores, o lugar, que havia se chamado de Areal, teria sido batizado de Coroadó, devido à semelhança com a cidade de Coroadó, onde, na ocasião, se desenrolava a novela Irmãos Coragem. Em 1979, com a ocupação consolidada, foi fundada a Associação de Moradores e a comunidade passou a se chamar Parque Vila Rica. Na década de 80, um projeto de urbanização levou aos moradores a implantação das redes de água e esgoto. Nessa época as três comunidades de Acari uniram esforços para cobrar do poder público, mais investimentos na região. A expansão da comunidade só era possível com aterro de áreas alagadas e de manguezais. Com isso, o escoamento de águas pluviais ficava cada vez mais difícil, até que, em 1986, uma tempestade provocou uma grande inundação, que deixou o interior da maioria das casas com cerca de um metro de água. Atualmente, Vila Rica de Irajá é dividida em sete setores: o Central, formado pela Rua Olaria, a principal da comunidade, que concentra os serviços e o comércio do lugar; o Cruzeiro, que fica na parte alta do conjunto; o Portinho, cujo acesso é difícil; o Marginal da Avenida Brasil, com uma faixa de cerca de 100 metros junto à avenida, com intenso fluxo de veículos e de pedestres; o do Vale, com acesso apenas para pedestres; e o marginal ao canal, que concentra serviços comunitários como o Centro Dom Bosco e o Centro Cultural Areal Livre.

A ocupação do Parque Acari também data de 1940 e tem em seu histórico confrontos de moradores com policiais militares, que várias vezes derrubaram os barracos erguidos na comunidade. Segundo os moradores, após várias tentativas frustradas de remoção das famílias, Ernesto Lima de Souza, suposto proprietário do terreno, tentou fechar o lugar. Entretanto, diante de resistência dos moradores, desistiu da ação e retirou-se definitivamente.

Apesar de feito pelos próprios moradores, o processo de ocupação do Parque Acari deu-se de forma ordenada, com a construção das casas devidamente alinhadas seguindo características de um loteamento. Desde o início da ocupação, os moradores contaram com ajuda de norte-americanos da Igreja Presbiteriana que, entre outras ações, ergueram o prédio da associação de moradores. No final dos anos 60, a comunidade teve sua própria escola de samba, a Império de Acari, que chegou a desfilar no grupo principal em 1968 e 1969. A quadra ficava onde hoje fica a Travessa Braule e o Beco Leandro, em homenagem ao fundador da escola.

Os nomes de ruas e becos homenageiam antigos moradores da comunidade. Atualmente, o Parque Acari tem quatro sub-setores. O principal deles é formado pelas vias de acesso à comunidade: as ruas Pantoja, Edgar Soutello e Piracambu. Os outros são: a Travessa Piracambu, limite da comunidade com a Fábrica da Esperança; a área central, que fica entre a Travessa Piracambu e Edgar Soutello; e a Rua União. A vida social dos moradores da Comunidade do Conjunto Acari mudou nos anos 90, quando um grupo de adolescentes foi alvo da violência. Às mães destes jovens juntaram-se outras, que formaram o grupo Mães de Acari. Com apoio de entidades da sociedade civil, ONGs e voluntários, a comunidade buscou proteção para os jovens da comunidade. Dentre as ações estabelecidas, a que mais chamou a atenção foi o Projeto Fábrica da Esperança, implantado nas antigas instalações da Formiplac. Assim, os jovens da comunidade passaram a ter acesso a cursos profissionalizantes, atividades esportivas e sócio-recreativas. A Fábrica da Esperança, entretanto, por falhas em sua administração, não teve vida longa e acabou sendo fechada.

5.2.1 VILA ESPERANÇA

A favela Vila Esperança, é uma das muitas favelas cariocas a ser beneficiada pelo programa Favela Bairro da Prefeitura Municipal. Sua data de cadastramento junto a Prefeitura do Rio de Janeiro é de 08/03/1982. Esta favela tem Regularização urbanística fundiária baseada na Lei de Área de Especial Interesse Social, número 3846/04. PREFEITURA MUN. DO RIO DE JANEIRO.

Além de Vila Esperança, esta favela recebe outros nomes:

- a) Para a SMU ela se chama Ninho de Cobras;
- b) Para o IBGE Parque Vila Rica de Irajá e;
- c) Para seus moradores - Coroados

Pelo que se nota, estes nomes tornam peculiar a forma com que se classificam os moradores pelo espaço do município do Rio de Janeiro. Isto tem implicações políticas, econômicas e culturais para eles. Segundo entrevista com o Presidente da Associação do Areal, os moradores são estigmatizados perante outras comunidades e nas empresas quando precisam dizer o nome do local onde vivem. Então segundo o Presidente da Associação muito se tem lutado para reconhecer esta comunidade com o bairro, e o avanço disso foi a inclusão da área no Programa de Favela Bairro que trouxe alguns avanços importantes na área de saneamento e coleta de água potável, mas que ainda assim não se concretizou plenamente ficando ainda obras por serem realizadas. Algumas casas mesmo dentro da área de planejamento do Programa Favela Bairro não foram contempladas, mantendo ainda o grau de insalubridade a que outras áreas excluídas do programa estão até hoje vivenciando.

No imaginário da população, ser morador da Vila Esperança difere socialmente de ser morador do Ninho de Cobras, apesar de ser o mesmo lugar. Deveria haver um avanço da administração pública com relação a esta preocupação da população. Bem ou mal ali é o local onde habitam, onde fincaram raízes e onde criam seus filhos. Urge uma unificação de nomes para que, com isso, haja um aumento no nível de auto-estima para seus habitantes.

Os nomes que trazem conotação jocosa para a comunidade estão em processo de mudança e segundo o Presidente da Associação de Moradores, não só Ninho de Cobras, mas outros nomes como Fim do Mundo, Mangue Seco, Beco do Zé do Porco, estão em processo de troca por respectivamente: Moinho de Ouro, Primeiro Mundo, Atalaia, Vila São Luiz.

Junto a Vila Esperança se encontra o conjunto habitacional do Areal (Amarelinho). A história deste conjunto remonta aos anos de 1949 e 1951. Seus moradores são originários das regiões hoje conhecidas como Catacumba, Praia do Pinto que atualmente pertencem a áreas nobres dentro do Município. O conjunto foi construído depois que houve um remodelamento de um morro por terraplenagem e com isso proporcionou um platô para a construção do conjunto. O terreno que na época era de propriedade do Ministério da Agricultura hoje faz parte dos espólios do CEASA e a alvenaria do Conjunto tem o INSS como proprietário, até que seus moradores regularizem sua aquisição junto a este órgão.

Segundo o IPP, IBGE (censo de 2000), a população da Vila Esperança é de 5.666 pessoas distribuídas por 1.258 domicílios.

Vila Esperança compartilha, na verdade, suas escolas, com alunos de outras favelas do complexo. Essas escolas são:

Casa da Criança Amarelinho;

Ciep Doutor Adão Pereira Nunes;

Escola Municipal Conde Pereira Carneiro;

Escola Municipal Cornélio Pena;

Escola Municipal Olímpia do Couto; e

Escola Municipal Sebastião Lacerda.

Além dessas escolas e ainda também, usadas pelos moradores das outras duas favelas que compõem o complexo, tem-se:

Creche Municipal Major Celestino Santos;

Centro de Referência da Assistência Social de Acari;

Centro de Referência da Assistência Social José Carlos Campos;

Posto de Assistência Médica Francisco da Silva Telles;

Posto de Saúde Edma Valadão; e

Posto de Saúde Prof. Carlos Cruz Lima.

5.2.2 VILA RICA DE IRAJÁ

A favela Vila Rica de Irajá, se encontra inserida entre duas outras que são a Vila Esperança e o Parque Acari; sendo também, uma favela beneficiada pelo programa Favela Bairro. Sua data de cadastramento junto a Prefeitura do Rio de Janeiro é de 18/02/1982, anterior à favela de Vila Esperança. Segundo a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Vila Rica de Irajá se encontra ainda sem informações disponíveis quanto a regularização urbanística fundiária.

Além de Vila Esperança, esta favela recebe outros nomes:

a) Para a LIGHT ela se chama Vila Rica;

b) Para alguns moradores também se chama Coroado, mesmo nome dado a favela de Vila Esperança

Sua população segundo o censo de 2000, encontrava-se em 9.664 pessoas divididas entre 2.659 domicílios. Assim como a favela de Vila Esperança, Vila Rica tem como equipamento público adicional:

Ciep Antonio Candeia Filho;

Escola Municipal General Osório;

Escola Municipal Monte Castelo;

Escola Municipal Olímpia do Couto;

Escola Municipal Jardim de Infância Ana de Barros Câmara;

Centro de Referência da Assistência Social Francisco Sales de Mesquita; e
Posto de Saúde Sylvio Brauner.

5.2.3 PARQUE ACARI

A favela Parque Acari encontra-se adjacente ao Hospital de Acari. Também assim como as outras duas do complexo, esta é uma favela beneficiada pelo Programa Favela Bairro. Sua data de cadastramento junto a Prefeitura do Rio de Janeiro é de 08/02/1982. Sua Regularização urbanística fundiária encontra-se também sem dados disponíveis pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

Outras instituições como o IBGE denominam de Parque Vila Rica de Irajá e a Secretaria Municipal de Urbanismo a chama de Ninho de Cobras que, como foi abordado anteriormente, traz uma conotação pejorativa para a localidade.

Sua população segundo o censo de 2000 se encontrava em 6638 pessoas divididas entre 1767 domicílios. Ressalta-se que esses dados têm oito anos de defasagem.

Quanto aos equipamentos públicos, esta favela dispõe dos mesmos utilizados pelas outras duas favelas. Do outro lado da linha 2 do metrô, há também outras escolas, tanto públicas quanto particulares, que absorvem a demanda ali gerada.

A área ocupada desta favela é de aproximadamente 154.186 m²

5.2.4 BEIRA RIO

A favela Beira Rio se encontra ao longo do Rio Acari por uma extensão de 380 metros aproximadamente. É uma comunidade tipicamente “ribeirinha” mas infelizmente esta denominação não tem o romantismo das outras que se conhece, pois o Rio Acari tornou um esgoto à céu aberto há muito tempo.

Por pertencer ao Complexo esta é também um favela beneficiada pelo Programa Favela Bairro. Sua data de cadastramento junto a Prefeitura do Rio de Janeiro é de 21/09/1981. Sua Regularização urbanística fundiária encontra-se também sem dados disponíveis pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

Outras instituições como o IBGE a chama de Beira Rio, a Light a chama de Parque Novo Rio e os próprios moradores também a chamam de Matura.

Sua população segundo o Censo de 2000 se encontrava em 141 pessoas divididas entre 42 domicílios.

Quanto a equipamentos públicos, esta favela dispõe além dos mesmos utilizados pelas outras duas favelas. Não foi abordado anteriormente que do outro lado da linha 2 do metrô, há também outras escolas tanto públicas quanto particulares que absorvem a demanda gerada por aquele lado.

A área ocupada desta favela é de aproximadamente 15.464 m² segundo dados fornecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Durante muito tempo esta favela viveu praticamente vizinha da Liquid Carbonic que foi extinta em 2002. Empresa que produzia CO₂ para refrigerantes.

5.3 ATORES SOCIAIS DENTRO DO COMPLEXO

Os atores sociais que podem ser encontrados dentro do complexo de favelas de Acari variam desde moradores comuns, sem nenhuma atividade política expressiva, que são como eles mesmos dizem, beneficiários das atividades fomentadas e desenvolvidas por outros, ou que trazidos em forma de política pública. Até representantes eleitos direta e indiretamente pelo povo, ou por assumirem um posto de “chefia” ou coordenação de algum órgão oficial do Estado ou por ser os responsáveis pelas diversas ONG’s espalhadas pelo Complexo. Além, é claro dos diversos frequentadores que povoam a realidade diária do Conjunto de Favelas.

5.4 REPRESENTAÇÃO DO ESTADO

O Estado através das suas instituições deve ser o responsável pelo o fomento da melhoria da qualidade de vida e acesso a cidadania. Deve permitir um diálogo entre a sociedade, dando chance para que ela pratique dos seus direitos e deveres. Deve instruir o cidadão na sua capacidade de ter e participar, por meio das políticas públicas.

As políticas públicas mais expressivas que estão relacionadas diretamente ao complexo são os Programas de Urbanização, tanto a nível municipal quanto Estadual e Federal, que podem ser geridos com verbas próprias ou financiamento por outras grandes instituições da esfera pública.

Dentro do contexto do complexo de favelas de Acari os exemplos que se pode citar neste trabalho são:

a) PROGRAMA FAVELA-BAIRRO

O programa favela-bairro foi criado como instrumento para a integração urbanística e social entre os cariocas e para reverter o quadro de degradação urbana que geralmente acompanha o desenvolvimento dos grandes centros urbanos.

No seio da grande cidade, e com o atrativo que desperta em regiões vizinhas e devido ao grande aporte de migração em busca de melhores condições de vida, de melhor remuneração; pessoas acabam, neste trajeto, sujeitando-se a morar em ambientes degradados ou totalmente inapropriados e compatíveis com a vida digna, tanto com relação à unidade residencial como quanto à insuficiência, em maior ou menor grau, de infra-estrutura, bens e serviços públicos que constituem o padrão de cidade contemporânea.

O programa favela-bairro foi instituído em 1993, com o objetivo principal de implementar melhorias urbanísticas, através de obras de infra-estrutura urbana, acessibilidade e criação de equipamentos urbanos que visam ganhos sociais, promoção social, integração com a transformação daquele tipo de dispersão habitacional em bairro.

Junto com o Favela-Bairro, outras atividades do estado foram necessárias para a implementação do programa que se somaram com o mesmo objetivo. Estas atividades foram: a regularização fundiária e a geração de renda. Para o caso do complexo de Acari houve uma parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID que foi co-financiador.

Segundo a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, as principais ações para integrar as áreas de favela ao tecido urbano da cidade formal foram:

- Oferecer condições ambientais para a leitura da favela como um bairro da cidade;
- Introduzir os valores urbanísticos da cidade formal como signo de sua identificação como bairro – ruas, praça;
- Mobiliário e serviços públicos;
- Consolidar a inserção das favelas no processo de planejamento da cidade;
- Implementar ações de caráter social, implantando creches, programas de geração de renda e capacitação profissional e atividades esportivas, culturais e de lazer.

b) O PROGRAMA BAIRRINHO

O programa Bairrinho é um favela-bairro nas comunidades de pequeno porte (de 100 a 500 domicílios). Com o objetivo de integrar essas áreas à cidade, o programa implanta infraestrutura, equipamentos e serviços públicos, ao mesmo tempo que incentiva a participação comunitária e estimula a geração de emprego e renda.

Entre as intervenções do Programa estão a abertura e pavimentação de ruas, construção de redes de água, esgoto e drenagem, iluminação pública, creches; quadras poliesportivas; praças; áreas de lazer; criação de serviços de limpeza urbana; além de reflorestamento e remoção de famílias que vivem em áreas de risco, com reassentamento na própria comunidade e demarcação dos limites, com objetivo de evitar a expansão da área.

c) A REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA

Segundo a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, a regularização fundiária viabilizou o direito à propriedade, ao mesmo tempo em que ampliou a base da cidade legal, beneficiando as famílias - a maioria de baixa renda - e a cidade, que passou a ter o controle urbanístico e tributário do local. A prefeitura, para essa regularização, utilizou-se de instrumentos legais como o usucapião urbano, concessão do direito real de uso, termos de doação (quando se tratou de áreas municipais) e a transferência da propriedade por acordo entre o proprietário e os ocupantes dos imóveis. Há ainda no seio do complexo, áreas federais que estão sendo negociadas como é o caso do conjunto do amarelinho.

d) OS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

- Escolas Estaduais:

- Escolas Municipais: Escola Municipal Olimpia do Couto; Escola Municipal Conde Pereira Carneiro; Escola Municipal Cornélio Pena; Escola Municipal Sebastião de Lacerda; Ciep Doutor Adão Pereira Nunes;

- Creches: Casa da Criança; Creche Municipal Major Celestino R. dos Santos;

- Centro de referência da assistência Social: Centro de Referência da Assistência Social José Carlos Campos;

- Centro Comunitário de defesa da cidadania;

- Unidades de Saúde: Posto de Assistência Médica Francisco da Silva Telles; Posto de Saúde Edma Valadão; Posto de Saúde Prof. Carlos Cruz Lima e o Hospital Ronaldo Gazolla (Hospital do Acari) que se encontra fechado.

CAPÍTULO SEIS

REPRESENTAÇÃO SOCIAL

6.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Para se estudar os fenômenos que permeiam a realidade do Complexo de Favelas de Acari optou-se por utilizar a Teoria das Representações Sociais para tentar trazer à luz a maneira pela qual os diversos atores envolvidos na realidade daquele complexo interagem entre si, produzindo material de convivência, de luta; fomentando a produção social do espaço urbano.

Mas, o que são Representações Sociais? Elas são reconhecidas como fenômenos psicossociais históricos e culturalmente condicionados. Sua explicação deve se dar necessariamente aos níveis de análise posicional, pois as representações, como diz FARR, (1992) *apud* SÁ, 1996 “estão tanto na cultura quanto na cognição”. As representações sociais designam tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los. Foi inaugurado por Serge Moscovici em 1961.

Segundo JODELET, (1989) *apud* SÁ (1996) é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto. Para DOISE, (1990) *apud* SÁ, (1996) são princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações. Para ABRIC, (1994) *apud* SÁ, (1996) é o produto de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real com que se confronta e lhe atribui uma significação específica.

Esta teoria tem algumas vantagens pois dá conta dos significados sociais construídos e partilhados através da comunicação. A população do complexo de Acari tem suas necessidades que são baseadas no que conhecem da realidade e do que já foi internalizado cognitivamente de uma realidade não vivida. Com isso fica fácil ler nos seus discursos construções coletivas do fazer sendo, esse, bom ou mau. As representações sociais

representam, por excelência, o *espaço do sujeito social*, lutando para dar sentido, interpretar e construir um mundo em que ele se encontra.

O agir baseado nas representações dá-se através da transformação das atividades mentais em objeto que por si só é possível dentro de um dado quadro social, constituindo assim uma herança social comum. Não há nada real que não seja construído pelo sujeito, apoiando-se em sistema de valores e implicados em um contexto social e ideológico. Segundo ANADON e MACHADO (2001): “a partir da herança social, o indivíduo desempenha um papel não negligenciável, em suas tomadas de decisão: ele é ao mesmo tempo produto e produtor da sociedade e esta existe somente através das suas práticas”.

VALA, (1993) *apud* SÁ, (1996) é um teórico que descreve o contexto fenomenal das representações sociais, distinguindo três campos de significação.

- a) Conhecimento vulgar de idéias científicas popularizadas;
- b) Objetos culturalmente construídos através de uma longa história e seus equivalentes modernos;
- c) Condições e acontecimentos sociais e políticos, onde as representações que prevalecem têm um curto prazo de significação para a vida social.

De acordo com IBAÑEZ, (1988) *apud* SÁ (1996), grande parte do material que se constrói uma representação social provém do fundo cultural acumulado na sociedade ao longo de sua história. Esse fundo circula através de toda a sociedade sob forma de crenças amplamente compartilhadas, de valores considerados como básicos e de referências históricas e culturais que conformam a memória coletiva e até a identidade da própria sociedade.

Na formação de uma representação social o material cognitivo se torna social através da dependência entre os membros do grupo social. As representações com isso podem ser hegemônicas – as que são partilhadas por todos os membros de um grupo altamente estruturado; podem ser emancipadas – que são conseqüentes da circulação do conhecimento e das idéias pertencentes a subgrupos que se encontram em contato mais ou menos estreito e por fim há as chamadas de polêmicas que são geradas no curso de conflitos sociais, de controvérsias sociais, e a sociedade como um todo não as compartilha. MOSCOVICI (1988).

Logo representação social é a modalidade de conhecimento particular que tem por função exclusiva a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos no quadro da vida cotidiana.

ABRIC (*ibidem*) relata as finalidades próprias das representações sociais:

- a) Função de saber – onde elas permitem compreender e explicar a realidade, facilitando a comunicação social;

- b) Função identitárias – onde definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos;
- c) Função de orientação – onde guiam os comportamentos e as práticas. Produzindo também um sistema de antecipações e de expectativas;
- d) Função justificatória – onde permite justificar a posteriori as tomadas de posição e os comportamentos.

E por que utilizar-se das Representações Sociais? Porque entendendo o impacto delas no contexto social é que se pode questionar esse contexto, transformar o curso dado da vida e ajudar na construção de uma nova história. JOVCHELOVICH (2000).

6.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS ATORES ENTREVISTADOS NO COMPLEXO DE FAVELAS DE ACARI

“Quando as condições sociais e/ou o ambiente natural afetam o indivíduo, a intensidade dos efeitos na qualidade da sua experiência humana dependerá da sua capacidade em perceber essa influência, uma vez que a percepção é uma variável cultural”.

BOYDEN *et al.* (1981) *apud* DIAS (1997)

Segundo JOVCHELOVICH (2000), uma forma de se interpretar o que foi produzido pelos entrevistados é utilizar-se de um sistema de codificação, onde mediante ele, as unidades de sentido e modalidades discursivas associadas ao conteúdo que emergiu das entrevistas, seja, trabalhado em termos de Representação Social. A Representação Social como um veículo de tentar desvelar a realidade social é um veículo em que se busca reconstruir a partir das falas, tomadas de decisão ou indignação por parte do interlocutor. Para suas construções cognitivas há sempre uma correlação com o tom de voz e expressividade ou mesmo participação através do fazer objetivo.

Foi utilizado um sistema de codificação procurando classificar os conteúdos a partir das modalidades discursivas em que estas aparecem: descrições, explicações e causas das várias realidades descritas pelos entrevistados e efeitos e estratégias de enfrentamento

associadas com as descrições e explicações. Trata-se de, a partir, de palavras chaves, comuns, montar um entendimento da heterogeneidade aparente nas falas e trazê-la para um marco comum.

As modalidades discursivas expressas no conteúdo gravado das entrevistas estão ligadas a unidades de sentido que constituem o sistema geral de codificação da fala e foram reorganizadas em níveis maiores de abstração de modo a gerar unidades temáticas. Essas falas são um reflexo da realidade em que vivem e ao mesmo tempo dita e questionada pelos próprios. O que não se pode deixar de lado é o individualismo que mesmo dentro das Representações Sociais, parece ser uma constante.

É válida a metodologia da narrativa para se estudar as Representações Sociais. RICOEUR, (1980) *apud* JOVCHELOVITCH, (2000) afirma que:

“O tempo da narrativa é, desde o início, tempo de ser-com-outros (...) a arte de contar histórias retém o caráter público do tempo e ao mesmo tempo não o deixa deslizar para o anonimato – ela o faz um tempo comum aos atores, um tempo tecido pela sua interação. À nível da narrativa, naturalmente, ‘outros’ existem”.

O quadro 1 mostra os temas e a organização das unidades de sentido: as unidades de sentido.

CULTURA	FATALIDADE	INDIVIDUALISMO	MEIO AMBIENTE	NECESSIDADES	PODER PÚBLICO	SAÚDE
Educação, Mente pequeninha	Favela	Valor individual	Biodiversidade	Orientar	Gari comunitário	Sentir-se saudável
Reciclagem	Violência urbana, Conflitos	Despreocupação	Água, Ar	Limpeza	Não melhorou não	Viver bem
IDH	Desmatamento	Participação individual	Esgoto, Saneamento, Vala negra	Conscientização	Guardiões do Rio	Melhoria do espaço limitado
Prevenção	Doenças repetitivas		Sistema de vida	Urbanização	Verbas destinadas	Espaço físico de lazer
Consumismo	Epidemia		Defesa do espaço físico	Educação		Equilíbrio físico-mental
	Insalubridade		Limpeza, Lixo			Limpeza de onde se vive
	Vala negra		Mosquito, Dengue			
	Incapacidade		Casa			
	Poluição		Comunidade			
		Lugar onde vive				

Quadro 1 de modalidades discursivas e suas representações sociais

As modalidades discursivas são tópicos nos quais foram incluídas as representações sociais. Elas separam os diversos temas em unidades afins, menores, dando com isso, melhor entendimento para o processo de construção da representação social. As modalidades discursivas forma eixos que subjazem e dos quais fica mais fácil a construção e interpretação das representações dos entrevistados.

Da tabela pode-se destacar: cultura, fatalidade, individualismo, meio ambiente, necessidades, poder público e saúde. Estas, retiradas do conteúdo entrevistado ao longo da pesquisa de campo, logo a tabela mostra as diversas modalidades discursivas e suas representações sociais associadas.

6.2.1 CULTURA: REPRESENTANDO SUA INTER-RELAÇÃO COM O REAL

A cultura de uma população é uma tomada de posição frente às realidades que se vive, e as Representações Sociais advindas daí são diversas. Pode haver uma faceta de repetição do que outros já têm feito, e pode também gerar o novo, numa mistura que enriquece o dia-a-dia. A cultura pode vir a ser tudo o que é aprendido e partilhado pelos indivíduos de um determinado grupo e que lhes confere, identidade dentro do grupo a que pertence. A cultura é o conjunto de manifestações humanas que contrastam com a natureza ou comportamento natural.

Das entrevistas percebe-se que para a boa convivência, os moradores devem ter determinados tipos de atitudes, devem ter um fazer com valor positivo socialmente. Das modalidades discursivas emerge a necessidade de educação, como mínimo parâmetro para se ter educação e para se viver em sociedade.

Educação é tida como uma forma de se perpetuar às gerações que se seguem, dos meios culturais necessários à convivência em sociedade. É um tipo de conhecimento que uma vez aprendido, internalizado, capacita o indivíduo a contextualizar sua realidade e este indivíduo tem a oportunidade de partilhar o conteúdo apreendido através de redes de multiplicação. A grande dificuldade especialmente para os moradores deste Complexo é justamente delimitar o que seja educação. Não se pode por si só dizer que estes não a tenham. O que não se consegue precisar é o nível de educação que eles têm; não querendo cair no discurso do que é melhor ou pior mas sim, qual o nível é satisfatório para a convivência em sociedade.

Como base, a educação é necessária para moldar a personalidade do indivíduo, para mostrar o caminho às pessoas, para que se consiga abstrair o que é certo, o que é errado,

mediante os símbolos e signos sociais. Certamente cada habitante tem uma história de vida, herdamos conceitos, sabemos sobre o fazer. Sabemos dos direitos, deveres. Talvez tenham recebido um resquício da educação formalizada em algum momento de suas vidas através da escola. Talvez a tenham percebido pelo debate social travado continuamente na esfera pública também fora da escola – a educação é um *continuum*.

Como se sabe não é somente a educação bancária ou tradicional que educa ou deseduca. A escola apesar de ser a primeira entrada no mundo, não é de modo algum o mundo e muito menos deve pretender a sê-lo. A escola é antes a instituição que se interpõe entre o mundo privado do lar e o mundo, de modo a tornar possível a transição da família para o mundo.

Em diversas entrevistas a palavra educação apareceu com um tom de reclame pelo o que tem acontecido no interior daquela comunidade e ela está vinculada fortemente à palavra lixo. A educação dos moradores é questionada, por exemplo, quanto à destinação final dos seus resíduos sólidos. Ela é cobrada continuamente porque muitos moradores jogam lixo em todo e qualquer lugar. São práticas difíceis de se coibir. As pessoas jogam lixo pelo chão e não se importam com que outros vão dizer. Não são simples papéis de bala, ou papezinhos amassados, mas sim bolsas de mercado com o produto das suas atividades diárias, que fica emoldurando esquinas à mercê de cães e, principalmente, insetos e roedores. Muitos dos moradores não se importam e não têm a visão de que aquele ato poderá trazer doenças:

“... e outra coisa é nós temos o lixo aqui, as pessoas não educadas.... eles não, eles jogam o lixo toda vez... é garrafa pet para um lado, víscera de peixe pra um lado, víscera de galinha para um lado, então eles não sabem separar, isso é falta de educação ambiental, e não é feito na comunidade, as escolas que estão começando agora a fazer isso”.

ENTREVISTA 1

Jogar lixo no chão ou pela janela dos veículos de transporte passa a ser normal dentro de uma realidade que envolve problemas educacionais, deficiência de se internalizar o discurso da higiene e da qualidade de vida. É ainda mais evidente quando se tem um serviço público e regular de limpeza urbana.

“... ah se você se andar nas ruas becos você vê muita sujeira, os garis acabam de limpar e se eles voltarem duas horas depois está tudo sujo.”

ENTREVISTA 1

A educação ou a deseducação de os moradores de modo a não dispersarem o lixo em lugares inapropriados e fora do período de coleta acaba tornando um problema coletivo importante. Esse comportamento não se justifica em qualquer hipótese, mas tudo fica mais fácil quando se dispõe de alguém para retirar esse lixo do meio do caminho, no caso a presença dos garis. É como se as pessoas se sentissem no direito de dar trabalho a eles. Afinal, segundo a ótica desses moradores, os garis estão ali para aquilo. (Figs 1-B e 2-B).

“... mas as vezes o morador é culpado, porque pegam a bolsinha de lixo e não quer andar até a ponta aqui e depois venha aqui cobrar...”

ENTREVISTA 2

Só muito recentemente é que as questões ambientais têm entrado na pauta educacional do Sistema Brasileiro de Educação. Em 1946 foi incluído no currículo escolar questões relativas à higiene e às ciências naturais (os primórdios da educação ambiental). Por ter havido uma ruptura com o modelo agrário-exportador a educação passa a responder às necessidades criadas pela industrialização do país. ZOTTI (2008).

TRAVASSOS (2001) afirma que devido à fragilidade dos ambientes naturais com a questão da sobrevivência humana em cheque; com o aumento dos movimentos ambientalistas e às preocupações ecológicas, criou-se as condições para a inclusão curricular de assuntos relacionados ao meio ambiente que já em 1977 com a I Conferência Nacional de Educação Ambiental realizada em Brasília pelo Ministério do Meio Ambiente que produziu os seguintes resultados:

“Os três temas mais abordados nos projetos foram: Problemas da Realidade Local, 47,2%; Educação Ambiental no Contexto Escolar, 45,1%; e Lixo/Reciclagem, 32,6%. A orientação presente no processo educacional, de ter como ponto de partida a busca da percepção da realidade mais próxima relacionando-se com as preocupações comunitárias, é uma constante nos projetos que participam desta pesquisa. Do mesmo modo, a Educação Ambiental no Contexto Escolar reafirma os dados

anteriores nas inter-relações que estabelecem, assim como a incidência tão importante do tema Lixo/Reciclagem se relaciona com a quantidade de projetos que se desenvolvem em áreas urbanas”.

Foi possível observar concordância dos resultados do presente trabalho e as afirmações de PHILIPPI JR, *et ali* (2004), quando apresenta o problema da articulação da educação ambiental voltado ao uso dos recursos naturais e do equilíbrio dos ecossistemas em detrimento do meio ambiente urbano. O que é corroborado por DIAS (1992):

"De qualquer forma, a evolução dos conceitos de Educação Ambiental tem sido vinculada ao conceito de meio ambiente e ao modo como este era percebido. O conceito de meio ambiente reduzido exclusivamente a seus aspectos naturais não permitia apreciar as interdependências, nem a contribuição das consciências sociais à compreensão e melhoria do meio ambiente humano".

A Educação Ambiental fomentada pela Lei 6.938/81 toma forma com a Lei N° 9.795, de 27 de abril de 1999, no seu Art. 2º, em que passa a ser um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. Mas, apesar disso, segundo TRAVASSOS (*idem*): “... as escolas públicas e particulares ainda não assimilaram ou não entenderam como devem implementar a educação ambiental em seus programas”. Para as escolas que utilizam livros didáticos comerciais, o conteúdo de meio ambiente vem como capítulo específico e também diluído em outros assuntos. Mas, para escolas que têm uma certa flexibilidade de conteúdo dentro do que é proposto pelas Secretarias de Educação Municipal e Estadual, a educação ambiental corre o risco de ser, como afirma TRAVASSOS (*ibidem*): “... uma educação conservacionista apenas lembrada na Semana do Meio Ambiente”.

De acordo com o gráfico 1-B: a região sudeste fica em segundo lugar na oferta da Educação Ambiental para as escolas de nível fundamental, perdendo apenas para a região nordeste. Estes dados do MEC revelam a preocupação recente por parte do Estado em colocar na agenda da educação brasileira a necessidade de se abstrair o que seja o meio ambiente e o universo em que a crianças está situada.

Obviamente, há menções sobre o meio ambiente em datas até muito anteriores as das acima citadas, mas nenhuma delas trouxe uma modificação direta e envolvente no plano educacional do ensino básico. Dentre essas: o Decreto Legislativo Federal nº 03 de 13 de fevereiro de 1948 e o Código Florestal - lei federal nº 4771 de 15 de setembro de 1965.

“... apesar de ter os garis que varrem, as pessoas continuam jogando lixo na rua, então é preciso passar por um processo de educação ecológica... Se você procurar nos becos da favela se andar por aí, se vê muito coco de animais, não que eu quero exterminar, até adoro né? Mas eu ando e vejo, em outros lugares, as pessoas com a bolsinha, quando faz coco na rua, as pessoas botam saquinho plástico e joga na lata de lixo. Aqui não, se vê criança... é porco, cabrito, gato, cachorro tudo faz por aí e as crianças brincando”.

ENTREVISTA 1

Existe a evidência da necessidade de Educação Ambiental para todos os moradores do complexo, o que foi evidenciado pelo seguinte entrevistado:

“Eu acho que se forem feito estudos desde a educação principal: maternal, jardim, aí vem primeira série, assim sucessivamente... não adiante depois que as pessoas estão velhas, que já estão acostumadas a fazer muita coisa errada, você tentar colocar aquilo na cabeça das pessoas, você já tem que vir desde quando é criança, ensinar a criança...”

ENTREVISTA 3

Mas, como implementar ações que envolvam a população para a tomada de consciência desse tipo errôneo de comportamento, que por fim faz onerar a vida dos próprios moradores com a disseminação de doenças e o custo do seu tratamento? Talvez a resposta esteja nas lideranças comunitárias:

“... porque eu sou a favor de que ele venha, eu estou confiando nele, e espero que porque há esse descaso que você falou, até mesmo da liderança e descaso da própria comunidade que se acostumou com certos tipos de

problemas... mas às vezes o morador é culpado, porque pegam a bolsinha de lixo e não quer andar até a ponta aqui e depois venha aqui cobrar.... Mas outro não querem chegar junto você sabe por que, é porque as pessoas vão se cansando e claro, estas questões vão caindo em descrédito, então tem muitos que não querem, pois se cair em descrédito, já era”.

ENTREVISTA 2

Mesmo que haja as lideranças comunitárias e que estas consigam organizar a contextualização do habitar dentro da comunidade, nem sempre sua abrangência tem uma cobertura satisfatória. E é aí que reside o espaço para a oposição que traz crítica e funciona como verdadeiro termômetro na avaliação do desempenho das lideranças. Uma coisa é certa: as lideranças têm consciência da necessidade de capacitação e parcerias para a implementação de atividades relacionadas ao lixo produzido e sua manipulação (figuras 3-B e 4-B).

“... pegamos duzentos latões de produtos químicos que agente não sabia que era tóxico. Aí um belo dia, a Comlurb disse assim: oh retira esses latões que eu dou todo ele cor de abóbora... que a questão do lixo é uma coisa muito forte...”

“Essa foi a última assembleia que tivemos e falamos da reciclagem de lixo, tudo agente tenta buscar e discutir com a comunidade... nós queremos capacitação para o tratamento do lixo, agente está aberto para capacitação e parcerias... agente quer, agente necessita para fazer melhor”.

ENTREVISTA 4

Em apenas uma das entrevistas o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi lembrado e apesar de não ser uma Representação Social, é oportuno abordar um pouco do que seja esse índice. O IDH é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores para os diversos países do mundo. É uma maneira padronizada de avaliação e medida do bem-estar de uma população, especialmente bem-estar infantil. O índice foi desenvolvido em 1990, pelo economista paquistanês Mahbub

Haq, e vem sendo usado desde 1993 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD em seu relatório anual.

Os países membros da ONU são classificados de acordo com essas medidas. Os países com uma classificação elevada frequentemente divulgam a informação, a fim de atrair imigrantes qualificados ou desencorajar a emigração.

Os critérios de avaliação do IDH são:

- **Educação:** Para avaliar a dimensão da educação o cálculo do IDH considera dois indicadores. O primeiro é a taxa de alfabetização, considerando o percentual de pessoas acima de 15 anos de idade; esse indicador tem peso dois. O Ministério da Educação indica que, se a criança não se atrasar na escola, ela termina o principal ciclo de estudos (Ensino Fundamental) aos 14 anos de idade. Por isso a medição do analfabetismo se dá a partir dos 15 anos. O segundo indicador é o somatório das pessoas, independentemente da idade, que frequentam algum curso, seja ele fundamental, médio ou superior, dividido pelo total de pessoas entre 7 e 22 anos da localidade. Também entram na contagem os alunos supletivos, de classes de aceleração e de pós-graduação universitária, nessa área também está incluído o sistema de equivalências Rvcc ou Crvcc, apenas classes especiais de alfabetização são descartadas para efeito do cálculo.
- **Longevidade:** O item longevidade é avaliado considerando a esperança de vida ao nascer, que é válida tanto para o IDH municipal quanto para o IDH de países. Esse indicador mostra a quantidade de anos que uma pessoa nascida em uma localidade, em um ano de referência, deve viver. Ocultamente, há uma sintetização das condições de saúde e de salubridade no local, já que a expectativa de vida é diretamente proporcional e diretamente relacionada ao número de mortes precoces.
- **Renda:** A renda é calculada tendo como base o PIB *per capita* do país ou município. Como existem diferenças entre o custo de vida de um país para o outro, a renda medida pelo IDH é em dólar PPC (Paridade do Poder de Compra), que elimina essas diferenças.

Para calcular o **IDH** de uma localidade, faz-se a seguinte média aritmética:

$$\text{IDH} = \frac{L + E + R}{3} \quad (\text{onde } L = \text{Longevidade, } E = \text{Educação e } R = \text{Renda})$$

$$L = \frac{EV - 25}{60}$$

$$E = \frac{2TA + TE}{3}$$

$$R = \frac{\log_{10} \text{PIBpc} - 2}{2,60206}$$

nota: pode-se utilizar também a renda per capita (ou PNB *per capita*).

Legenda:

- EV = Expectativa de vida;
- TA = Taxa de Alfabetização;
- TE = Taxa de Escolarização;
- $\log_{10}\text{PIBpc}$ = logaritmo decimal do *PIB per capita*.

O IDH varia de zero (nenhum desenvolvimento humano) até 1 (desenvolvimento humano total), sendo os países classificados deste modo:

- Quando o IDH de um país está entre 0 e 0,499, é considerado baixo.
- Quando o IDH de um país está entre 0,500 e 0,799, é considerado médio.
- Quando o IDH de um país está entre 0,800 e 1, é considerado alto.

Para o bairro de Acari, onde o Complexo está situado, o PNUD tem tabulado os seguintes dados para o último Censo de 2000:

Ordem segundo IDH	Bairro	Esperança de vida ao nascer (em anos)	Taxa de alfabetização de adultos (%)	Taxa bruta de frequência escolar (%)	Renda <i>per capita</i> (em R\$ de 2000)	Índice de Longevidade (IDH-L)	Índice de Educação (IDH-E)	Índice de Renda (IDH-R)	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH)
124	Acari	63,93	91,68	79,44	174,12	0,649	0,876	0,634	0,720

O que representa o IDH para o Bairro de Acari? Representa a oferta de subsídios para que o Estado concentre seus investimentos em políticas públicas. Que segundo BODSTEIN & ZANCA (2008):

“...fornecer dados para o combate a pobreza e o enfrentamento dos problemas sociais, através da comparação das condições de vida, enfatizando a relação entre pobreza e ausência de acesso da população aos bens e serviços essenciais para a qualidade de vida”.

Representa também a chance de se dispor de dados confiáveis para o investimento real. Mas como todo indicador, o IDH tem as suas falhas. Por exemplo, em Saúde, *“não basta saber o quanto cada país aloca no setor saúde como percentual de seu PIB, o mais importante é quão eficientemente esses recursos têm sido empregados”.* CICONELLI et ali (2005).

Na modalidade discursiva – Prevenção, a Representação Social que mais se destaca está ainda inserida no contexto de lixo e educação, conforme as seguintes entrevistas:

“... você tiver o espaço físico de lazer compatível com as nossas moradias é favorável o crescimento da criança, do adolescente e o adulto saudável ... seja dentro da nossa casa, seja na comunidade, seja no espaço de lazer, seja onde nós tivermos, se tiver limpeza agente vai ter uma saúde equilibrada se agente tiver sujeira e imundície agente não vai ter saúde.”

“... se todo mundo em favela viver em um ambiente limpo e saudável vai ter com certeza saúde saudável. Mas se agente viver na comunidade esse espaço físico se não for bem tratado, saneamento básico, com certeza vão ter essa comunidade, esse espaço ecológico uma vivência ruim”.

ENTREVISTA 1

Talvez o relato mais crucial para a questão que envolve saúde e o ambiente onde se vive, fique a cargo da Equipe do Programa de Saúde da Família:

“... o ideal do programa saúde da família o objetivo não é curativo, uma vez que nosso objetivo é a prevenção da saúde e agente não tem essa oportunidade, porque agente só trabalha com cura, melhoria, agente ainda não conseguiu definir esse objetivo de promover a saúde... prevenir. Agente só parte do tratamento, porque eu acho que esse conceito ainda falta na população, a demanda é muito grande, então o programa de saúde da família aqui neste momento...”

ENTREVISTA 6

A prevenção deveria ser uma palavra mais corrente não só na área da saúde com também na área ambiental. A expressão “prevenir é melhor do que remediar” é quase sempre aceita sem questionamento, pois todos concordam que medidas preventivas simples devam ser tomadas se puderem evitar conseqüências graves ou de difícil reparação. No entanto, nem todas as medidas preventivas, mesmo que eficazes, são realizadas, seja por serem de difícil implementação prática ou porque o risco do evento que destinam a prevenir é baixo. Esta afirmação pode causar alguma estranheza, mas é de fácil compreensão ao nos depararmos com situações fora da área da saúde.

Um dos principais objetivos ao se estabelecer procedimentos preventivos; é, portanto, verificar se há uma boa relação entre os benefícios alcançados na prevenção e os custos envolvidos (não apenas financeiros). Pode-se falar em vários níveis diferentes de prevenção na prática em saúde:

- A prevenção primária refere-se a medidas para reduzir ou evitar a exposição a fatores de risco que são associados com doenças. Inclui modificações de hábitos de vida diretamente ligados às principais causas de mortalidade e inclui uma alimentação saudável e balanceada; a prática regular de atividade física; evitar o consumo excessivo de álcool e o tabagismo.
- A prevenção secundária refere-se à detecção precoce de doenças em programas de rastreamento.
- A prevenção terciária que são as medidas que visam prevenir complicações durante o tratamento de doenças e que se confunde com o próprio tratamento.

Em saúde é fundamental se pensar em prevenção. Ela facilita a vida dos usuários, inclusive evitando que as unidades hospitalares entrem em colapso devido à grande procura. Mas apesar da ciência desse termo, a sua apropriação pelo brasileiro ainda é restrita e há uma lacuna de investigação do por que ainda é indevida. O brasileiro aceita com mais agrado a prevenção terciária em saúde em detrimento da primária.

Um bom exemplo é o problema da Dengue. Esta já é endêmica e potencialmente prevenida, uma vez que limitando os criadouros do *Aedes aegypt* se reduz a frequência de casos. A prevenção no caso da dengue, mesmo que conhecida não é efetuada, e quando o verão chega, milhares de pessoas dão entradas nos serviços de saúde para o tratamento curativo, que representa custos imensos para os usuários quanto maior for o seu descaso com a prevenção.

É um item para se colocar sob a égide da educação? Sim o é. Mas a população permanece em um letárgico e irritante movimento que nunca irá acontecer e com isso nunca se previne. E todo ano a história se repete. A dengue é um problema ambiental, seu ciclo de existência envolve o homem e o ambiente onde vive e tem o meso como sua principal vítima.

“ ... ah tem haver principalmente com a população. A população é o principal responsável pela Dengue, tudo bem que os governantes deixam a desejar com a limpeza dos valões, essas coisas, né? Tratamento assim, mas a população até hoje consegue deixar garrafa de boca pra cima, caixa d'água destampada, então isso aí é falta de educação do povo. Se a população se educasse não estaríamos nesta situação. Depois de tantas mortes, tanta coisa, tanta propaganda, tanta notícia na televisão e no rádio as pessoas conseguem deixar a caixa d'água destampada. E não são só o pobre não, os ricos também né?”

ENTREVISTA 7

“Aqui está uma epidemia, já morreu criança, adulto, jovens, tem muita gente internada, hoje mesmo no meu trabalho a minha professora de educação física tava falando que um rapaz novinho, tá todo dia na padaria comprando pão, tava com problema de dengue internado com problema sério... agente fica.... a parte de saúde principalmente, agente está jogado as baratas. Vai

pro hospital não tem médico, vai no pan não tem médico, e aí, pra ficar doente passando mau.

ENTREVISTA 8

“Acho que a saúde vem desde a prevenção. Se não houver prevenção não há saúde. Porque não age só que a pessoa tem que, a pessoa tem que fazer aquela prevenção ali pra que não fique doente, entendeu? Pra que não pegue algum tipo de vírus ou outra coisa. Não é só depois que está doente cuidar daquilo”.

ENTREVISTA 3

Já o consumismo foi abordado de diversas formas:

“O carro... eu acho assim, nós necessitamos dele... acho que o carro nos traz mais conforto, eu acho que carro é necessidade, mas no meio ambiente ele danifica, salta gás polui o ar.

“A mesma coisa, ai são celulares, aparelhos que você usa pilha usa coisa que ele danifica também o meio ambiente... por exemplo, eu li uma vez, por exemplo que a “guimba” de cigarro se você colocar, ele demora para a natureza, a terra absorver duzentos anos né? Vi também que a garrafa plástica demora mais de 300 anos para danificar, isso plástico então isso é...”

ENTREVISTA 1

O consumismo é tratado com reservas, primeiro porque as condições econômicas no contexto deste Complexo, não permitem o gasto excessivo com bens materiais ou investimentos imediatos como melhorias nas habitações ou itens de luxo. Mesmo assim, pessoas manifestaram a necessidade de um determinado bem. Articularam, através das suas falas, que conforto e consumismo podem ser dependentes. E, uma vez generalizando,

sublimam as paixões por determinados produtos tecnológicos de ponta. Mas, mesmo com esse olhar tímido, foi comum encontrar o consumismo associado também à poluição e à produção de resíduos. Exemplos como o carro, pilhas, plástico e o cigarro vêm corroborar a idéia de que o meio ambiente sofre também com a produção industrial, com o consumismo mais diretamente relacionado à regulação do seu uso, implicando seu descarte na natureza (o ambiente da favela).

Atualmente se discute, por exemplo, o destino que os beneficiados pelo Programa Bolsa Família dão, ao provento que recebem do Governo Federal. Inclusive dentro do Complexo, onde muitas famílias aderiram ao consumismo neoliberal para o qual o Governo se propõe como alternativa. MARTINS (2008).

6.2.2 REPRESENTANDO A SAÚDE E O MEIO AMBIENTE

Meio ambiente e Saúde são temas absolutamente indissociáveis. O ser humano é parte da natureza e precisa do meio ambiente saudável para ter uma vida salubre. Os danos causados ao meio ambiente provocam prejuízos à saúde e vice-versa, e a existência de um é a própria condição da existência do outro. GRANZIERA & DALLARI (2005).

Segundo CUNHA (2005):

O artigo 225, da Constituição Federal do Brasil, estipula que: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações". Nota-se que o dispositivo em foco é categórico ao afirmar que o meio ambiente ecologicamente equilibrado é essencial à sadia qualidade de vida, ou seja, à própria saúde.

Ainda no artigo 200, que trata das atribuições do SUS, no inciso VIII, a colaboração e a proteção do meio ambiente são citados. Já na Lei 6.938/81, conhecida como Política Nacional do Meio Ambiente, que tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental favorável à vida; e portanto, à saúde, visa a assegurar condições ao desenvolvimento sócio-econômico e à proteção da dignidade humana. Com isso,

juridicamente, as inter-relações entre saúde e meio ambiente deixam de ser atos exclusivos de cada esfera para tornar a ser e se perceber como não excludentes.

CUNHA (idem) ainda cita o art. 3º, inciso III, alínea "a": “poluição como a degradação da qualidade ambiental resultante das atividades que direta ou indiretamente prejudiquem a saúde, a segurança e o bem-estar da população” e a Lei 8080/90 prevê uma série de ações integradas relacionadas à saúde, meio ambiente e saneamento básico, via consignação do meio ambiente como fator condicionante para a saúde.

A saúde é resultante das condições objetivas de existência, resulta das condições de vida biológica social e cultural e, particularmente, das relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza. Portanto, ela deve ser mantida através de mecanismos que *incrementem a qualidade de vida*, e não somente da assistência. Isso exige a articulação de todos os setores sociais e econômicos e, desta forma, o direito à saúde não seria o pressuposto que apenas nortearia as políticas setoriais de saúde, mas um elo integrador que teria de permear todas as políticas sociais do Estado, balizadas pela participação, inclusive de políticas econômicas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a saúde é um estado de completo bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de afecção ou doença. Mas, nas interações sociais que ocorrem na esfera social de um espaço citadino, esta definição ainda é restrita, pois saúde também se correlaciona com *ecologia*, além disso, saúde é um “*processo dinâmico que se alcança na medida em que os atores sociais se articulem ou não com todas as variáveis implicadas para este processo*”. FIOCRUZ (2001).

O tema “O homem sua saúde e o ambiente em que se vive” é oportuno pois fornece uma reflexão a respeito desta faceta ambiental, que envolve saúde e o ser humano como objeto de estudo, ainda mais quando não se nega a sua participação social como fator limitante da sua saúde.

Para Saúde e Meio ambiente, as representações sociais foram:

- Equilíbrio Físico-Mental, sentir-se saudável, viver bem, limpeza de onde se vive;
- Esgoto, saneamento, vala negra, lixo, casa, lugar onde se vive, água e Ar.

desde as lideranças até moradores comuns, a definição clássica de saúde foi percebida quase que unânime como revelada nas falas:

“Equilíbrio físico e mental... pra mim saúde é isso: equilíbrio físico e mental. Quando eu falo físico e mental, você é uma pessoa saudável, se você tem um equilíbrio físico né? Eu to bem fisicamente, mentalmente eu to bem”.

ENTREVISTA 1

- Saúde é o bem estar físico e mental, né? Boa alimentação, higiene, é o estado de espírito perfeito né? A pessoa sem saúde é nada então pra se ter saúde tem que ter boa alimentação, acompanhamento médico.

ENTREVISTA 7

“ Bem estar físico e mental de cada pessoa”.

ENTREVISTA 6

“sobre tudo condição social”.

ENTREVISTA 6

“é difícil você falar em cima dessas, para mim, essa abrange tudo, não tenho que acrescentar a isso. Agora eu acho que você pode não necessariamente estar bem psicologicamente para mim é o mesmo que estar psicologicamente para ela, pode ser diferente. Eu acho que isso pode ser nivelado, eu acredito, não é a mesma coisa pra todo mundo. Não tem como você dizer que todo mundo vai ter o nível de saúde igual, vai achar a mesma coisa. Você pode dizer a mesma coisa, mas na verdade, não acha a mesma coisa”.

ENTREVISTA 6

O que seria equilíbrio físico-mental para aquelas pessoas? Primeiramente um termo usado com frequência na definição clássica de saúde. Mas não é só isso; pois há um entendimento de que saúde não se liga somente ao estado físico. Os processos de cognição também são passíveis de serem caracterizados por serem ou não saudáveis onde se inclui

também o humor e o estado de espírito. A fala deste entrevistado não é muito definidora, mas revela a importância de se estar bem mentalmente para se ter saúde.

“Eu to bem fisicamente, mentalmente eu to bem”.

ENTREVISTA 1

A construção do “estar bem mentalmente” também subsidiada pela dinamicidade do processo que é a saúde é na verdade um equilíbrio dinâmico, tanto mais precário quanto maiores forem às necessidades básicas incompletas.

Além do “estar bem mentalmente e estar bem fisicamente”, saúde é também saber gerir seu local de moradia, que envolva cuidado, higiene, “*limpeza*”, e o cuidado com o próximo (depoimento sobre a dengue).

Segundo as entrevistas, a participação social é precária, apesar de as associações de moradores tentarem congregar todo o Complexo; muito dos seus moradores ainda continuam sem participação. E a dinâmica dessa participação é um universo que varia desde oposição direta aos representantes nomeados pelas associações à aquele morador que não participa e não se fazer ouvir; mas assim, acaba beneficiando se passivamente, das políticas públicas e das tomadas de decisões.

Ter saúde é também ocupar os espaços públicos. É ter garantido o direito de ir e vir, uma vez que moram ao lado de grandes linhas de deslocamento como é o caso da Avenida Brasil e a Linha 2 do Metrô.

Ter saúde é contar com a participação de ONG’s que promovem o cuidado, dentro das suas áreas de atividades. Muitas delas funcionam como se fosse uma extensão da família; pois pelo convívio e aceitação, muitas crianças têm a oportunidade de aprender alguma cultura de massa e preparar-se para o mercado de trabalho. Como é o caso das atividades do Centro de Estudos e Atendimento São Domingos Sávio e o Centro Social Futuro Feliz ambos situados no Complexo.

Ter saúde é também depender do poder público para que se limpem as ruas, vielas e o rio; para que se cortem as árvores que estão caindo sobre as casas; para que se dê uma solução para a questão da dengue, disponibilizado leitos hospitalares e médicos.

Em uma das visitas de campo, foi possível deparar-se com uma equipe de combate a dengue. Em conversa com um membro da equipe, foi perguntado sobre a demanda. Foi informado que a quantidade de focos para o desenvolvimento da larva do mosquito é

absurdamente elevado e que, piorando a situação, os moradores não se importam em combatê-los, por vezes, impedindo o acesso da equipe a estes focos.

Ter saúde é também: ter emprego, ter salários dignos, meios de transportes, comida, abrigo de sol e chuva, de ter raízes, seus ídolos, sua música é ter uma referência.

A experiência deste autor em saúde somada a alguns anos de prática hospitalar fez ver a correlação entre doenças e o ambiente. Várias são as doenças capazes de incidir sobre as populações, a grande maioria delas está relacionada com a degradação humana e ambiental das localidades onde se vive.

As doenças podem ter curso rápido e fatal como também podem levar a cronicidade. Exemplo de doença de rápida evolução é a Meningite bacteriana e no oposto a ela a Hanseníase ou o diabetes. Há doenças que são transmitidas por via hídrica, outras por via oro-fecal, outras provocadas pela poluição do ar, tantas outras por inalação de produtos químicos causadoras alterações genéticas. Algumas se relacionam ao trabalho, ao descuido com equipamentos de proteção. Muitas favorecidas pela deficiência alimentar ou a ignorância. Mas todas têm uma linha em comum: usam o espaço geográfico para acontecerem.

Um grande número de pessoas vive hoje em dia em áreas degradadas. Estas podem ser por desmatamento, contaminação do ar ou do solo, área densamente povoadas, com problemas relativos à violência ou a segurança pública. Outras áreas podem ter indústrias poluentes no entorno, ou rios ou lagos eutrofizados, estes ambientes de moradia também podem estar nas margens das rodovias ou ferrovias. Pela caracterização geográfica do Complexo de Favelas Acari é significativo o impacto desses parâmetros à saúde do morador

A pressão do aumento populacional e da exploração imobiliária, associada à rede deficitária de transportes públicos ou as oportunidades de mercado de trabalho, têm levado uma grande maioria de pessoas a habitar áreas degradadas. Isto pode revelar uma faceta cruel para esses habitantes.

O ambiente degradado, por não oferecer vantagem econômica e muito menos ser atraente à exploração imobiliária, tem um preço de uso do solo muito menor do que outras áreas da cidade. Geralmente é para lá que parcelas significativas da população migram e estabelecem residência, pois encontram casas, barracos, terrenos em condições que podem comprar, alugar ou mesmo ocupar. Muitas das vezes são prédios abandonados não chegando a constituir favela e sim invasões.

Esses espaços ambientais escondem uma dura rotina. Falta saneamento, transporte, espaço e segurança para lazer, escola e atendimento em saúde. Por vezes, são áreas alagadiças.

A faceta cruel da realidade é o custo social que seus moradores têm quando pertencem a esse espaço ambiental. Um dos entrevistados mostrou sua indignação ante a degradação ambiental em que vive, uma realidade vivencia do mesmo Complexo.

“Então vou dizer lá da beirada do rio, se você for a beirada do rio de Acari depois do hospital, você vai dizer que político é esse que temos nesse município... se entra lá... eu tava com chinelo de dedo, e fui lá procurar um menino, aconteceu um acidente, uma rato mordeu aqui nele (no rosto) na mulher também (braço), eu fui lá, entrei, nos meus dedos tinha aquela lama preta, e dentro de casa não é cimento não, é chão batido úmido que as pessoas botam tapete que eles encontram no lixo, tábuas ou papelão. Levo quem quiser lá, eu falo pra político eu levo lá, eu levo aquilo tudo imundo cheio de verminose, as crianças descalças, eu vejo isso no meio do complexo de Acari... se você procurar nos becos da favela se anda aí, se vê muito coco de animais... aqui não, se vê criança...é porco, cabrito, gato, cachorro tudo faz por aí e as crianças brincando... mesmo com a favela bairro... mal feita... ainda tem lugares que ta faltando água, não tem água potável, na hora que fez favela bairro tirou um cano novo botou um velho, só que o velho, né? O novo não passa água e o velho também. Umas pessoas têm água, outros lugares aqui na rua do viaduto cansam de reclamar isso, e os próprios bueiros, mal feitos né? Quando tem uma chuva bem forte os bueiros não são limpos, que o gari daqui você sabe, limpar as ruas, eu que vejo os garis de outros lugares que eles limpam os bueiros também de outro lugar, você em outro lugar a diferença, limpam as ruas do Méier, lavam as ruas aqui nem em dia de feira lavam as ruas...então você vê a diferença disso tudo. Se você andar no conjunto de manhã, esse conjunto aqui, você vai ver de copo descartável, papel que jogam...ah se você se andar nas ruas becos você vê muita sujeira, os gari acabam de limpar e se eles voltarem duas horas depois está tudo sujo.

ENTREVISTA 1

Dentre as diversas doenças em curso hoje solo brasileiro, o Ministério da Saúde, pontua algumas como doenças de notificação compulsória. E para isso se utiliza do SINAN –

Sistema Nacional de Agravos de Notificação, onde através dele armazena e processa os dados referentes a essas doenças. O SINAN tem a finalidade de, com as informações geradas, contribuir para orientar e monitorar as intervenções dos serviços e reduzir a transmissão e aquisição das doenças. Trabalha com a detecção de agravos coletivos em condições especiais de risco e vulnerabilidade. A porta de entrada para esses dados são as unidades de saúde como: postos de saúde, hospitais e o Programa de Saúde da Comunidade; quando não, campanhas de saúde na própria comunidade.

Segundo o SINAN deve ser preenchido um formulário específico para cada doença e essa notificação é obrigatória. As doenças de notificação obrigatórias são:

1) AIDS	16) HIV gestacional e crianças expostas
2) Antraz	17) Leptospirose
3) Botulismo	18) Leishmaniose visceral
4) Cólera	19) Leishmaniose tegumentar
5) Coqueluche	20) Malária
6) Difteria	21) Meningite
7) Dengue	22) Peste
8) Doenças exantemáticas (sarampo, rubéola, exantema súbito, etc.)	23) tuberculose
9) Doença de Chagas	24) Peste
10) Esquistossomose	25) Poliomielite
11) Febre tifóide	26) Raiva humana
12) Febre Amarela	27) Rubéola congênita
13) Hantavirose	28) Sífilis congênita
14) Hanseníase	29) Tétano acidental e neonatal
15) Hepatite B e C	30) Tularemia
	31) Variola

Fonte: Centro Nacional de Epidemiologia

Fica a cargo da Secretaria Municipal de Saúde gerir os dados relativos a essas e muitas outras doenças e repassá-los ao Ministério da Saúde. Como exemplo, se utilizou de dados do Serviço de Epidemiologia da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

A própria Secretaria, em seu *site*, fornece algumas tabulações de dados. Eles estão atualizados até o ano de 2006. Os anos de 2007 e 2008, apesar de já terem dados suficientes, descoberta de novos casos não estão disponível, pois se encontram ainda em fechamento.

As tabelas de 2-B a 7-B mostram em níveis, a incidência da doença ou agravo. O primeiro nível é o Município do Rio de Janeiro, seguido da área de planejamento, da sub-área e por fim, o bairro. Porque mostrar desta forma? Para que haja uma comparação dos casos da doença ou agravo, levando em conta o contexto e as áreas no entorno. Assim se consegue

perceber se a doença ou agravo é local ou há casos espalhados pelo extenso território do Município.

A área de planejamento é uma definição organizacional característico de cada Secretaria, em Saúde, o Município do Rio de Janeiro é dividido em cinco áreas. Já a área de planejamento é subdividida em áreas menores ficando o bairro Acari pertencendo a A.P. 3.3 dentro da sub-área XXV, que é Pavuna. Então, por esta estratificação tenta-se mostrar a incidência de algumas doenças ou agravos.

A tabela 8-B mostra, também, que a quantidade de casos de agressão por animais domésticos é elevada para aquela comunidade. Isto se deve ao fato de que há uma expressiva população destes animais naquela comunidade, muitos dos quais vivem nas ruas. A permissibilidade de se ter cães ou gatos sem nenhuma responsabilidade do próprio dono é característico de áreas de baixo poder aquisitivo. O que no final acaba promovendo episódios de agressão, principalmente às crianças. Pois se sabe que os casos notificados não correspondem à realidade, uma vez que os adultos são muito refratários na notificação dos casos de mordedura ou até mesmo um arranhão com animais domésticos. Como o Complexo, como um todo, tem muitos problemas de higiene e controle da sua população de animais, a questão – animal doméstico tem que ser estudada com atenção, ainda mais que não são só estes animais os privilegiados para dividirem o restrito espaço com o ser humano, há outros como: caprinos e suínos que foram mencionados nas entrevistas. Logo, disponibilizar dados referentes a estes “moradores” também assume uma importância de modo que sejam executadas intervenções como a remoção do agravo.

Um grande problema de difícil resolução para os moradores do Complexo de Acari é a redução da sua população de roedores – *rattus sp.* Estes animais, assim como mosquitos, moscas e as baratas; tornaram-se bem adaptados por encontrarem alimento em abundância que provém do desperdício e da sujeira. Conseqüentemente o ambiente urbano tem uma imensa população que traz tantos outros problemas para o ser humano. A convivência com estes animais não é nem de longe, uma ato saudável.

Um grande problema enfrentado é a leptospirose. Uma vez que o rato esteja infectado com a bactéria *Leptospira sp.* ele pode liberá-la através da urina no ambiente. O ambiente mais comum de se encontrar ratos são os esgotos, forros de teto, dentro de colchões, dentro de fogões, torna-se fácil, com isto, relacionar a probabilidade que o ser humano tem de ser contaminar-se e adoecer de leptospirose – uma zoonose. Há risco de ocorrência ampliado quando há enchentes produzidas por chuvas intensas. Pois, por solução de continuidade, a

água do esgoto, que pode estar contaminada, é a mesma água que irá invadir as ruas e até mesmo as casas.

O controle das populações de vetores é feito pela Vigilância Sanitária Municipal. O município do Rio de Janeiro, através do Decreto Municipal nº 6235 de 30 de outubro de 1986, aprova o Regulamento da Defesa e Proteção da Saúde no tocante a alimentos e à higiene habitacional e ambiental. Mas, não trata diretamente quando o assunto é o *rattus* sp. Em 2007 estava tramitando na câmara dos vereadores um Projeto de Lei que enfocava diretamente o *rattus* sp. como um animal portador de doenças e causador de prejuízos para a economia local. Nesta proposta de Lei Municipal houve uma tentativa de instituir a 3ª semana do mês de maio como a Semana de Combate aos ratos. Este Projeto de Lei foi sancionado e publicado no Diário Oficial do Município no dia 08 de janeiro de 2008, criou-se então a Lei Municipal nº 4742/08 que institui, no calendário oficial do município do Rio de Janeiro, a semana de combate aos ratos.

Para os moradores do Complexo de Acari:

Ratos? Aqui tem uma epidemia de rato, rato mesmo subindo pelas paredes. Aqui tem muito rato, muita umidade, tem apartamento muito úmido”.

ENTREVISTA 8

“Já tão jogando lixo ali, no certo é eles colocar a noite que o cara passa para recolher, aquele lixo ajunta o quê....mosquito, rato”.

ENTREVISTA 10

“E ali próximo a Praça Roberto Carlos, quando chove aquelas chuvas intensas muitas casas ficam inundadas, muitas... residências, vamos dizer assim”.

ENTREVISTA 11

As representações sociais “esgoto e saneamento” se abordará ao mesmo tempo pois, nas suas falas, há uma linha tênue que faz deslocar a temática para um mesmo objeto. A

percepção que se tem do esgoto e do saneamento se mescla com a proposta de o Estado intervir, levando melhorias urbanísticas através de uma das suas políticas públicas intervencionistas – o Favela-Bairro.

Segundo um entrevistado, o Complexo de Acarai era:

“Acarai era um peixe que vivia no lamaçal, na imundice...”.

ENTREVISTA 5

Então chegou o Favela-Bairro e com ele a modificação do ambiente com a abertura de ruas, as vielas foram pavimentadas, houve a proposta de centralização do despejo do lixo, a instituição do Gari Comunitário, a participação dos Guardiões do Rio, e a transformação de um posto de saúde em Programa de Saúde da Família. Mas, infelizmente, quanto a essa iniciativa do Estado, alguns moradores entrevistados deixam transparecer suas críticas:

“O governo trouxe o favela bairro, o que aconteceu? A água? Quando chove o esgoto volta para casa das pessoas. E a água? Fica difícil também a água, que os moradores para ter água tem que ter bomba, porque sem bomba fica sem água”.

ENTREVISTA 6

O problema da água no complexo de Acari assume uma importância fundamental para a manutenção do seu meio ambiente de modo a satisfazer suas necessidades básicas. Para uma comunidade que tem forte história de racionamento de água, mesmo com as obras do favela-bairro, ainda se encontra, pelas diversas casas, o estoque de água em latões, muita das vezes bastante enferrujados, baldes e bacias. Isso prejudica na lavagem da louça, dos forros de cama, no asseio do corpo, no preparo dos alimentos e na ingestão de água potável.

“Porque conscientização se demora muito, né?... Você conscientiza uma pessoa, a pessoa entender isso. Que agente pode ter divergência de idéia ou achar que temos que beber água filtrada e a moradora dizer pra mim: não, eu bebo a água do latão há vinte anos...”.

ENTREVISTA 1

Ambientalmente, o problema *das águas* está se tornando um pesadelo para os seus moradores. Primeiro, porque assim como qualquer outro lugar no Rio de Janeiro, estão enfrentando um surto de dengue, que com uma ajuda substancial das chuvas tem gerado um *boom* na proliferação de mosquitos. Segundo, porque a água tratada e distribuída pela CEDAE, não chega para todos obrigando-os à estocagem:

“... tem lugares que ta faltando água, não tem água potável, na hora que fez favela bairro tirou um cano novo botou um velho, só que o velho, né? O novo não passa água e o velho também. Umas pessoas têm água, outros lugares não. Aqui na rua do viaduto cansam de reclamar isso...”

ENTREVISTA 1

“O pessoal tem que acordar de madrugada para poder lavar roupa..”.

ENTREVISTA 6

“Estamos sem água.... ontem mesmo não teve nem aula na creche porque não tinha água, as mães precisam trabalhar, quem tem as crianças na creche para poder trabalhar, teve que voltar com as crianças pra casa porque não tinha nem água... como iam fazer comida? A diretora chegou na escola não tinham nem uma gota de água... a CEDAE esquece da gente...chama faz pedido...às vezes o R tem que sair daqui para apanhar a CEDAE lá na...o caminhão da CEDAE lá na...pra pegar o caminhão para trazer aqui....aqui felicidade é pouco...”

ENTREVISTA 9

O Rio Acari é o curso d'água que separa os bairros de Acari e Parque Colúmbia, cursa os bairros de Marechal Hermes, Barros Filho, Coelho Neto, Pavuna, Acari, Parque Columbia e Jardim América, onde deságua no rio Pavuna. Seus afluentes são: rio Marangá, rio Sapopemba, rio das Pedras e Arroio dos Afonso. Este rio faz parte da Bacia Hidrográfica do rio Meriti, contribuinte à bacia da baía de Guanabara.

A drenagem do esgoto do bairro de Acari, inclusive do Complexo, é feito através de ligações diretas encaminhadas para o rio, principalmente na favela Beira Rio, como também pela Vala da Favela do Acari, que é um curso d'água com 750 metros de extensão, que cursa junto a Rua União. Uma outra parte é escoada pelo Canal do CEASA.

Pelo crescente processo de urbanização daquela região ao longo dos anos, o ambiente natural foi praticamente modificado pela ação antrópica, que contribuiu e causou quadros gravíssimos de degradação ambiental. Inclusive, pela permissividade do Estado por lhe faltar mecanismos coibitivos seguros, capazes de organizar a ocupação e uso do solo. A prática da degradação ambiental tem causado problemas como:

- 1) Ocorrência de enchentes catastróficas;
- 2) Ocorrência de inúmeros surtos de doenças de veiculação hídrica;
- 3) Erosão das margens, assoreamento e obstrução dos cursos d'água pelo lançamento de resíduos sólidos e uso indevido do solo, até mesmo a ocupação dos terrenos marginais e a construção de aterros para instalação de moradias, inclusive do tipo palafitas;
- 4) Conflitos de uso da água;

O sistema de drenagem pluvial é deficitário, mesmo com a obra do Programa Favela-bairro, pois segundo seus moradores:

“... e ali próximo a praça Roberto Carlos, quando chove aquelas chuvas intensas muita casa fica inundada, muitas residências vamos dizer assim”

ENTREVISTA 11

Um problema relacionado a essa drenagem ineficiente é o próprio uso indiscriminado do solo. Há tantas moradias construídas uma ao lado da outra, que praticamente, não há solo disponível para drenagem, causando uma impermeabilização do solo. Algumas das ruas, pelo menos as de maior circulação, pavimentadas, contribuem para o acúmulo da água com conseqüente inundações das casas.

Até mesmo na Vala da Favela de Acari o fenômeno do transbordamento do seu leito é bastante comum quando chove muito, causando transtorno e prejuízo para os moradores daquela localidade.

Outro grave problema ambiental, percebido nas suas representações, foi o descarte de lixo no próprio rio Acari e na Vala da Favela de Acari. Os resíduos sólidos não escoam facilmente com o volume de água encontrado em períodos não chuvosos. Isto é devido à baixa vazão do rio; assim, o lixo vai se acumulando e formando “ilhas”. Com a vazão aumentada por conta das chuvas o lixo acumulado obstrui a circulação da água alagando as residências no seu entorno e impedindo a drenagem da água da Vala da Favela de Acari levando, esta, a seu transbordamento.

“Eu até discuto isso muito, em que tem que orientar os moradores a não jogar as coisas que eles não usam mais no rio e eles acabam jogando e dá enchente, e enchente vários barracos na beirada do rio vão ser levadas, várias famílias é...flageladas sem onde morar, você vê que baixa a enchente as pessoas voltam a morar, a fazer seus barracos e continuam jogando seus detritos”.

ENTREVISTA 1

Os Guardiões do Rio são moradores da própria comunidade são recrutados pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, através do Programa de Valorização Ambiental de Rios e Lagoas, com a finalidade de recuperação dos corpos d’água do Município. No Complexo de Acari, eles têm realizado a limpeza do rio, retirando o lixo que uma vez depositado, viram barreiras ao escoamento da água, inclusive, carcaça de carros.

“Você vê o rio Acari, hoje melhorou um pouco por que, existe os guardiões do rio. São homens que são pagos pela prefeitura, pela meio ambiente, que é da secretaria do meio ambiente, que é daqui da prefeitura, que faz a limpeza do rio dos detritos que os próprios moradores jogam no rio”.

ENTREVISTA 1

Não há tratamento de água, o esgoto do Complexo de Acari é todo lançado “*in natura*” para dentro do rio Acari. Este recebe esgoto sanitário ainda dos seus afluentes e na região do Distrito Industrial de Honório Gurgel e Coelho Neto, passa a captar efluentes industriais.

Logo depois de desaguar no Rio Pavuna, 1.600m a jusante encontra-se, a Estação de Tratamento e Esgoto Pavuna, já na altura do Jardim América. Esta estação tem capacidade para processar 1.000 l/s, com 400 km de rede. (Fig . 5-B)

Não se pode deixar de enunciar aqui a presença de um grande hospital dentro do Complexo. Chamado de Hospital Ronaldo Gazolla, ainda se encontra fechado. É ma imensa estrutura que promete atendimento secundário e terciário em saúde. Mas tamanha capacidade de procedimentos traz conseqüentemente grandes impactos ambientais. Este hospital tem capacidade de congrega moradores tanto das regiões norte e oeste do Município do Rio de Janeiro quanto da Baixada Fluminense, assim gerando problemas com o aumento de circulação humana na localidade.

Outra situação é o aumento da carga de dejetos provenientes do hospital para dentro do Rio Acari. Muitos desses além de serem dejetos humanos, com alta carga bacteriana multi-droga resistentes, são constituídos também por: água de lavagem de materiais contaminados, dejetos de limpeza de superfícies e pisos misturados a soluções desinfetantes, água de lavanderia, águas das caldeiras, os resíduos de procedimentos do centro cirúrgico, dos ambulatórios, do laboratório de análises clínicas e anatomopatológico. Só desses dois últimos, devido a grande quantidade de substâncias reagentes empregadas, apresentam quantidades consideráveis de fenóis, ácidos e produtos enzimáticos gerados nas reações bioquímicas. BRATFICH (2008).

A RDC 50/02, da ANVISA, dispõe sobre o Regulamento Técnico para planejamento, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Ela normatiza, inclusive, o esgoto hospitalar, orientando a não descarga do esgoto hospitalar “*in natura*” nos corpos hídricos, que no caso do Hospital Ronaldo Gazolla, o rio Acari. Dentre os itens, a RDC aborda as Caixas de Separações de matérias usuais e as específicas para material químico em atividade como gordura, produtos de lavagem, separação de gesso, fixadores e reveladores de equipamentos de imagem. Esta RDC prevê que uma vez o esgoto sendo tratado, poderá ser lançado na rede de esgoto implantada normalmente.

A Lei 9433/97 institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, e regula o inciso XIX, do art. 21 da Constituição Federal e altera o art. 1º da Lei 8001/90, que modificou a Lei 7990/89. Ela estabelece que a água é de domínio público, limitado, dotado de valoração econômica. Esta Lei estabelece a outorga pelo uso dos recursos hídricos, inclusive usos que alterem a quantidade e a qualidade da água existente em um corpo de água.

Além desta lei federal, lei estadual 3239/99 institui a política estadual de Recursos Hídricos, criando assim o sistema estadual de gerenciamento de recursos hídricos, regulamentando o artigo 261, parágrafo 1º, inciso VII. Como nota-se o Brasil é eficiente em sua legislação ambiental, mas o que se torna preocupando é a fiscalização que se tem emabasa em todos os dispositivos coibitivos e organizacionais de que dispõe o sistema jurídico ambiental brasileiro.

Existem outras formas de poluição que podem alterar a qualidade de vida dos moradores do Complexo; e estas podem ter origem no seu ambiente externo tais como a degradação da qualidade do ar.

O limite sul do Complexo de Acari se situa nas margens da Avenida Brasil que diariamente tem um fluxo da ordem de 200.000 veículos por dia. Esse fluxo intenso impacta, também, o meio ambiente, causando problemas sobre as populações do entorno. É estimado que 60% da poluição atmosférica na região das grandes cidades são decorrentes dos veículos automotores de acordo com o *site* AMBIENTEBRASIL e que, apesar dos dispositivos na resolução CONAMA 003/90, a Lei 2539/96, das campanhas governamentais, da participação das empresas fabricantes de combustíveis, o Brasil tem ainda uma frota de carro bastante antiga, com motores de baixo rendimento e problemas como de escapamento.

Associado ao produto do escapamento dos motores automotivos, que circulam pela Avenida Brasil e pela Avenida Automóvel Clube, os moradores do Complexo também sofrem com a poluição industrial promovida pelas indústrias localizadas no parque industrial de Honório Gurgel.

Segundo o *site* SITEENGENHARIA, o Município do Rio de Janeiro fica em segundo lugar de um ranking de 15 cidades que mais libera material particulado na atmosfera, perdendo somente para a cidade de São Paulo.

A resolução supracitada do CONAMA estabelece alguns conceitos para a poluição do ar:

“Para os efeitos desta Resolução ficam estabelecidos os seguintes conceitos:

I – Padrões Primários de Qualidade do Ar são as concentrações de poluente que, ultrapassadas, poderão afetar a saúde da população;

II – Padrões Secundários de Qualidade do Ar são as concentrações de poluentes abaixo das quais se prevê o mínimo efeito adverso sobre o bem-estar da população, assim como o mínimo dano à fauna, à flora, aos materiais e ao meio ambiente em geral”.

Essa poluição faz com que durante os meses mais frios, por exemplo, de maio a setembro, haja a incidência de diversas doenças respiratórias, e os gastos com a saúde atingem cifras de milhões de reais. Autores como MOTTA *et ali* (1998) propuseram algumas formas de se valorar os impactos causados pela poluição atmosférica na saúde humana, onde utilizou metodologias como o Método de Valoração Contingente na busca por estimar a disposição a pagar pela redução da incidência de doenças e do risco de morte; o da produtividade marginal, na qual se estima a produção sacrificada do trabalhador associada ao dano ambiental; o mercado de bens substitutos onde se faz uma avaliação, com base em recursos econômicos, que foram direcionados para mitigar os problemas causados pela degradação ambiental; a abordagem da produção sacrificada dos anos e vida perdidos, que é baseada na teoria do capital humano.

Outro problema que reflete na saúde dos seus moradores é a elevada temperatura ambiental, por falta de áreas verdes e ruas arborizadas. Em um complexo de favelas este fato é típico, pois há um aglomerado de casas que, como já foi dito anteriormente, não sobra espaço para se ter quintal. As áreas de lazer dentro do Complexo são basicamente formadas por concreto (Figs. 6-B e 7-B). Há um predomínio de vielas em lugar de ruas. E isso, associado à falta de espaço, impede programas de arborização.

A elevada temperatura aumenta o metabolismo corporal, acelera as funções enzimáticas e traz desconforto para e exacerbação de doenças crônicas como a Hipertensão Arterial, o Diabetes *Mellitus*. Além disso, aumenta o número de insetos e promove a proliferação bacteriana em locais sujos e sem cuidado. Inclusive torna-se um problema alimentar para aqueles que não dispõem de refrigerador para conservar seus alimentos.

6.3 A CRISE ECOLÓGICA NA BUSCA POR CIDADANIA

A crise ecológica, hoje em curso, é produto de uma cultura global desenvolvida e aceita, mesma que não unânime. Envolve as diversas sociedades, trazendo problemas globalmente localizados que, ao longo dos anos, têm se tornado entraves para a autodeterminação dos povos. Em seu bojo encontram-se as contradições que levam à associação de idéias e dos conceitos dominantes que, segundo DIAS (1996), funciona como um pacto chamado – modelo de desenvolvimento, pelos altos requerimentos energético

materiais. A crise ecológica é perversa em se tratando de meio ambiente urbano. A Fig. 9-b traz uma percepção das áreas de interseção que a crise ecológica está representada.

A cidade, no contexto do presente trabalho, é o constituinte principal, é onde se desenvolve-se toda a gama de conflitos envolvendo seus moradores e seu entorno. São milhares de pessoas afetadas diariamente na troca que estabelecem consigo mesmas e com o exterior; que, por sua vez, também o é de outro. O campo também tem problemas parecidos, mas se optou aqui, trabalhar com o segmento – cidade.

DIAS (*idem*), afirma que as cidades estão doentes, para ele a desordem nas cidades, que é acoplada a modelos de desenvolvimento predatórios e autofágicos, conduz pessoas à fome e a condições deploráveis. Pobreza, desemprego, doença, crime, poluição etc. sempre estiveram presentes nos centros urbanos desde o surgimento das primeiras cidades mas, nos países em desenvolvimento o crescimento populacional é explosivo; o planejamento é pontual e não abrange a todos; a industrialização é desestruturada e poluidora; há incompetência administrativa; há corrupção, tudo desemboca no caos que hoje se vive.

Para ele, um dos esforços às intervenções eficazes no ambiente urbano é entender a sua dinâmica, sob a ótica ecológica, com a participação interdisciplinar. Cita ODUM (1993), ao afirmar que a cidade moderna é, em relação à natureza, um parasita do ambiente, porque produz pouco ou nenhum alimento, polui o ar e recicla pouco ou nenhuma água e materiais inorgânicos. Funcionando simbioticamente quando produz e exporta mercadorias, serviços, dinheiro e cultura para o ambiente. (Fig. 8-B)

Para a ecologia, as relações de alimentação, consumo, produção de resíduos fazem com que o chamado sistema sócio-ecossistema urbano – a cidade – afete a biosfera e por ela seja afetado. As mudanças induzidas pelo ser humano ocorrem mais rapidamente e geralmente são mais difíceis de serem revertidas. SUTTON e HARMONN (1993), *apud* DIAS (1996) ponderam que as necessidades e desejos de expansão da população mundial requerem intenso manejo ambiental, criando ambientes novos chamados de ecossistemas humanos. Este manejo se revela na outra face ainda mais pessimista: a necessidade de energia. À medida que as populações crescem, o consumo de energia aumenta, levando a hierarquização da distribuição de bens e serviços, a conversão dos serviços e bens naturais em dinheiro. Logo, o dinheiro é o fluxo em sentido oposto ao fluxo energético, pois sai das áreas urbanizadas em troca de energia, serviços e recursos diversos.

O sócio-ecossistema é amparado legalmente pela representatividade. É a cidadania e a democracia que são tomadas como base para essa representatividade. A democracia representativa constitui uma instituição produtora de um tipo de compromisso de interesses

ligados com vocação hegemônica. Onde os governantes eleitos representariam os “interesses”, as “aspirações” e a “vontade” dos cidadãos. Mas , com isso, o Estado não encarna a comunidade e funciona assim como uma máquina especializada na produção de generalidade, que é condição ideológica fundamental à uma submissão real. Formando um “mercado político” onde o eleitor compra através do voto um determinado “produto político”, que corresponde a sua necessidade:

“É tempo de novas oportunidades. Eu, na minha opinião, sou a favor de que a comunidade num todo apóie ele, para que nós venhamos trazer um candidato, para que este candidato da mesma forma que nós o colocamos lá, por ele ser da área criado na comunidade conhecendo os problemas...”

ENTREVISTA 2

A prática da cidadania depende da reativação da esfera pública onde indivíduos podem agir coletivamente constituindo assim, a identidade política baseada em valores de solidariedade, autonomia e do reconhecimento da diferença. Mas há muitos “mas” e levando ao verdadeiro paradoxo com o sentido “*lato*” da representatividade, onde as pessoas não pertencentes à classe dominante, não são consideradas capazes de dirigir a economia ou o “poder” de decisão, cabendo pois, à classe dominante, a melhor opção; forjando o consentimento, uma pseudo participação. É uma triste contestação para a cidadania via representatividade. E agravando, para que se tenha cidadania, o brasileiro precisa passar pela crise ambiental em todo o seu contexto, não há outros caminhos. (Fig. 9-B)

É uma busca. Busca pela cidadania que há muito foi reduzida a um mero *status* legal. Nela por um lado se vê uma parcela significativa da população vivendo em favelas – não só no Complexo de Favelas de Acari, mas em tantos outros Complexos espalhados pela cidade – em condições sócio-culturais de extrema carência. Por outro, lado a política virando uma profissão, tomando decisões de acordo com seus próprios interesses e dos grupos de pressão poderosos, em vez de levar em conta os interesses da comunidade mais ampla. VIEIRA & BREDARIOL (1998).

A violência urbana associada ao uso indiscriminado de drogas ilícitas é um problema ambiental que reduz drasticamente a qualidade de vida da população. A cidade do Rio de Janeiro é praticamente toda partida em zonas de influência e de atuação de grupos sociais

armados, que para conseguirem o que querem, praticam a violência como um modo de fazer valer seu poder. E no imaginário social, as favelas passaram a ser o reduto para esses grupos que formam verdadeiro Estado paralelo, com a força do Estado de direito. A história se repete: onde há o tráfico de entorpecentes há uma batida policial associada, onde muitas das vezes, há vítimas, e entre elas estão crianças e jovens.

A agressividade, intolerância, preconceito, exclusão social são comuns aos dois lados. Fica *interessantemente pior*, quando os próprios gestores do serviço público não conseguem dar conta do real problema que é o tráfico de entorpecentes e quando publicamente fazem a tentativa de relativizar a favela, seus moradores e o crime, como foi o caso de uma declaração feita em outubro de 2007, pelo atual governador do Estado do Rio de Janeiro: “o governador... afirmou que as altas taxas de natalidade em localidades pobres, são verdadeiras fábricas de marginais”. EXTRA (2007). E quando um Secretário Estadual de Segurança diz: “Um tiro em Copacabana é uma coisa. Um tiro na Coréia (Favela da Coréia no Complexo do Alemão) é outra”. Por outro lado, as favelas são um reduto, onde o acesso não é tão fácil como fora dela. A favela está ligada diretamente à degradação ambiental pelo seguinte viés: geralmente lá são os espaços urbanos que têm menos apoio ou atenção do poder público, como faz valer a declaração do Secretário de Segurança acima, pois entende-se que: se a polícia promover uma incursão em uma favela na zona sul do Rio, deve se ter todo o cuidado com o entorno, pois nessa região é que moram as classes média e alta dos cariocas e já na periferia a vida passa ter outro valor?

6.4 A REALIDADE ENTRE SAÚDE E O PODER PÚBLICO

Para se entender um pouco da realidade entre saúde e o poder público há que se voltar um pouco para a conhecida palavra – Globalização.

Segundo SABATINI (1999), apud ASCELRAD (1996): “*Os conflitos ambientais nas cidades que se multiplicam nas últimas décadas representam reações de defesa da qualidade de vida ameaçada pela globalização econômica*”.

A globalização é um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo. Ela parece combinar a universalização e a eliminação das fronteiras nacionais, por um lado. Por outro, parece combinar o particularismo e a diversidade local, a identidade étnica e o regresso ao comunitarismo. Além disso, interage de modo muito diversificado com outras transformações

no sistema mundial que lhe são concomitantes, tais como o aumento dramático das desigualdades entre países ricos e pobres e no interior de cada país entre ricos e pobres, a sobrepopulação, a catástrofe ambiental, os conflitos étnicos, a migração internacional massiva, a emergência de novos estados e a falência ou implosão de outros, a proliferação de guerras civis, o crime globalmente organizado, a democracia formal, como condição política para a assistência internacional. SANTOS (2002).

Para NATAL (2006), a crise ou as crises que a globalização desencadeou no Brasil, já dura mais de vinte anos. Um dos entes mais afetados com o processo de globalização é o Estado, ele sofre:

a) Desnacionalização com um certo esvaziamento do aparelho do Estado nacional que decorre do fato de as velhas e novas capacidades do Estado estarem a ser reorganizadas;

b) A desestatização dos regimes políticos refletida na transição do conceito de governos para o de governação, ou seja, de um modelo de regulação social e econômica assente no papel central do Estado para um outro assente em parcerias e outras formas de associação entre organizações governamentais, para-governamentais e não-governamentais, nas quais o aparelho de Estado tem apenas tarefas de coordenação enquanto primus inter pares.

c) Tendência para a internacionalização do estado nacional expressa no aumento do impacto estratégico do contexto internacional na atuação do Estado, o que pode envolver a expansão do campo de ação do Estado nacional sempre que for necessário adequar as condições internas às exigências extraterritoriais ou transnacionais”.

SANTOS (*idem*)

Com a globalização, as políticas sociais ficaram, dessa forma, duplamente atingidas. Pelo lado da demanda, houve um agravamento da situação social causada pelo ajuste, e este causou verdadeira sobrecarga nos já fragilizados serviços sociais, particularmente aqueles de acesso universal.

Pelo lado da oferta de serviços e benefícios, as políticas sociais ficam restringidas tanto pelo corte de recursos como pela reestruturação do seu perfil, adotando estratégias de focalização de seus serviços. Para SOARES (2008), o Brasil não é um país com uma pobreza

residual, que podia ser combatida com programas focalizados, passageiros e com poucos recursos.

Ocorreu também uma submissão de determinados princípios, como equidade e universalidade, às chamadas restrições econômicas. Essa postura reduziu as prioridades e políticas sociais a algo tópico e residual, priorizando as chamadas inovações gerenciais, quase sempre associadas a estratégias do tipo auto-ajuda, que nos dias de hoje passaram a se chamar solidariedade, participação comunitária etc.

Para a área de saúde assistiu-se ao discurso de que a saúde seria um bem privado, que o setor público seria ineficiente por definição, pela própria natureza, e que os recursos públicos para a saúde seriam escassos e continuariam a ser. Este último tópico ainda é cogitado pela grande discussão que gerou o final da cobrança do imposto sobre as movimentações bancárias – CPMF. E que também foi revelado na seguinte entrevista:

“Aí eles gastam uma fortuna do dinheiro público, do dinheiro que não são deles, aí se constrói um mundo, que aquilo ali é um mundo, será que eles vão querer... em ter interesse em manter verba todo ano... tem aquela, como é chamado? Orçamento! um bilhão. Oh, vamos destinar cem para a saúde, cem para a segurança pública, não é isso? por exemplo, para a educação... será que no município vão ter interesse em enviar tantas verbas para um hospital desses? Porque para começar eles vão ter que, os médicos, os profissionais, muitos de repente vão ficar, até meio assim... mas será que eles tem interesse de manter o hospital vinte e quatro horas aberto? Com funcionários ali e médicos, pediatras...emergência e aí, aquilo ali é uma coisa de louco. Os hospitais da rede municipal estavam tudo ali caindo aos pedaços, numa correria daqui, pessoas largadas nos chão, então são estas questões”.

ENTREVISTA 2

O discurso desta entrevista revela a preocupação que se tem da disponibilidade dos recursos públicos. Do percentual que é e que será disponibilizado para os serviços de saúde. Para o entrevistado, isto assume importância específica, pois é revelado em sua representação sobre saúde. Os moradores de Acari vivem, assim como o restante da população carioca, de um tipo de acesso aos tratamentos em saúde de maneira precária. Há uma superlotação nos

serviços de saúde, quando não, precisam fazer uma peregrinação para aquela unidade que os possa receber. Situado no próprio complexo há um grande hospital público com capacidade para atendimento de qualidade, mas as representações dos moradores se direcionam a preocupação quanto a gestão. Para eles há uma dicotomia entre a disponibilidade de o Estado oferecer uma estrutura e o manter, com o que já estão acostumados, pois, nos seus imaginários, o desmantelamento do serviço público é um processo que se corporifica na atualidade.

Um grande movimento dentro do Estado, na atualidade, é a reprodução do capital fazendo com que a cidade seja o elo entre a economia local e os fluxos globais, passando a ser objeto de competitividade internacional. Nisto se insere os programas governamentais direcionados à melhoria das condições de vida e redistribuição de renda. Parece pessimista olhar por este ângulo, mas há uma grande verdade nas palavras de VIEIRA e BREDARIOL (*ibdem*), quando afirmam que a política se profissionaliza, a não ser que os políticos sejam pessoas de excepcional altruísmo, eles irão sempre encarar a tentação de tomar decisões de acordo com seus próprios interesses. PEREIRA (2008), afirma que as obras sociais são geralmente impulsionadas pela política setorial, e que muitas das vezes são feitas no reduto da oposição como é o caso do Programa de Aceleração do Crescimento, no Complexo do Alemão.

Uma outra faceta da temática saúde e poder público se revela na necessidade atual de se repensar as cidades. Há em curso uma “nova” maneira de se pensar as *cidades*, o que não é totalmente novo. Desde a década de 60, com o governo de Castelo Branco e a promulgação da Lei 4504/64 – o Estatuto da Terra e Plano Doxiadis, se discute sobre uma cidade ideal, acessível a todos. Isto fez com que o legislador entendesse a necessidade de incluir a cidade em um capítulo específico na Constituição de 1988.

Da Constituição até os dias atuais o que se tem discutido no tocante ao assunto cidade é a Lei 10.257/01 chamada de *Estatuto da Cidade*, foi “institucionalizada”, através, do documento: “Cidades Sustentáveis da Agenda 21 Brasileira”. Nessa Lei, há a previsão e a fomentação do que se veio a chamar - *Cidades Sustentáveis*, mediante a formulação de planos diretores. A cidade certamente tem uma particularidade única para cada localidade, pois vários fatores podem influenciar o seu desenvolvimento e manutenção.

A preocupação se estar colocando em pauta este “repensar a cidade”, tem por base DIAS (*ibdem*), que diz: “O ambiente urbano uma das maiores criações do ser humano e o lugar onde vive a maioria das pessoas do mundo atual, está, de várias formas, tornando-se menos adequado para a vida humana.

Mas o que é enfim uma cidade sustentável? Uma cidade sustentável é aquela que tenta se aproximar o máximo possível dos ideais propostos na agenda 21 e seus desdobramentos. SATTERTHWAITTE (2004) pontua algumas categorias gerais de ação ambiental para avaliar o desempenho das cidades na busca de uma melhor cidadania e qualidade de vida – cidade sustentável:

- 1) “Controle de doenças contagiosas e parasitárias – agenda marrom;
- 2) Redução dos perigos químicos e físicos no lar – é o que acontece na maioria das vezes quando se colocam produtos químicos, como por exemplo, hipoclorito de sódio ou outros detergentes, em garrafas de PET de refrigerantes;
- 3) Universalização de um ambiente urbano de boa qualidade para todos – com políticas claras de redução de ruídos, tratamento de efluentes industriais, inclusive, melhoria da qualidade do ar, redução da degradação ambiental, controle da violência urbana;
- 4) Minimização dos custos ambientais da transferência de custos ambientais para os habitantes e ecossistemas do entorno da cidade;
- 5) Incentivo ao consumo sustentável

Para que haja uma otimização das ações supracitadas há que se respeitar algumas metas:

- 1) Econômicas – acesso à uma renda adequada ou meios de produção;
- 2) Sociais, culturais e de saúde – habitação, saneamento, respeito à diversidade cultural, trabalho, transporte etc.;
- 3) Políticas – liberdade de participação na política, na gestão, no desenvolvimento, cidadania etc.;
- 4) Minimização do uso ou desperdício dos recursos não-renováveis – combustíveis fósseis, reutilizar, reciclar, recuperar etc.;
- 5) Uso sustentável dos recursos renováveis finitos – água potável, combustíveis baseados em biomassa etc.;
- 6) Uso de resíduos biodegradáveis – não sobrecarga de corpos hídricos receptores;
- 7) Uso de resíduos ou emissões não-biodegradáveis – não poluição ou descarte excessivo, respeitando os limites biológicos”.

Sem parecer utópico, acredita-se que se houver disponibilidade política para se pensar e realizar os projetos para a implementação de cidade sustentável, ela não está muito além do

que vivenciamos hoje. O Brasil tem um poderoso arcabouço de Leis que favorecem grandemente a essa idéia, além do que, meio ambiente tem começado a se despontar como assunto de pauta. Vários municípios brasileiros já têm suas secretarias de meio ambiente, as empresas, pelo menos as grandes, têm discutido meio ambiente e responsabilidade ambiental. MENEGAT e ALMEIDA (2004), salientam que a condição imperativa para o gerenciamento do sistema urbano-socio-ambiental com vista a um sustentabilidade das cidades, passa pelo exercício da gestão ambiental integrada que por si tem quatro esferas:

- 1) “Conhecimento do ambiente – entender e diagnosticar o sistema urbano-socio-ambiental e suas relações locais e globais com o sistema natural;
- 2) Gestão urbana-socio-ambiental pública – essa gestão necessita de órgãos com boa capacidade técnica, capazes de desenvolver programas estratégicos e integrados com a sociedade e a economia;
- 3) Educação e informação – que deve ajudar a abrir os horizontes em relação ao complexidade do sistema urbano-socio-ambiental;
- 4) Participação dos cidadãos – a sociedade deve ser chamada a construir a gestão do sistema. Essa participação é um dos pontos mais importantes da agenda 21”.

A partir deste ponto é útil discutir o que seja qualidade de vida. Para MINAYO *et ali* (2000) qualidade de vida boa ou excelente é aquela que ofereça um mínimo de condições para que os indivíduos nela inseridos possam desenvolver o máximo de suas potencialidades – viver, sentir ou amar, trabalhar, produzir bens e serviços, fazer ciência ou arte.

Qualidade de vida está ligada a satisfação das necessidades mais elementares da vida humana: alimentação, acesso a água potável, habitação, trabalho, educação, saúde e lazer, que estão associados às noções relativas de conforto, bem-estar e realização individual e coletiva. Qualidade de vida segundo esses autores é polissêmico, ou seja, está relacionado ao modo de vida; incluem idéias de desenvolvimento sustentável e ecologia humana e por fim, relaciona-se a democracia do desenvolvimento e dos direitos humanos e sociais – cidadania. A qualidade de vida quando se trata da saúde, implica a promoção de saúde. Olhando-a, mais focalmente, implica na capacidade de viver sem doenças ou de superar as dificuldades das condições de morbidade.

“O movimento Cidade Sustentável surge para operacionalizar os fundamentos da promoção da saúde no seu contexto local”, ADRIANO *et al.* (2000). Um município saudável

é aquele em que as autoridades políticas e civis, as instituições e organizações públicas e privadas, os proprietários, empresários, trabalhadores e a sociedade dedicam constantes esforços para melhorar as condições de vida, trabalho e cultura da população; estabelecem uma relação harmoniosa com o meio ambiente físico e natural e expandem os recursos comunitários para melhorar a convivência, desenvolver a solidariedade, a co-gestão e a democracia.

“Para que uma cidade se torne saudável ela deve se esforçar para proporcionar:

- 1) Um ambiente físico limpo e seguro;
- 2) Um ecossistema estável e sustentável;
- 3) Alto suporte social, sem exploração;
- 4) Alto grau de participação social;
- 5) Necessidades básicas satisfeitas;
- 6) Acesso a experiências, recursos, contatos, interações e comunicações;
- 7) Economia local diversificada e inovativa;
- 8) Orgulho e respeito pela herança biológica e cultural;
- 9) Serviços de saúde acessíveis a todos e alto nível de saúde”.

O Estado fomenta muito de suas políticas públicas mediante Programas e dentro do Complexo de Acari, os seus moradores têm a oportunidade de estar se inserindo e sendo contemplados dentro desses.

O principal programa que aquela comunidade se beneficia é o Bolsa Família, criado por meio da Medida Provisória nº 132 e posteriormente convertida na Lei 10.836/04. os benefícios são:

- a) Remuneração básica, no valor de R\$ 58,00 concedidos às famílias em situação de extrema pobreza, independente da composição e do número de membros do grupo familiar;
- b) Remuneração variável, no valor de R\$ 18,00, por criança/adolescente, concedido às famílias pobres e extremamente pobres cuja composição apresente crianças e adolescente na faixa de 0 a 16 anos incompletos sob sua responsabilidade;
- c) as famílias em situação de extrema pobreza poderão acumular o benefício e o variável, até o máximo de 3 benefícios por família, totalizando R\$ 112,00 por mês.

Outro programa é o PSF – Programa Saúde da Família que se propõe a reorganizar a prática da atenção à saúde em novas bases e substituir o modelo tradicional, levando a saúde para mais perto da família e, com isso, melhorar a qualidade de vida.

Além desses Programas o Estado está presente dentro do Complexo através das seguintes instituições:

- Guardiões dos Rios – onde a Secretaria Municipal de Meio ambiente se utiliza dos próprios moradores da comunidade para executarem serviços de limpeza dos rios que no caso, o principal é o Acari;
- Gari Comunitário – também beneficiando moradores do próprio Complexo, nos serviços de limpeza, varredura das ruas e acondicionamento adequado dos resíduos sólidos;
- CCDC – Centro Comunitário de Defesa da Cidadania – onde se executa serviços de cartório como expedição de segunda via de RG, certidões de nascimento casamento, busca de certidões em outros estados, sepultamento gratuito.
- As diversas escolas: Ciep Adão Pereira Nunes; Escola Municipal Erico Veríssimo; Escola Municipal Casa da Criança; Escola Municipal General Osório; Escola Municipal Jardim da Infância Ana de Barros Câmara; Escola Municipal Monte Castelo; Escola Municipal Conde Pereira Careiro; Escola Municipal Cornélio Pena; Escola Municipal Olímpia do Couto; Escola Municipal Sebastião de Lacerda; Escola Municipal Thomas Jefferson;
- Fundação Leão XIII;
- Posto de Saúde Professor Carlos Cruz Lima;

Fora estas representatividades do Estado há também o trabalho de diversas outras instituições não-governamentais, que por atuarem em outras frentes, enriquecem as relações no interior do Complexo. Para esta comunidade, o papel das diversas ONG's inseridas, propõe uma ação imediata na resolução de alguns problemas como a educação do adulto, a retirada das crianças das ruas, a formação do adolescente trazendo algumas particularidades de cidadania. É enriquecedor para a educação das crianças, o trabalho da ONG Futuro Feliz, mostrando que através da música, o contexto de ser morador no Complexo, pode ser mais dinâmico e acima de tudo colorido, através do desenvolvimento e da habilidade com os instrumentos musicais.

Apesar de não substituírem o Estado e este se aproveitar da presença delas, o Estado fomenta a política pública e cabe às ONG's "replicar" essas políticas públicas, ou seja, distribuí-las.

As ONG's estabelecidas e em funcionamento no Complexo de Acari são:

- Centro de Estudos e atendimento São Domingos Sávio – formação para geração de renda e educação; além de serviço de protético, dentista e psicólogo;
- Patrulheiros – que segundo seus moradores, os rapazes de 14 a 18 anos freqüentam cursos e são encaminhados para empresas conveniadas para estágio remunerado.
- Centro Social Futuro Feliz – música;
- Tio Patinhas – creche;
- Centro Comunitário Unidos de Acari – creche e atividades para a terceira idade;
- Areal Livre – atividades com esporte e educação;
- Centro Comunitário Nossa Senhora do Bonfim – formação para geração de renda e educação.
- A Associação de Moradores do Areal e a Associação de Moradores de Acari.

Para que a realidade entre saúde e o Poder Público acontece sem prejuízos para a população, a grande maioria dos habitantes do Complexo tem em mãos o voto como aparelho selecionador de representatividade. E ademais como qualquer outra localidade, fica à mercê do que essa representatividade quer representar. Há aí uma falha no modelo de representatividade com reflexos suficientemente conhecidos que são revelados com os escândalos, com a falta de compromisso, com a manutenção da inércia do Estado na sua atuação junto às comunidades. Mesmo os grandes projetos de políticas públicas estão sob a égide das diversas governabilidades e dos seus manda-chuvas. Hoje em dia, fala-se muito em redistribuição de renda via o Programa oficial, mas por outro lado falta políticas públicas adequadas à busca pelo que se chamou aqui de promoção de saúde, cidade sustentável, qualidade de vida, etc.

CONCLUSÃO

O Meio Ambiente é ponto crucial para que se defina a saúde. Estes dois termos não se excluem mutuamente, eles, na verdade, se complementam e deveriam seguir juntos. No presente trabalho viu-se que se for tratado o meio ambiente dissociado da figura humana, muito se perde, pois o homem é figura principal desta interação. É para ele que se destina todo o aparato de leis que são produzidas, especialmente em meio ambiente. É praticamente para o seu fazer que toda a produção científica gerada, também na área ambiental, é destinada. Para que ele saiba sobre o seu entorno, para que ele respeite as características da natureza se quiser deixar para às gerações futuras, um planeta minimamente habitável. No fundo, o homem é ao mesmo tempo, o algoz e a própria vítima da sua intransigência via degradação do meio ambiente.

Há uma progressiva degradação ambiental no seio das grandes cidades, pois estas por natureza são verdadeiros aglomerados habitacionais, produtores de bens e serviços que necessitam de muita energia para o seu metabolismo. As cidades retiram a energia de que precisam do entorno, promove a produção do que não pode ser reconvertido em energia e gera como subproduto os resíduos. Estes são um grande problema tanto para os homens quanto para a natureza.

O projeto econômico usual, do tipo centralizador de renda, tem estabelecido como certo o fosso entre as diversas classes sociais. É um tanto utópico achar que na história do homem na terra, alguma vez tenha sido diferente, ou que em algum dia, esta história seja contada de forma diferente. É fato que poucos têm muito e muitos têm muito pouco; é a origem de muitos dos problemas ambientais potencialmente reversíveis.

Na busca por resolução de suas necessidades, os cidadãos, ficam à mercê das políticas governamentais. Um exemplo triste deste lado perverso é a campanha política disfarçada em programa oficial de governo, aliás, as campanhas políticas existem para suprir a própria necessidade do governo em se manter.

Recentemente, em plena zona de crise de uma epidemia de dengue, a figura maior do Estado Nacional esteve de corpo presente em um município vizinho ao que apresentava mais casos de dengue na região sudeste, para inaugurar de palanque sua política social – PAC. Deveria haver um respeito por parte do Estado a este hiato que neste momento se abate no seio da problemática chamada – cidades. E neste momento, a vida gira entorno do binômio viver ou morrer.

Ter saúde e ter meio ambiente adequado à vida, é ter realizada uma parcela da cidadania que foi adquirida ao longo dos anos e firmada enquanto direito inalienável na Constituição de 1988. Por cidadania se entende o compromisso de se viver melhor, de ter direitos garantidos, de ter participação nas tarefas do convívio. Cidadania é, para quem mora em cidades, ter um espaço onde seus direitos são respeitados, onde haja dignidade com a pessoa humana e onde haja políticas claras de prevenção de doenças e melhora na qualidade de vida.

Para a cidade, a inovação trazida pelo modelo de cidade sustentável vem a ser mais um veículo, capaz de trazer a salubridade a esse habitar citadino, respeitando as diversas nuances do dia-a-dia dos cidadãos que ali vivem. Cidade sustentável é um alvo a se alcançar a partir da agenda 21 local.

Pela qualidade de vida hoje experimentada no habitar, a cidade, hoje em dia, supõe-se que esta seja o pior local para se viver. Habitar na cidade é assumir riscos com variáveis de difíceis soluções definitivas. Há que se ter a preocupação no exercício de políticas públicas efetivas, que ofereçam qualidade aos seus moradores, e a partir daí uma abrangência dos conflitos comumente por eles vividos.

No topo do *ranking*, desponta a **saúde** e todo o seu aparato. Meio ambiente e saúde devem ser levados a sério para que se perceba o valor da vida humana e a sua interação com o meio ambiente.

Optou-se por fazer um estudo de algumas das características e variáveis ambientais dos habitantes do Complexo de Favelas de Acari, na zona norte do Município do Rio de Janeiro. Para esses moradores, viver e sobreviver são termos indissociáveis, pois precisam driblar cotidianamente diversos problemas de ordem social, econômica e ambiental. O sistema econômico vigente devora essa parcela de cidadãos, os submete e os remete às tradicionais tentativas: tentativa de prestação de serviço Estatal, tentativa de sobrevivência via ONG's, e tentativa por esforços próprios. Aos habitantes do Complexo, a saúde não fica à traz, ela é necessária para tudo o que realizam. Por habitarem um ambiente insalubre, violento e sujo, esses moradores não têm consolidada sua cidadania, e vivem a crise ambiental como a pior das suas experiências. E como se não houvesse uma outra forma, para terem cidadania, eles precisam enfrentar a dura realidade da crise ambiental em curso.

A exemplo de outras comunidades, o Complexo de Favelas de Acari também vive a mercê do que o Estado se interesse em fazer. É notório o papel dele no dia-a-dia dos seus moradores, seja na preocupação com a saúde – no Complexo há um grande hospital público, novo que permaneceu fechado por um longo tempo, e para algumas doenças, nem o PSF

instalado naquela localidade, consegue quantificar; seja na política de segurança e proteção – onde o Complexo é um reduto do tráfico de entorpecentes e inexistente entorno dele, qualquer policiamento; seja nas políticas de educação – onde há escolas, mas não para todos. E pode-se confrontar com o resultado de, por exemplo, o ENEM para se questionar a qualidade do ensino; seja em políticas de meio ambiente – há muitos problemas com a drenagem de esgotos, proliferação de vetores de doenças, péssima distribuição e qualidade da água que se consome etc.

A participação comunitária é considerada pelos moradores uma função decisiva na melhoria da qualidade de sua vivência. Há a conscientização de que não vale somente cuidar do próprio espaço, desvinculando-a do papel do vizinho. Em uma comunidade onde as habitações são contíguas o que o vizinho produz, por exemplo, de cultura, resíduos e, porque não dizer, seu descuido, afeta diretamente um grupo de famílias ao seu redor. Não há espaço para ser produtor e recebedor do seu produto somente. Há uma troca em massa do que é produzido. Logo, se se produz, lixo, violência, ruído, insetos, roedores etc; há, na verdade, uma multiplicação de famílias participantes desta troca, gerando problemas múltiplos.

Para os moradores do Complexo de Favelas de Acari a percepção de saúde, mesmo que reproduzindo as palavras do conceito clássico, não tem tido uma prática satisfatória. A dinamicidade deste conceito não foi plenamente desvelada nos discursos dos entrevistados. Poucos deles tiveram uma contextualização mais ampla do que seja a saúde nos referidos conceitos clássicos, e conclamam que se todos os outros moradores pudessem perceber que, além de estarem bem psicologicamente ou sem doenças, estão inseridos dentro do conceito de saúde: transporte, lazer, moradia, salários dignos etc. A saúde teria com isso uma definição mais próxima do que seja real, não só para eles, como para qualquer outro indivíduo habitante de qualquer outro espaço geográfico.

A pesquisa revelou que saúde é um bem que urge dentro do Complexo, pois as diversas atividades de seus habitantes caminham potencialmente na contramão do que seja ter saúde. Não se sabe precisar o porquê deste fato, mas algumas sugestões podem ter utilidade para entender esse fenômeno. Estas podem ser: deficiência educacional, falta de mobilização e participação conjunta, participação das lideranças comunitárias, em todas as ações, capazes de trazer melhorias para aquele ambiente. Pelo o que foram relatados nas entrevistas, atitudes como conviver com o lixo, imundície e dejetos, revelam uma necessidade urgente de tomada de posição frente à tendência de se acostumar com a realidade com que se vive, ou a eterna espera que o político A ou B faça alguma coisa, ou que aquilo seja normal e imutável.

O Estado deveria ser o ente que se obriga a executar atividades para a melhoria da população do Complexo. E através dos seus diversos programas institucionais, rever conceitos e valores, repensar o habitar, modificar a realidade daquelas pessoas que estão inseridas naquele contexto social.

Um desses programas, o PSF, tem uma responsabilidade imediata na tentativa de sanar os problemas relacionados com a saúde. Mas, infelizmente, o papel que se vê é que o Programa está muito centrado no lado curativo em detrimento à prevenção em saúde, ao qual foi destinado. A demanda é grande, e as equipes não têm conseguido atuar nas possíveis origens dos problemas.

A aplicação da saúde dentro da temática meio ambiente tem importância elevada, pois o existir na cidade – ter cidadania, morar, trabalhar, sorrir, chorar, se alimentar, ter paz, sono, ajudar etc – está sob efeitos de variáveis ambientais e de saúde, e estas condicionam a qualidade desse existir. Foi-se o tempo em que se podia dissociar um termo do outro. O ser humano, enquanto morador e dependente de um espaço geográfico, deve entender que este muda constantemente e que reside nessa mudança os benefícios e malefícios do tipo de vida em curso.

Os conflitos gerados na dinamicidade deste processo fazem parte do escopo da ciência ambiental, na medida em que estão inseridos em um desequilíbrio maior – a crise ambiental – e que esta, por sua vez, está trazendo conseqüências graves para o ser humano e para o próprio planeta, que será herdado pelas novas gerações.

É oportuno estudar e disponibilizar dados referentes à percepção que os moradores do Complexo de Favela acari têm sobre saúde e meio ambiente. Pois nem sempre políticas intervencionistas verticais trazem solução para todos os males – vide o Favela-Bairro. É importante presenciar o que esta comunidade, em específico, sabe sobre meio ambiente e que atividades assumem perante esse conceito.

O que esta pesquisa pôde constatar, e que de modo algum pode se generalizar, é que os moradores do Complexo de Favelas Acari, encontram-se em um tipo de comportamento passivo perante o que acontece a sua volta. Nota-se no discurso dos seus moradores, a fé que depositam em promessas políticas e em candidatos. Por outro lado, há uma briga política entre as associações de moradores, sendo que algumas delas se aglutinaram sob uma mesma direção, pois não tinham representatividade. Com isto, se vê, conseqüentemente, uma expressiva parcela da população alijada em sua capacidade de mobilização e totalmente alienada do seu potencial e/ou reivindicação dos seus direitos. É como se a preocupação fosse resumida à sobrevivência estanque do dia-a-dia.

BIBLIOGRAFIA

ABRIC, J.-C. Pratiques sociales et représentations. Paris. Press Universitaires de France, 1994.

ADRIANO *et al.* A construção de cidades saudáveis: uma estratégia viável para a melhoria da qualidade de vida? Ciência & Saúde Coletiva, 5 (1). Rio de Janeiro. ABRASCO, 2000.

ALIER, J. M. Da economia ecológica ao ecologismo popular. Furb. Blumenau, 1998.

ANADON, M.; MACHADO, P.B. Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais. Salvador. UNEB, 2001

ANVISA, RDC nº 50, de 21 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde.

BODSTEIN, Regina; ZANCAN, Lenira. Avaliação da ações de promoção da saúde em contextos de pobreza e vulnerabilidade social. Disponível em: <www.abrasco.org.br/GTs/GT%20Promoao/Capitulo%20II%20-%20Regina%20%20Lena1.pdf>

BARSZTYN, M. Para pensar o desenvolvimento sustentável. São Paulo. Brasiliense 1993.

BOFF, Leonardo. O despertar da águia: dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis. Vozes, 1980

BOOTH, W. C., COLOMB, G. G., WILLIAMS, J. M. A arte da pesquisa. São Paulo. Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas. Papyrus. 1997.

BRATFICH, Orlando J. Desenvolvimento de equipamento para tratamento eletroquímico de esgoto hospitalar. Disponível em: <<http://watson.fapesp.br/PIPEM/Pipe12/engsan1.htm>>

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil.

_____, Lei nº 4504. 31 de novembro 1964. Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras providências.

_____, Lei nº 4771, de setembro de 1965. Institui o novo Código Florestal.

_____, Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, dá outras providências.

_____, Lei nº 7990, de 28 de dezembro de 1989. Institui, para os Estados, Distrito Federal e Municípios, compensação financeira pelo resultado da exploração de petróleo ou gás natural, de recursos hídricos para fins de geração de energia elétrica, de recursos minerais em seus respectivos territórios, plataformas continental, mar territorial ou zona econômica exclusiva, e dá outras providências.

_____, Lei nº 8080. 20 de setembro. 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.

_____, Lei nº 9433, de 08 de janeiro de 1997. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal, e altera o art. 1º da Lei nº 8001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei nº 7990, de 28 de dezembro de 1989.

_____, Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

_____, Lei nº 10.257. 11 julho 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências.

_____, Decreto Legislativo Federal nº 03 de 13 de fevereiro de 1948. Proteção da flora, fauna e das belezas cênicas dos países da América.

_____, Decreto Legislativo Federal nº 58054 de 23 de março de 1966. Promulga a Convenção para a proteção da flora, fauna e das belezas cênicas dos países da América.

_____, Lei nº 10.836, de 09 de janeiro de 2004. Cria o programa Bolsa Família e dá outras providências.

CAMPANHOLE, A., CAMPANHOLE, H.I. Constituições do Brasil. São Paulo, 1983.

CAMPOS, Gastão W.S. (org). Planejamento sem normas. São Paulo. HUCITEC, 1989.

CANTARINO, G. O'DWYER; LEITE, M. A. C. de A. Saúde, direito primordial de cidadania
CAVALCANTI, Clóvis. Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo. Cortez. 1998.

CAVALCANTI, Clóvis (org.). Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas São Paulo; Recife: fundação Joaquim Nabuco, 1999.

CIRIBELLI, Maria Corrêa. Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica. Rio de Janeiro. 7letras. 2003.

CONAMA, Resolução nº 003, de 28 de junho de 1990. Dispõe sobre padrões primários e secundários de qualidade de ar e ainda os critérios para episódios agudos de poluição do ar.

CONASSEMS, divulgação n17, março 1997.

Conferência sobre Sociedade e Meio Ambiente, El Colégio de Michoacán, 1991:

CORREIA, Fernanda G. Breve histórico da questão habitacional na cidade do rio de janeiro in www.achegas.net/numero/31/fernanda_correa_31.pdf.

COSTA, N.R. Direito à saúde no Constituição: um primeiro balanço. Cad. Saúde Pública, n5, 1989.

CUNHA, Paulo R. da. A relação entre meio ambiente e saúde e a importância dos princípios da prevenção e da precaução. 2005. Disponível em <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6484>>

CICONELLI *et al.*. Indicadores de Saúde no Brasil: um processo em construção. Revista de Administração em Saúde. 7 (27). Abr-jun. 2005.

DAVIS, M. Planeta favela. São Paulo. Boitempo, 2006.

DIAS, G. F. Mudanças Globais introduzidas por alterações da superfície da terra causadas pelas atividades humanas. In: mudanças no Meio Ambiente. Cadernos da Católica, Universidade Católica de Brasília, (1) 3 Dez, 1996.

_____, Elementos de ecologia urbana e sua estrutura ecossistêmica. Brasília. IBAMA, 1997.

DIAS, H. P. Saúde como direito de todo e dever do Estado, in 8 conferência nacional de saúde, 1986, Brasília. Anais: ministério da saúde, 1986, p69-90

EGRY, E. Y. *Saúde coletiva: construindo um novo método em Enfermagem*. São Paulo. Ícone, 1996.

DOISE, W. Les représentations sociales. In : R.GHIGLIONE; C. BONNET; J.F.RICHARD (Eds.). *Traité de psychologie cognitive*. Dunot. Paris, 1990.

EZENBERGER, Hans-Morgan. Contribuição a crítica da ecologia política. México: Universidade Autónoma de Puebla. 1976.

FELTRE, Ricardo, Química. Vol. 1. Rio de Janeiro. Editora Moderna. 1995.

FIOCRUZ. Gestão de Saúde: curso de aperfeiçoamento para dirigentes municipais de saúde: programa de educação a distância. Brasília: UnB, 1998.

FARR, R. M. Les représentations sociales: lè théorie et ses critiques. Bulletin de psychologie, 45 (405), 1992.

GAMA, R. A tecnologia e o trabalho na história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986

GIL, ANTONIO C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo. Atlas, 2002

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Lei 2539, de 19 de abril de 1996. Estabelece um programa de inspeção e manutenção de veículos em uso, destinado a promover a redução da poluição atmosférica.

_____, Lei 3239/99, de 02 de agosto de 1999. Institui a política estadual de Recursos Hídricos; cria o sistema estadual de gerenciamento de recursos hídricos; regulamenta a Constituição Estadual, em seu art. 261, parágrafo 1º, inciso VII; e dá outras providências.

- GRANZIERA, Maria Luiza Machado; DALLARI, Sueli Gandolfi. Direito Sanitário e Meio Ambiente. In: PHILIPPI JR., Arlindo; ALVES, Alaor Caffé (Editores). *Curso Interdisciplinar de Direito Ambiental*. Barueri. Manole, 2005.
- HAYWARD, Tim. *Ecological Thought: na introduction*. Cambridge/UK: Polity Press, 1994.
- HERCULANO, S. C. *Meio Ambiente: questões conceituais*. Niterói. PGCA-Riocor, 2000.
- HOBBSAWN, E. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.
- HORTA, W. A. CASTELLANOS. B.E.P. *Processo de Enfermagem*. São Paulo. E.P.U. 1979.
- IBAÑEZ, T. *Representaciones sociales: teoría y método*. In: IBAÑEZ, T. (Ed.). *Ideologías de la vida cotidiana*. Barcelona. Sendai, 1988.
- JODELET, D. *Représentations sociales: un domaine em expansion*. In : D. JODELET (Ed.). *Les représentations sociales*. Paris. Presses Universitaires de France, 1989.
- JOVCHELOVICH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis. Vozes 2000.
- KRÜGER, Eduardo L. *Uma abordagem sistêmica da atual crise ambiental*. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, número 4 jul/dez.2001. editora da UFPR.
- LAGO. Antonio; PÁDUA. José Augusto. *O que é ecologia*. São Paulo. Brasiliense, 1985.
- LEITE, Márcia Pereira. *Entre o individualismo e a solidariedade: Dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol 15, número 44,1997.
- LEFF, Enrique. *Ecologia, capital e cultura: Racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Blumenau. Edifurb, 2000.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo. EPU, 1986.
- MARTINS, José de S. *O Bolsa-Família e o crediário de geladeiras e lavadoras*. O Estado de S. Paulo, 11 de março de 2008. Disponível em <http://web.mac.com/dorivalfilho/DEM/Artigos_-_Brasil/Entries/2008/3/11_O_destino_do_Bolsa_Fam%C3%ADlia.html>
- MENEGAT, Rualdo; ALMEIDA, Gerson. *Sustentabilidade, democracia e gestão ambiental urbana*. In: MENEGAT, Rualdo; ALMEIDA, Gerson. *Desenvolvimento sustentável e gestão ambiental nas cidades*. Porto Alegre. UFRGS, 2004.
- MINAYO *et ali*. *Qualidade de vida e saúde: um debate necessário*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5 (1). Rio de Janeiro. ABRASCO, 2000.
- MINAYO, Maria C. de Souza (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 8 Ed. Petrópolis. Ed. Vozes 1998.

MOTTA, R. S. da; ORTIZ, Ramon A.; FERREIRA, Sandro de F. Avaliação econômica dos impactos causados pela poluição atmosférica na saúde humana: um estudo de caso para São Paulo, 1998. Disponível em: <www.race.nuca.ie.ufrj.br/eco/trabalhos/mesa3/5.doc>

MOTOYAMA, S (org) Educação técnica e tecnológica em questão: 25 anos do CEETEPS. História vivida. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995

MOSCOVICI, S. The phenomenon of social representations. In R.M. Farr & S. Moscovici (eds.), Social Representations (p. 3-69). Cambridge University Press. Cambridge. 1984.

NATAL, Jorge. Do desenvolvimentalismo ao neoliberalismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro. Publicati, 2006.

ODUM, H. T. *et al.* Environmental and society in Florida. Center for Environmental Policy. University of Florida, 1993.

PERLMAN, Janice. Marginalidade: do mito à realidade nas favelas do Rio de Janeiro. Coleção estudos da cidade. Rio estudos. Número 102. Maio de 2003

PHILIPPI JR *et ali.* Educação ambiental e sustentabilidade. Barueri. Manole 2004.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro. Campus 1980.

POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernadette P. Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem. Porto Alegre. Editora Artmed. 1996.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 2006

PORTO, Silvia *et al.* Avaliação de uma metodologia de alocação de recursos financeiros do setor saúde para aplicação no Brasil. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/csp/v23n6/13.pdf>

RIBEIRO, Luiz C. de Q.; LAGO, Luciana C. do. A oposição favela-bairro no espaço social do rio de janeiro. In <www.scielo.br/pdf/spp/v15n1/8598.pdf 02/03/2008>.

RICOEUR, P. Narrative time. In: JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Vozes, 2000.

SALOMON, D. V. Como fazer uma monografia. São Paulo. Martins fontes. 2001.

SANTOS, Boaventura de S. A Globalização e as Ciências Sociais. São Paulo. Cortez, 2002.

SOARES, Laura T. R. Globalização e exclusão. Revista de Enfermagem: Escola de Enfermagem Ana Nery, 1 (1): 13-22, set. 1997.

SOAREZ, Patrícia C. de; PADOVAN, Jorge L.; CICONELLI, Rozana M. Indicadores de saúde no Brasil: um processo em construção. Revista de administração em saúde; 7(27):57-64, abr.-jun. 2005. Disponível em: <www.cqh.org.br/files/RAS27_indicadores.pdf>

SATTERTHWAITE, David. Como as cidades podem contribuir para o desenvolvimento sustentável. In: MENEGAT, Rualdo; ALMEIDA, Gerson. Desenvolvimento sustentável e gestão ambiental nas cidades. Porto Alegre. UFRGS, 2004.

SABATINI, F. Participación ciudadanía para enfrentar conflictos ambientales urbanos: una estrategia para los municipios. Ambiente y Desarrollo, ano XVm nº 4, dez. 1999. In: ASCELRAD, Henri. Contradições espaciais, conflitos ambientais e regulação. In: COSTA, H. S *et al.* Novas periferias metropolitanas a expansão metropolitana em Belo Horizonte: dinâmica e especificidade no eixo-sul. Belo Horizonte. Companhia da Art, 2006.

SANTOS JR, O. A. dos. Políticas públicas e gestão local: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais. Rio de Janeiro. Fase. 2003.

SEM, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo. Companhia das Letras.2000.

SIGAUD, Marcia F. Caracterização dos domicílios na cidade do Rio de Janeiro. Coleção estudos da cidade. Rio estudos. Número 253. Abril 2003

SILVA JR, A. G. da. Modelos assistenciais em saúde: o debate no campo da saúde coletiva. Tese de Doutorado. ENSP/FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 1996.

SOUZA e SILVA, Jailson de. Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. www.iets.org.br/biblioteca/Um_espaço_em_busca_de_seu_lugar.PDF acessado em 22/02/2008.

SUTTON. D. B. ;HARMONN, N. P. Ecology: selected concepts. John Wiley & Sons, Inc., N.Y.; 1993.

TAYRA, Flávio. A crise ambiental e o papel das novas tecnologias da informação: além do domínio da técnica. Revista Eletrônica de Geografia y ciências sociais. vol VIII, número 170(41). 2004.

TORRES, Haroldo da G. MARQUES, Eduardo C. Tamanho populacional das favelas paulistanas. Ou os grande números e a falência do debate sobre a metrópole. Artigo em <www.centrodametropole.org.br/pdf/abep2002.pdf>.

TRAVASSOS, Edson G. A educação ambiental nos currículos: dificuldades e desafios. In revista de Biologia e Ciência da Terra, vol.1 nº2, 2001. Disponível em <redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/500/50010202.pdf>.

VALA, J. Representações Sociais : para uma psicologia social no pensamento social. In: VALA, J; MONTEIRO, M.B. (Eds.). Psicologia Social. Lisboa, Fundação Calouste Gullbenkian, 1993.

VIEIRA, Liszt. Cidadania e Globalização. Rio de Janeiro. Record. 2001.

_____; BREDARIOL, Celso. Cidadania e Política Ambiental. Rio de Janeiro. Record, 1998.

WEBER, Alexandre de V. Sistema de sucessão e herança da posse habitacional em favelas. Tese de Mestrado (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal Fluminense, 1999.

WEILL, Pierre. A mudança de sentido e o sentido da mudança. Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro. 2000.

ZALUAR, A; ALVITO, M. (orgs.). Um século de favela. Editora FGV. Rio de Janeiro, 1998.

ZOTTI, Solange A. Organização do ensino primário no Brasil: uma leitura da história do currículo oficial. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_102.html>

ZUCCHI, Paola. O mundo da saúde. São Paulo ano 21 v 21 n3 mai/jun 1997.

Sites pesquisados:

www.ecolnews.com.br/agenda21/index.htm acesso em 18 de fevereiro de 2008.

<http://www.uepb.edu.br/eduep/rbct/sumarios/pdf/educamb.pdf>

<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/educ109d.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice_de_Desenvolvimento_Humano

<http://www.pnud.org.br/publicacoes>

<http://www.saude.rio.rj.gov.br>

http://www.aquacon.com.br/Site_portugues/Acervo/aq080.htm

www.ambientebrasil.com.br/.../urbano/index.html&conteudo=./urbano/artigos/poluiçãoc_o.html

http://www2.rio.rj.gov.br/smu/paginas/ev_planos.asp

http://www.celioluparelli.com.br/noticiasphp?id_noticia=115

<http://www.ambientebrasil.com.br>

<http://www.opas.org.br>

<http://www.who.int/en/>

<http://www.psolrj.org.br>

<http://www.fau.ufrj.br/prourb/cidades/favela/progfavbt.html>

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.htm>

<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>

<http://www.guia.heu.nom.br/index.htm>

<http://www.Klepsidra.net/klepsidra19/favelado.htm>

http://www.favelatememoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=78from_info_index=6&infoid=109

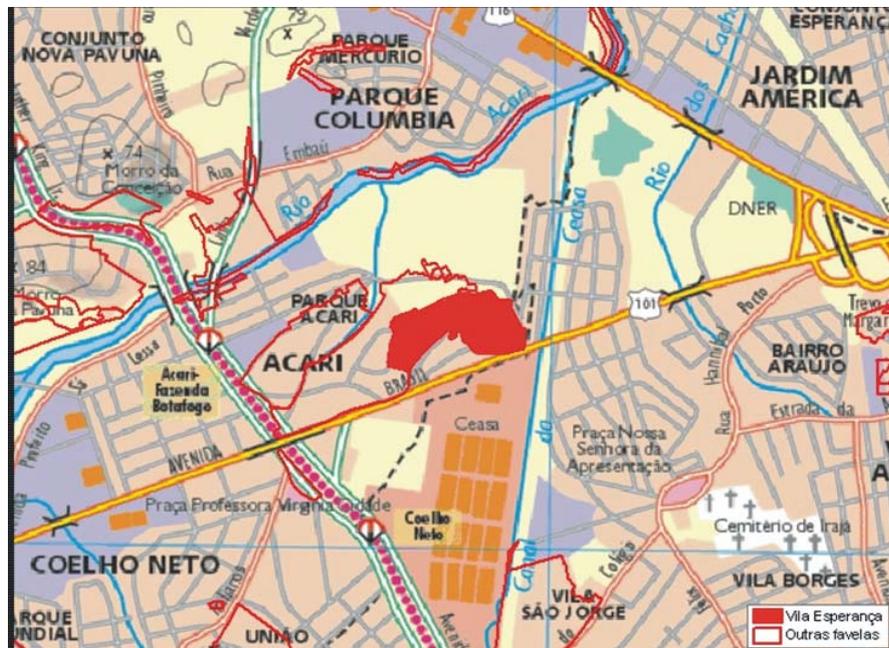
www.worldbank.org/urbans/symposium2005/presentations/pasternak.pdf 02/03/2008 11:21

ANEXO I

FOTOS AÉREAS E LOCALIZAÇÃO DO COMPLEXO DE FAVELAS



Figura 1
Município do Rio de Janeiro onde se vê destacado o bairro de Acari na área programática 3
Fonte: Instituto Pereira Passos – Pref. Municipal do Rio de Janeiro



Mapa 1
Mapa representando a favela de Vila Esperança
Fonte: Instituto Pereira Passos – Pref. Municipal do Rio de Janeiro .



Mapa 4

Mapa representando a favela Beira Rio

Fonte: Instituto Pereira Passos – Pref. Municipal do Rio de Janeiro .

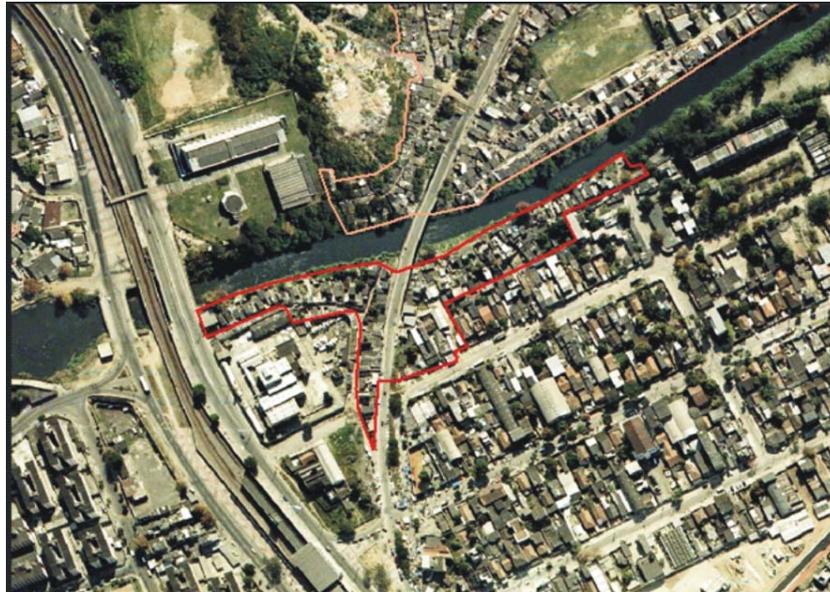


Foto 1

Foto aérea da Favela de Vila Esperança

Fonte: Instituto Pereira Passos

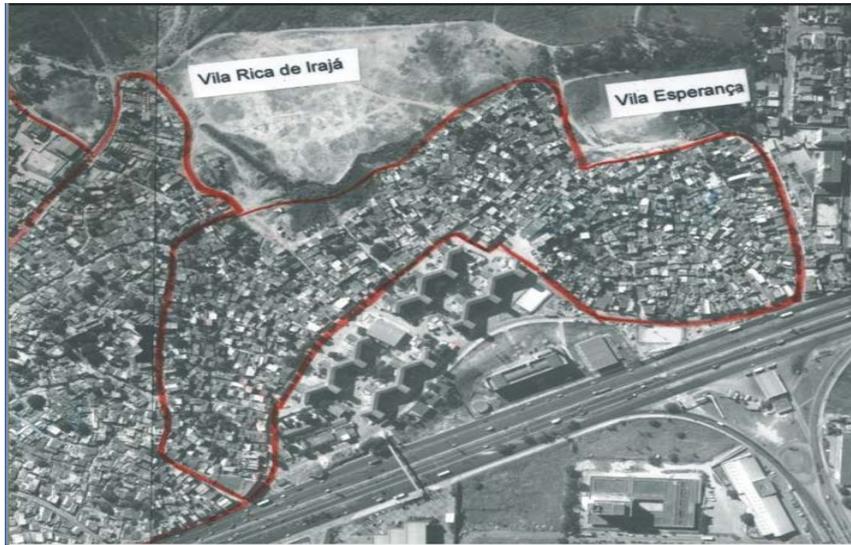


Foto 2
Foto aérea da Favela de Vila Esperança
Fonte: Instituto Pereira Passos



Foto 3
Foto aérea da Favela de Vila Esperança
Fonte: Instituto Pereira Passos



Foto 4
Foto aérea da Favela de Vila Rica de Irajá,
Fonte: Instituto Pereira Passos

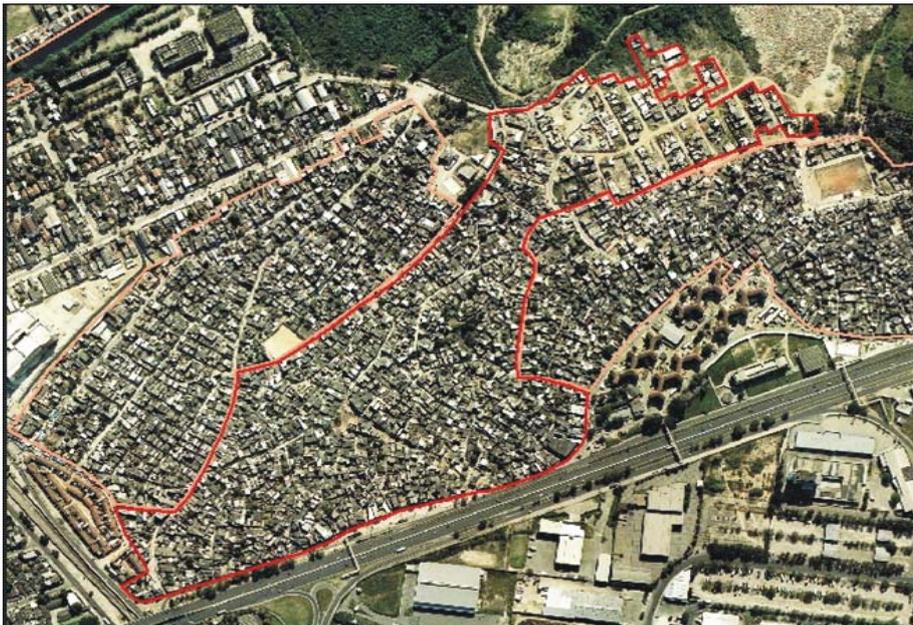


Foto 5
Foto aérea da Favela de Vila Rica de Irajá,



Foto 6
Foto aérea da Favela de Parque Acari
Fonte: Instituto Pereira Passos



Foto 7
Foto aérea da Favela de Parque Acari, com detalhe da presença do Hospital de Acari
Fonte: Instituto Pereira Passos

ANEXO II

TABELAS

Teorias do ecologismo		
	Materialistas	Não-materialistas
Ecologismo nos países ricos	Reação contra a contaminação e esgotamento dos recursos naturais causados pela abundância	Mudança cultural para valores pós-materialistas devido á utilidade marginal decrescente dos abundantes bens materiais, fáceis de obter sem custos ambientais
Ecologismo nos países pobres	Defesa do acesso comunitário aos recursos naturais, contra a ameaça do mercado ou do Estado. Reação contra a degradação ambiental provocada pela pobreza, o excesso de população e intercâmbio desigual	Religiões biocêntricas Ecofeminismo essencialista

Tabela 1 - Teorias do ecologismo:

III	Pop.de Favelas (a)	Mun.Pop.Rio (b)	a/b%	% de cresc. Pop. Favelas	% de cresc. Pop.Rio
1950	169.305	2.337.451	7,24%	-	-
1960	337.412	3.307.163	10,20%	99,3%	41,5%
1970	563.970	4.251.918	13,26%	67,1%	28,6%
1980	628.170	5.093.232	12,33%	11,4%	19,8%
1990	882.483	5.480.778	16,10%	40,5%	7,6%
2000	1.092.958	5.857.879	18,66%	23,9%	6,9%

Tabela 2 – Taxa de Crescimento de Favelas no Rio de Janeiro de 1950 a 2000

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Município do Rio de Janeiro - 2000 a 2006

Número de Agressões por Cidade por Ano, Área de Planejamento, Região Administrativa e Bairro

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas e Bairros	População Censo 2000	Nº de Agressões 2000	Nº de Agressões 2001	Nº de Agressões 2002	Nº de Agressões 2003	Nº de Agressões 2004	Nº de Agressões 2005	Nº de Agressões 2006	Total de Agressões
TOTAL	9 297 804	15 953	16 853	13 876	17 974	17 727	18 288	13 888	118 853
ÁREA DE PLANEJAMENTO 3.3	928 800	3 154	3 091	2 712	2 804	2 938	3 037	2 336	20072
XXV PAVUNA	197 068	480	517	434	439	441	458	338	3107
AGARI	24 850	83	82	87	90	81	52	49	414

Tabela 8-B

Município do Rio de Janeiro - 1996 a 2006

Número de Casos, Óbitos, Taxa de Incidência, Mortalidade e Letalidade* de Leptospirose por Área de Planejamento, Região Administrativa e Bairro

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas e Bairros	População Censo 2000	Casos 1996	Casos 1997	Casos 1998	Casos 1999	Casos 2000	Casos 2001	Casos 2002	Casos 2003	Casos 2004	Casos 2005	Casos 2006	Total de Casos de Leptospirose
TOTAL	5 857 904	1 798	124	272	109	88	87	88	117	82	108	103	2 978
ÁREA DE PLANEJAMENTO 3.3	928 800	222	31	36	19	11	14	22	28	17	31	30	461
XXV PAVUNA	137 068	158	14	14	5	2	2	5	4	5	7	8	224
ACARI	24 650	1	0	0	1	1	2	1	1	1	0	2	10

Tabela 9-B

Município do Rio de Janeiro - 2003 2006

Número de Surtos de Hepatite Viral por Ano, Área de Planejamento, Região Administrativa e Bairro

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas e Bairros	População Censo 2000	Nº de Surtos 2003	Nº de Surtos 2004	Nº de Surtos 2005	Nº de Surtos 2006	Total de Surtos
TOTAL	5 857 904	5	19	61	44	129
ÁREA DE PLANEJAMENTO 3.3	928 800	0	3	9	11	23
XXV PAVUNA	137 068	0	0	5	4	9
ACARI	24 650	0	0	2	0	2

Tabela 10-B

SUBASS/SVS/Gerência de Vigilância Epidemiológica

Número de Casos e Óbitos e Taxas de Incidência, Mortalidade e Letalidade* de Febre Hemorrágica do Dengue/Síndrome do Choque por Dengue por Áreas de Planejamento, F**

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas e Bairros	População Censo 2000	Casos FHD 1996	Casos FHD 1997	Casos FHD 1998	Casos FHD 1999	Casos FHD 2000	Casos FHD 2001	Casos FHD 2002	Casos FHD 2003	Casos FHD 2004	Casos FHD 2005	Casos FHD 2006
TOTAL	5 857 904	0	0	2	11	12	269	718	4	4	4	35
ÁREA DE PLANEJAMENTO 3.3	928 800	0	0	0	3	0	35	82	0	1	0	0
ACARI	24 650	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0

Tabela 11-B

Município do Rio de Janeiro - 2000 a 2006

Número de Casos, Óbitos, Taxa de Incidência, Mortalidade e Letalidade* de Doença Meningocócica por Área de Planejamento, Região Administrativa e Bairro

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas e Bairros	População Censo 2000	Casos 2000	Casos 2001	Casos 2002	Casos 2003	Casos 2004	Casos 2005	Casos 2006	Total Casos DM
TOTAL	5 857 904	192	184	178	172	178	231	157	1 292
ÁREA DE PLANEJAMENTO 3.3	928 800	33	27	26	16	28	32	35	197
XXV PAVUNA	197 068	3	8	6	2	7	9	7	42
ACARI	24 650	2	1	3	1	2	1	2	12

Tabela 12-B

Município do Rio de Janeiro - 1996 a 2006

Número de Casos, Óbitos, Taxa de Incidência, Mortalidade e Letalidade* de Dengue por Área de Planejamento, Região Administrativa e Bairro

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas e Bairros	População Censo 2000	Casos 1996	Casos 1997	Casos 1998	Casos 1999	Casos 2000	Casos 2001	Casos 2002	Casos 2003	Casos 2004	Casos 2005	Casos 2006	Total Casos de Dengue
TOTAL	5 857 904	4 102	1 024	13 477	4 132	2 279	27 671	143 723	1 610	708	1 218	14 778	214 722
ÁREA DE PLANEJAMENTO 3.3	928 800	477	136	1 820	555	319	5 109	10 351	214	118	109	754	19 962
PAVUNA	90 027	64	17	445	129	10	341	578	19	5	3	53	1 664

Tabela 13-B

	Principal fonte	O que causa
	Escape dos veículos motorizados	
NO2	Centrais termoelétricas	Problemas respiratórios
	Fábricas de fertilizantes, de explosivos ou de ácido nítrico	
SO2	Centrais termoelétricas	Problemas respiratórios, irritação nos olhos, problemas cardiovasculares
	Petróleo ou carvão	
	Fábricas de ácido sulfúrico	
	Escape dos veículos motorizados	
Partículas em suspensão	Processos industriais	Problemas respiratórios, irritação dos olhos, doenças cardiovasculares
	Centrais termoelétricas	
	Reação dos gases poluentes na atmosfera	
	Escape dos veículos motorizados	Problemas respiratórios, intoxicações, problemas cardiovasculares
CO	Alguns processos industriais	Na exposição prolongada: aumento do volume do baço, hemorragias, náuseas, diarreias, pneumonia, perda de memória e outros males.
	Fumaça de cigarro	
Pb (Chumbo)	Escape dos veículos motorizados (gasolina com chumbo)	Efeito tóxico acumulativo
	Incineração de resíduos	Anemia e destruição de tecido cerebral
O3 (Ozônio)	Formados na atmosfera devido à reação de óxidos de azoto, hidrocarbonetos e luz solar	Irritação nos olhos Problemas respiratórios (reação inflamatória)

Tabela 14-B
Gases poluentes lançados na atmosfera

15 Municípios Maiores Emissores de Material Particulado 10µm g/m³ (PM10).

Município (Estado)	Pop. (1.000)	Total PM 10 (t.)	Transp. PM10 (t.)	Transp. % do total	Ind. PM10 (t.)	Gr. Ind. % do total	Peq. Ind. % do total
São Paulo (SP)	9.646	41.204	24.081	58	17.123	41	1
Rio de Janeiro (RJ)	5.481	16.684	9.727	58	6.957	41	1
Belo Horizonte (MG)	2.020	10.140	4.934	49	5.206	50	1
Curitiba (PR)	1.315	9.759	6.053	62	3.706	36	2
Porto Alegre (RS)	1.263	6.107	4.694	77	1.413	21	2
Salvador (BA)	2.075	6.104	4.796	79	1.308	19	2
Brasília (DF)	1.601	6.089	3.628	60	2.461	39	1
Volta Redonda (RJ)	220	5.833	390	6	5.443	93	1
Manaus (AM)	1.012	5.480	3.680	67	1.800	32	1
Campo Grande (RS)	526	4.603	3.964	86	639	13	1
Recife (PE)	1.298	4.542	2.048	45	2.494	52	3
Itapeva (SP)	82	4.515	112	2	4.403	97	1
Cubatão (SP)	91	4.406	238	6	4.168	90	4
Sete Lagoas (MG)	144	4.316	334	8	3.982	92	1
Guarulhos (SP)	788	4.228	2.020	48	2.208	50	2

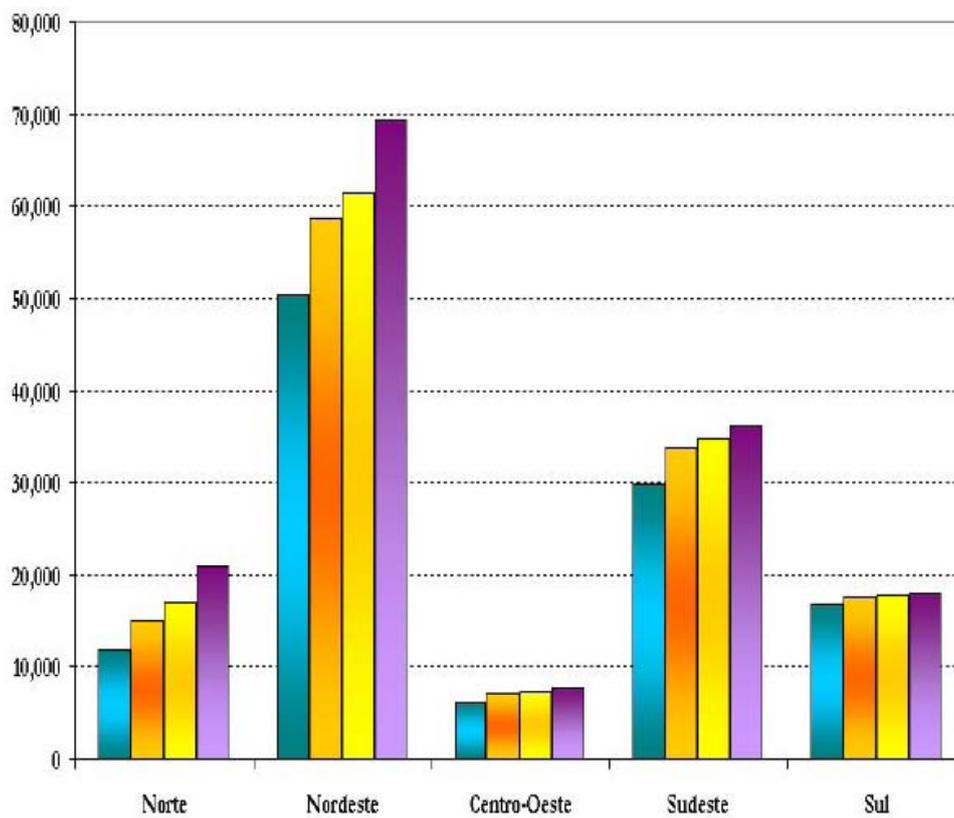
Fonte: World Bank. "Brazil: Managing Pollution Problems". Annexes.p.10.

Tabela 15-B
Comparação da poluição atmosférica produzida em algumas cidades.

ANEXO III

GRÁFICOS E FIGURAS

Evolução do número de escolas do Ensino Fundamental que oferecem Educação Ambiental, segundo as grandes regiões do Brasil - 2001/2004



Fonte: Censo Escolar - MEC/INEP.

■ 2001 ■ 2002 ■ 2003 ■ 2004

Gráfico 1-B



Figura 1-B
Imagem do lixão no local chamado de fim de mundo



Figura 2-B
Imagem do lixão no local chamado de fim de mundo



Figura 3-B
Projeto de reciclagem de lixo



Figura 4-B
Aspecto da disposição do lixo recolhido na área da “reciclagem”



Figura 5-B
ETE Pavuna
Fonte: Aquacon



Figura 6-B
Exemplo de uma área de lazer



Figura 7-B
Exemplo de uma área de lazer

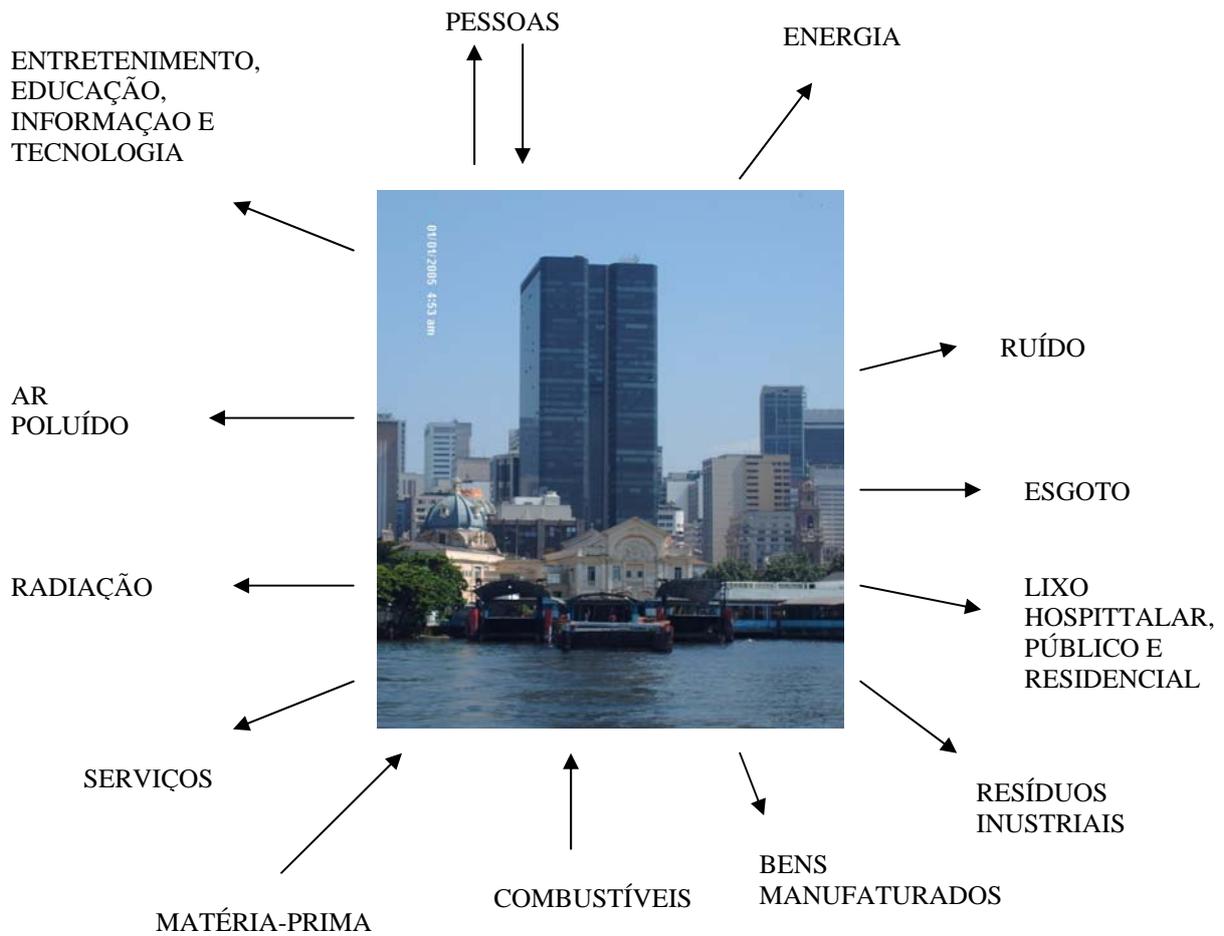


Figura 8-B
Esquema de trocas de uma cidade

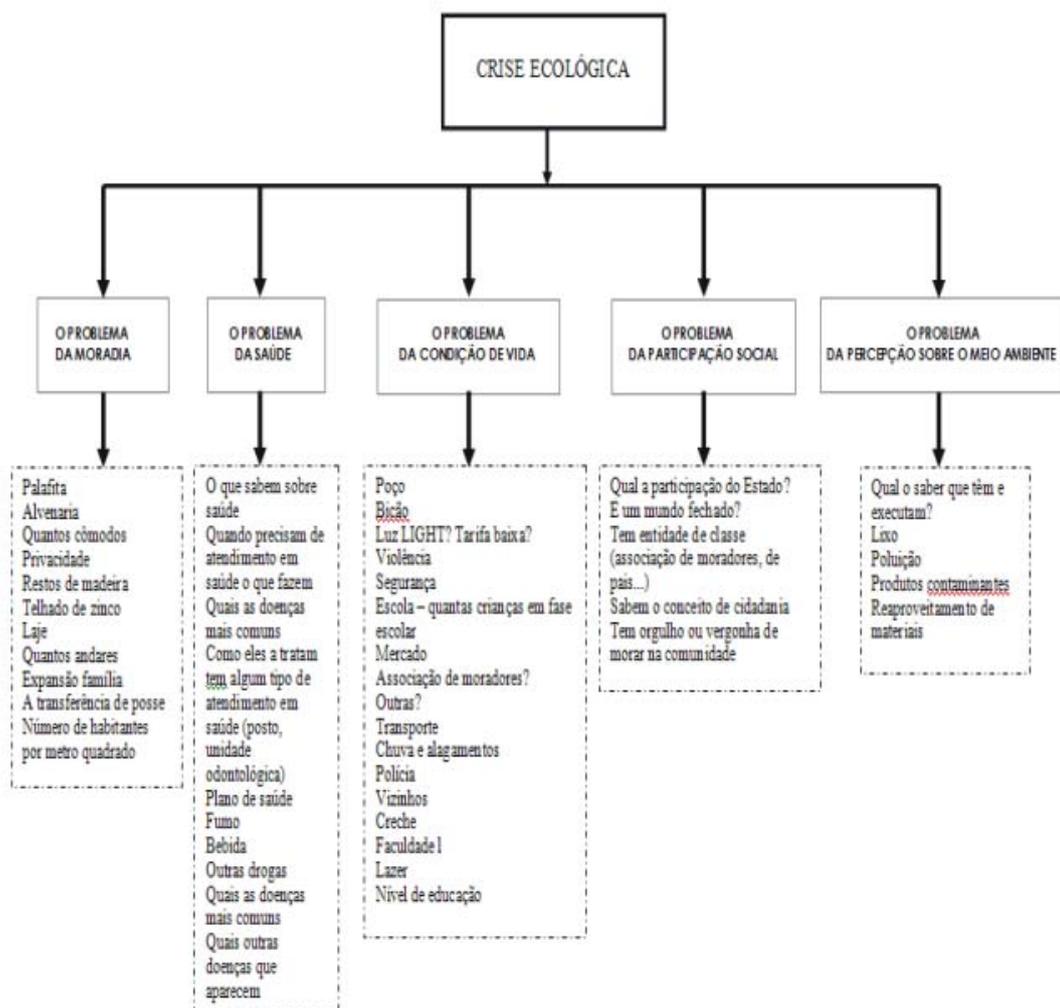


Figura 9-B

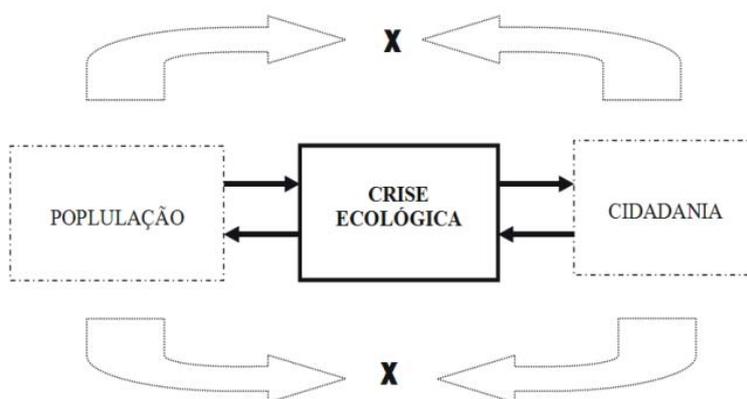


Figura 10-B

ANEXO V

FIGURAS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS



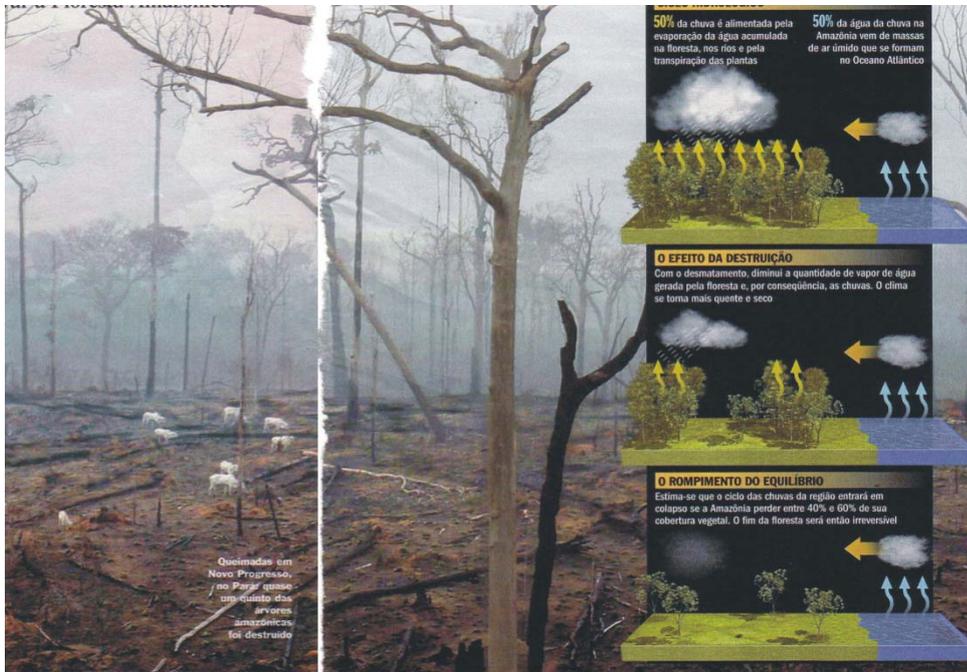
ASSUNTO PRESSUPOSTO:
TELECOMUNICAÇÃO; CONSUMISMO; PRODUÇÃO DE LIXO



ASSUNTO PRESSUPOSTO:
CONSUMISMO, CONFORTO, LAR, LAZER



ASSUNTO PRESSUPOSTO:
CONSUMISMO, CONFORTO, LAZER, POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA



ASSUNTO PRESSUPOSTO:
DESMATAMENTO, MUDANÇA CLIMÁTICA, PERDA DE BIODIVERSIDADE,
EFEITO ESTUFA



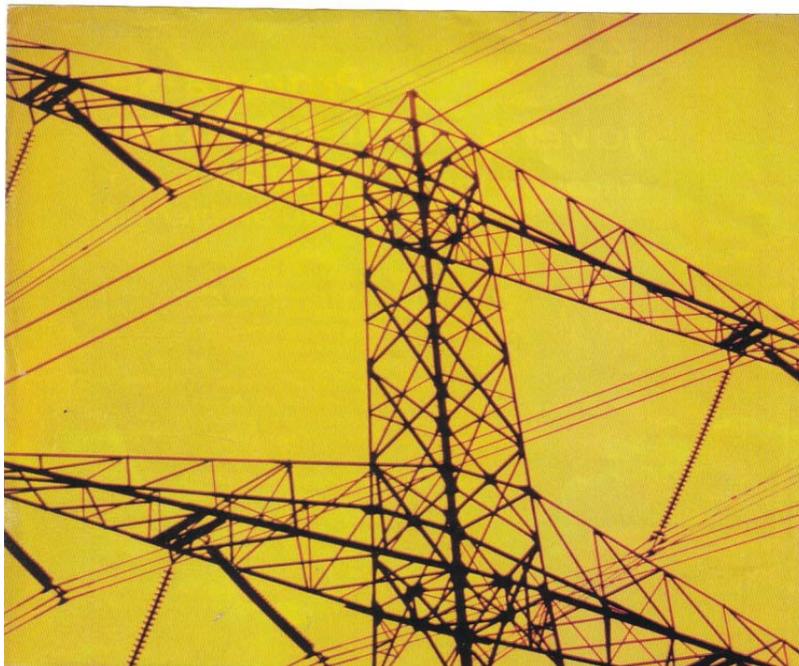
ASSUNTO PRESSUPOSTO:
CONSUMISMO, ALIMENTAÇÃO, TRABALHO, DIGNIDADE, CIDADANIA



ASSUNTO PRESSUPOSTO:
PRESERVAÇÃO AMBIENTAL, LEIS, VIOLÊNCIA



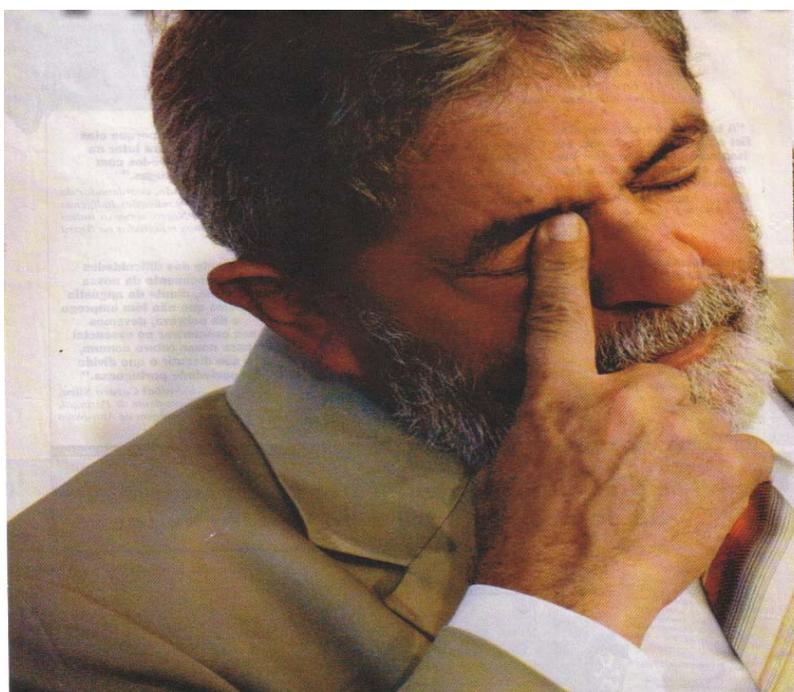
ASSUNTO PRESSUPOSTO:
ALIMENTAÇÃO, DINHEIRO, TRABALHO, QUALIDADE DE VIDA



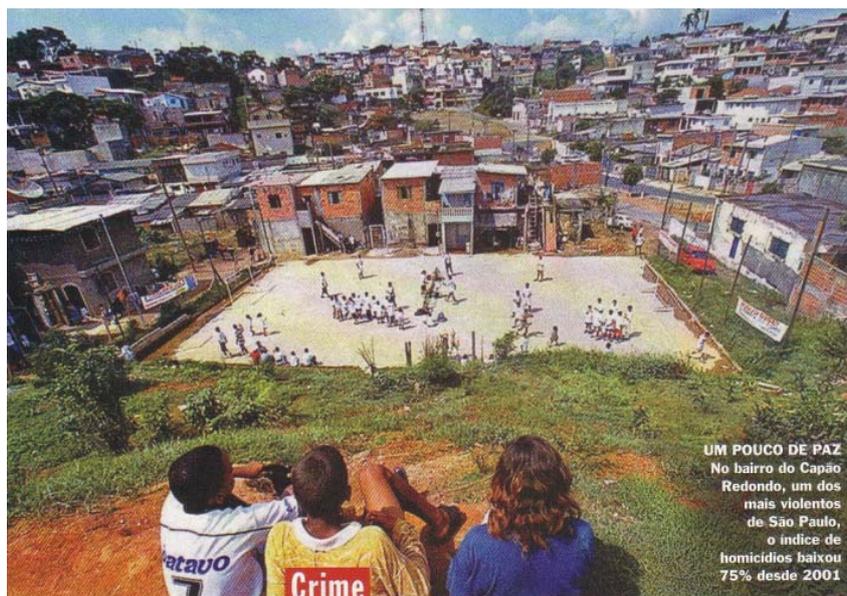
ASSUNTO PRESSUPOSTO:
ENERGIA, CONFORTO, LAR, LAZER



ASSUNTO PRESSUPOSTO:
CONSUMISMO, ALIMENTAÇÃO, TRABALHO, FAMÍLIA



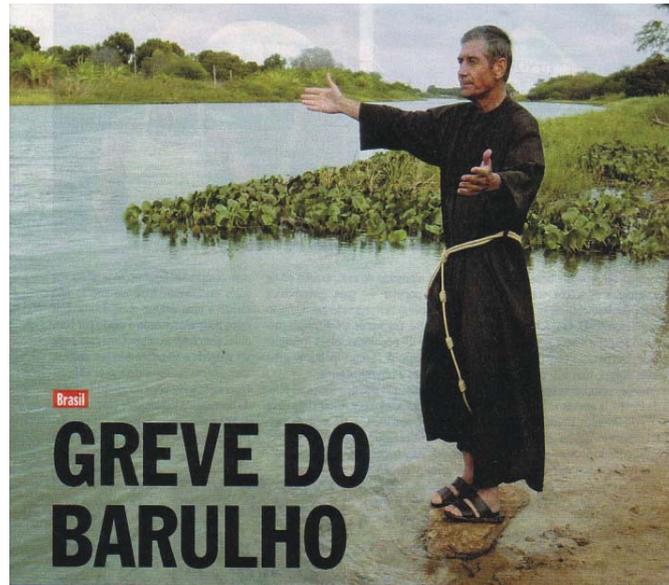
ASSUNTO PRESSUPOSTO:
PARTICIPAÇÃO DO PODER PÚBLICO, SAÚDE, CIDADANIA, POLÍTICA



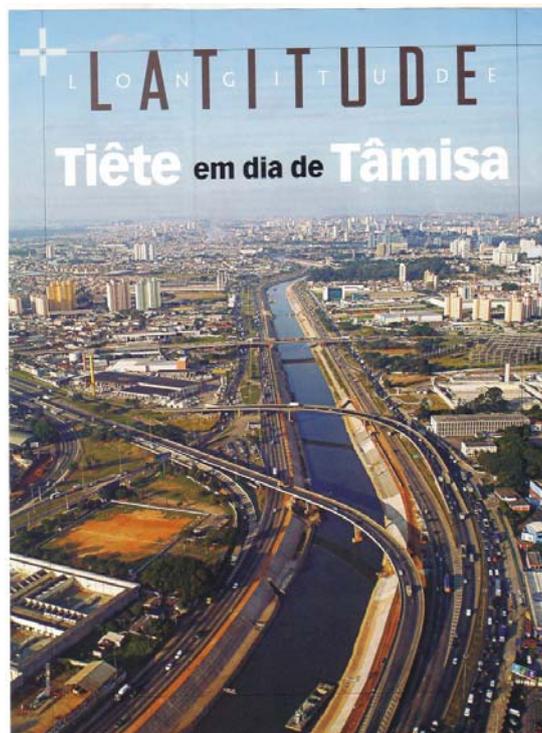
ASSUNTO PRESSUPOSTO:
LAR, MORADIA, TRANSPORTE, LAZER, SEGURANÇA, QUALIDADE DE VIDA
FUTURO



ASSUNTO PRESSUPOSTO:
PARTICIPAÇÃO SOCIAL, SAÚDE, FAMÍLIA



ASSUNTO PRESSUPOSTO:
TELEVISÃO, RÁDIO, PARTICIPAÇÃO SOCIAL, AMBIENTALISMO,



ASSUNTO PRESSUPOSTO:
CIDADE, TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM, POLUIÇÃO, TRABALHO

▪ Petróleo ▪ Nuclear ▪ Hidrogênio ▪ Alternativas ▪ Hidrelétricas

ROSSIÉ

As apostas energéticas

O mundo busca formas limpas e baratas de obter eletricidade e combustível



FLÁVIO DIEGUEZ
galileo@edglobo.com.br

De 1970 até o início do século 21, a parcela do petróleo do consumo global de energia caiu de 60% para 40%. É um sinal de que o mundo, mesmo antes de estourar a crise atual — que, no Brasil, apareceu na forma de apagões e tarifas, em 2001 —, está em busca permanente de substitutos para o velho óleo poluente, presente em muitos desastres ecológicos recentes. Cresce o uso de gás natural, de hidrelétricas e usinas nucleares. Estuda-se a utilização do hidrogênio e já se aproveitam supermoínhas de vento, células solares, a força das marés ou o calor interno da Terra. São alternativas mais limpas, mas ainda enfrentam problemas que, no curto prazo, não serão superados. A não ser que apareçam novas e revolucionárias formas de aproveitamento.

ASSUNTO PRESSUPOSTO:
MEIO AMBIENTE, ENERGIA, POLUIÇÃO, PRESERVAÇÃO

ANEXO VI

TRANSCRIÇÃO DAS FALAS DOS ENTREVISTADOS

TRANSCRIÇÃO

ENTREVISTA 1 Que eu entendo por meio ambiente... é aonde nós vivemos né?
Onde

precisamos se sentir saudável né? E que nesse saudável que agente não tem as impurezas na natureza né? É que a natureza deve ser saudável porque nós vivemos e precisamos dela. Por isso eu acho que, os seres humanos devem preservar.

Meio ambiente que eu vi ali, por exemplo: na televisão que apareceu, apareceu o espaço, o mar né?. O mar, achei interessante. E também vi coisas desagradáveis, né? No meio ambiente... a queima das árvores né? É isso aí que eu vi, vi também que eu vi aqui. Vi, por exemplo, que produz o meio ambiente: a vi ali frutas, sucos, lá tinha laranja reproduzido no meio ambiente...vi o que mais? Vi também o meio ambiente o homem. Os conflitos entre os seres humanos em um grupo de pessoas que deviam estar vivendo bem, não em conflito, o espaço limitado dessas pessoas.

O carro, o meio ambiente eu acho assim, nós necessitamos dele. Ele solta gás carbono, impureza no meio ambiente, acho que o carro nos traz conforto, eu acho que carro é necessidade, mas no meio ambiente ele danifica, solta gás polui o ar.

A mesma coisa, aí são celulares, aparelhos que você usa pilha usa coisa que ele danifica também o meio ambiente... por exemplo, eu li uma vez que a “guimba” do cigarro se você colocar, ele demora para a natureza, a terra absorver duzentos anos né? Vi também que a garrafa plástica demora mais de 300 anos para deixar de danificar, isso plástico então isso é...

Claro e evidente, e se você jogar lixo, e deixar água limpa em, por exemplo, em casca de ovo, pneu aí danifica o meio ambiente... é indiretamente sim porque temos verbas desviadas que poderia estar desenvolvendo o meio ambiente é desviada pelos nossos governantes públicos. Também espaço físico de lazer né? Se você tiver o espaço físico de lazer compatível com as nossas moradias é favorável o crescimento da criança, o adolescente e o adulto saudável, quando se pensa em meio ambiente fortalecido agente vê que as vezes não

Equilíbrio físico e mental... para mim saúde é isso: equilíbrio físico e mental. Quando eu falo físico e mental, você é uma pessoa saudável, se você tem um equilíbrio físico né? Eu to bem fisicamente, mentalmente eu to bem.

Tem haver, se eu viver num ambiente, por exemplo, onde tem lixo tem detritos tem vala abertas vai comprometer minha saúde, porque vai chamar ratos, baratas, e vai transmitir doenças, mosca, então a saúde tem haver muito com a limpeza, e a limpeza é o meio ambiente onde

vivemos, seja dentro da nossa casa, seja na comunidade, seja no espaço de lazer, seja onde nós tivermos, se tiver limpeza agente vai ter uma saúde equilibrada se agente tiver sujeira e imundície agente não vai ter saúde.

Favela, como é, tá dizendo em latim, que é comum a todos, mas se você tiver uma favela urbanizada e equiparada ao benefício de saúde pública, políticas públicas, com certeza esses moradores vão ter uma saúde equilibrada e uma ecologia também comparada com o equilíbrio ecológico aonde você vive. Se você mora numa favela se os moradores não são conscientizados, que eu acho mais difícil, mas se eles tiverem orientados que ele tem que manter o espaço que ele vive que tem que pensar não só em mim, tenho que pensar no meu semelhante, no meu vizinho... manter. No caso da dengue, se eu tenho um jarro de flor que tem água, meu vizinho não tem, então eu estou proporcionando só doença pra mim, eu estou proporcionando pro meu próximo, então se todo mundo em favela viver em um ambiente limpo e saudável vai ter com certeza saúde saudável mas se agente viver na comunidade esse espaço físico se não for bem tratado, saneamento básico, com certeza vão ter essa comunidade, esse espaço ecológico da vivência ruim.

Porque conscientização se demora muito, né? Você conscientiza uma pessoa, a pessoa entender isso. Que agente pode ter divergência de idéia ou achar que temos que beber água filtrada e a moradora dizer pra mim: não eu bebo a água do latão há vinte anos e não peguei doença. Então conscientizar essa pessoa demora mais, é mais fácil orientar dando coisas práticas. Você bota no latão, mas no latão ele traz o que, ele traz ferrugem do latão, a água tem que ser fervida e filtra por isso, por isso, por isso. Acho que você orientar é mais fácil do que conscientizar a pessoa, as orientações é passo a passo, que dizer, no final ele vai se conscientizar daquilo mas leva muito mais tempo, mas orientação prática na hora das ações imediatas surgem mais efeitos do que uma mudança que leva tempo.

Tem uma árvore caindo em cima da casa... é uma... como se chama...um abacateiro. Ela veio aqui e no dia que ela veio aqui, tinham um assessor da secretária do meio ambiente a R. F., ele disse que isso não era questão dele, era questão de defesa civil. Você entendeu? E ela... mas a árvore vai cair em cima da casa dele, pode causar morte, vai derrubar a casa dele, ela tava preocupado do risco dessa árvore tanto pra ela quanto pro vizinho. E a pessoa ficou fria... e outra coisa é nós temos o lixo aqui, as pessoas não educadas, que o lixo, como se tem que fazer o lixo é reciclar o lixo, eles não, eles jogam o lixo toda vez... é garrafa “pet” para um lado, víscera de peixe pra um lado, víscera de galinha para um lado, então eles não sabem separar isso é falta de educação ambiental, e não é feito na comunidade, as escolas que estão começando agora a fazer isso. Por exemplo, aqui em Acari, eu fiquei boba, tem vala aberta, antiga vala negra, se for no final do mundo se encontra vala aberta. Vala aberta criança andando descalço

nessas valas. Então o ambiente aqui do complexo do areal tá comprometido.

Você vê o rio Acari, hoje melhorou um pouco por que, existe os guardiões do rio. São homens que são pagos pela prefeitura, pela meio ambiente, que é da secretaria do meio ambiente, que é daqui da prefeitura, que faz a limpeza do rio dos detritos que os próprios moradores jogam no rio. Eu até discuto isso muito, em que tem que orientar os moradores a não jogar as coisas que eles não usam mais no rio e eles acabam jogando e dá enchente, e enchente vários barracos na beirada do rio vão ser levadas, várias famílias é... flageladas sem onde morar, você vê que baixa a enchente as pessoas voltam a morar, a fazer seus barracos e continuam jogando seus detritos. Eu acho que as pessoas não estão muito preocupadas com o seu meio ambiente, eles no momento pensam no momento em que são atingidos, depois que passa isso tudo ele continua fazendo a mesma coisa.

O complexo de Acari é o terceiro maior complexo de favelas da América do Sul com IDH muito baixo pra você vê se muito baixo, quer dizer que condição ela está: precária de tudo, saneamento básico, estou falando pra você que existe vala negra. Então vou dizer lá da beirada do rio, se você for a beirada do rio de Acari depois do hospital, você vai dizer que político é esse que temos nesse município que lá aquelas famílias de lá. Se entra lá, eu tava com chinelo de dedo, e fui lá procurar um menino, aconteceu um acidente, uma rato mordeu aqui nele na mulher também, eu fui lá, entre os meu dedos tinha aquela lama preta, e dentro de casa não é cimento não, é chão batido úmido que as pessoas botam tapete que eles encontram no lixo, tábua ou papelão. Levo quem quiser lá, eu falo pra político eu levo lá, eu levo aquilo tudo imundo cheio de verminose, as crianças descalças, eu vejo no meio do complexo de Acari, apesar de ter os gari que varre, as pessoas continuam jogando lixo na rua, então é precisa passar um processo de educação ecológica de moradores está mais atento a isso. Se você procurar nos becos da favela se anda aí, se vê muito coco de animais, não que eu quero exterminar até adoro né? mas eu ando e vejo, em outros lugares, as pessoas com a bolsinha, quando faz cocô na rua as pessoas bota saquinho plástico e joga na lata de lixo. Aqui não, se vê criança...é porco, cabrito, gato, cachorro tudo faz por aí e as crianças brincando. Eu acho que não existe trabalho focado pra defesa deste espaço físico, que criança, adolescente, jovem-adulto, terceira idade tem uma saúde mais equilibrada, porque vão fazendo casa em cima da outra, né? Nesse aglomerado, e mesmo com a favela bairro, hoje agente tem aqui, por mal feita a favela bairro, ainda não tem lugares que tá faltando água, não tem água potável, na hora que fez favela bairro tirou um cano novo botou um velho, só que o velho, né? O novo não passa água e o velho também. Um pessoas têm água, outros lugares aqui na rua do viaduto cansam de reclamar isso, e os próprios bueiros, mal feitos né? Quando tem uma chuva bem forte os bueiros não são limpos, que o gari daqui você sabe, limpar as ruas, eu que vejo os garis de outros lugares que eles limpam os bueiros também

de outro lugar, você em outro lugar a diferença, limpam as ruas do Méier, lavam as ruas aqui nem em dia de feira lavam as ruas...então você vê a diferença disso tudo. Se você andar no conjunto de manhã, esse conjunto aqui, você vai ver de copo descartável, papel que jogam...ah se você se andar nas ruas becos voce vê muita sujeira, os gari acabam de limpar e se eles voltarem duas horas depois está tudo sujo. Acho que nós brasileiros não somos educados para isso.

Guardião do Rio, Gari comunitário, associação, centro de estudos... é o seguinte hoje o complexo de Acari tem a Associação do Parque unidos de Acarai que é do outro lado do Rio quem vai pra linha verde, do outro lado... tem centro comunitário unidos de Acari que é uma ONG que tem uma creche, desenvolvem trabalho com laboratório de informática para os jovens e jovens adultos e terceira idade para o mercado de trabalho. Vindo para este lado nós temos a Associação de moradores do parque acari que é a mais antiga, nós temos, vindo pra cá Vila Rica que hoje não é associação que juntou ao Parque Acarai... a ONG Tio Patinhas que é uma creche que estava fechada uns três anos reabriu com um convênio com a secretaria municipal de educação. A creche lá do PAC centro comunitário também tem um convênio com a prefeitura, vindo mais pra cima você tem Quero Ouvir Esperança, com a unificação Associação do conjunto residencial Areal, conhecido como amarelinho, assumiu vila esperança. Que eram cinco associações, se tornou duas agora, e tem onde era a Parmalat que tem uma associação que é de fato de não de direito porque ela é formada e não é registrada, tentamos agora fazer essa composição eu ainda acho que as associações tem que, é de bom grado e bom tamanho, que muita associação acaba ninguém fazendo nada. Temos aqui o Futuro Feliz que é uma ONG que tem um papel importante na comunidade é ensinar as crianças, adolescente e adultos música, então tem aula de violão, bateria, piano, teclado, você vê uma menina que é nascida aqui que tem doze anos que sabe ler partitura. E tem a instituição aqui que eu coordeno, que é a São Domingos Sálvio e várias escola do ensino fundamental e várias creches da prefeitura, e tem o posto de saúde enfermeira Edna Valadão que hoje é PSF. A Cufa que está saindo, já esteve aqui no complexo de Acari, e eu não sei por qual motivo pelo qual motivo ela saiu, voltou tem uma ano e pouco, segundo a pessoas que esteve aqui, ela colocou que os projetos colocado aqui não teve resultados favoráveis até.... fiquei boba que eles tem condição econômica que eu não tenho..nem a associação de moradores tem e conseguimos fazer um trabalho, e não temos o projeto que eles têm né? E não conseguiram ter um número de clientela favorável, não sei qual o erro, aqui tem criança, nós estamos na terceira maior favela da América do Sul, e não ter clientela favorável pelo tipo de atividades que eles faziam que é de suma importância...por que eu fiquei boba de quinta feira ela ter colocado pra mim que... vocês estão indo embora porque? Vocês tem melhor dos projetos, Petrobrás, governo de estado com a prefeitura, ela disse que os projetos que desenvolvia aqui a direção da CUFA achou que não teve um resultado favorável, é porque? Clientela, mas pra você ter clientela se tem que divulgar o que

you make, you have to communicate with the people..and I spoke for her, if you don't disclose...I give a course here that I prepared 16 years ago for adolescents for the labor market. They know that from December 15, the first of June has registration and I don't disclose, it's a job of little by little, one passes to the other, because it's good and the people are passing.

ENTREVISTA 2 Meio ambiente? Na verdade, talvez mais pro lado do que agente costuma

speak... forests, rivers... For the community, the environment? First of all hygiene, I believe like that, a cleanliness, a participation of everyone, sewage, a lot of sewage, stagnation.

In reality, in reality we can see that there is a certain indifference towards the communities, on the part of the public power, certainly they could do a lot more despite the fact that I don't want to hide that many of the times it's part of our own community leaders. In a general way that many of the times today it becomes a question of suddenly I managed to get something but is the community? It doesn't help to bring a candidate for the community the candidate enters, wins the vote and then goes away and a kiss for the community and suddenly I who brought my candidate with me bring something for the community but the community doesn't see then there is also an indifference in my opinion, both of the community leaders, as I am in favor of what is going to happen, a plebiscite to elect a person to represent the communities in a general way, I am in favor, I consider the people who have already passed I consider, but the time for me has already passed... I had to take advantage of the moments, I took advantage, and I got forgotten because time runs out. It's time for new opportunities.

I, in my opinion, I am in favor of what the community in general supports, for us to bring a candidate, for this candidate in the same way that we put it there, for it to be from the area created in the community knowing the problems, if the agent puts it there and also doesn't do anything in the same way that we put it there we can do the following we close this Avenida Brasil here with banners and posters and smear the image of him saying that he, not with lies but with truth and saying what he was supposed to do and didn't do, it's my opinion, not with bad news, just a way of calling attention, because I am in favor of what he brings, I am trusting in him, and I hope that because of this indifference that you said, even from the leadership and indifference of the community that has become accustomed to certain type of problems...but sometimes the resident is guilty, because they take the bag of trash and don't want to go to the end here and then come here to charge.... But others don't want to come together you know why, it's because the people are getting tired and clearly, these questions are falling into disrepute, so there are many who don't want, because

cair em descrédito, já era. É o que eu falei. Certa vez um cidadão chegou para mim:

- deixa eu colocar uma faixa aí.

- eu falei, pô já tem um faixa aí, não dá não.

- pô mas ó, fulano de tal vez fez aquilo na comunidade.

- eu falei: cadê ele? Fez a quatro, cinco, seis anos atrás, mas cadê ele agora? Para eu estar votando nele continuamente quero ver ele aqui na comunidade fazendo alguma coisa pela comunidade... e tem essas obras do PAC aí. Porque será que não tem ninguém para trazer o PAC pra cá. Trazer um centro comunitário aqui, alguma coisa que possa tirar essa molecada daí... sei lá, alguma coisa que para trazer um curso, pô abrir a mente com esporte... em vez de estar com os olhos focados nesta porcaria aí, estar focado com outras coisas... a maioria dos moradores não procuram abrir a mente pra isso, muita gente que tem mente pequeninha. Isto é interessante para o poder público, com achei uma covardia de fazer aquilo... a aprovação automática, não existe isso.

Me desculpe eu respeito todo mundo, cada um com seu cada um, mas pra mim, é para poder manter, principalmente nas comunidades, pessoas sem estudo porque para ele também é vantagem. A pessoa da comunidade, de onde for fica sem instrução nenhuma, sem abrir a sua mente a ampliar para ver o que está acontecendo num todo. Por que se nós não nos unirmos, estamos ferrados... porque a aprovação automática, sabe passou, não sabe também passou, então isso, há manipulação por trás... construiu um hospital daquele ali, passei sábado a noite por lá, olhei a fachada é uma coisa de primeiro mundo, aquilo ali, eu costumo dizer, aquilo ali é do nível de um copa d'or de um barra d'or, aí construíram... sabe a quantos anos está fechado? Agora chega na hora das eleições, chega o candidato dele, que ele não pode mais se lançar, aí a população infelizmente, alguns com a mente mais fraca... arrisca de até votar... aí eu te falo: eu não entendo muito, eu não sou tão burro, pois tento aprender umas coisinhas, mas eles construíram um hospital daquele ali, aí eu pergunto: um hospital daquele ali vai precisar de quê? Funcionários, tanto médicos quanto enfermeiros, limpeza, comida...pessoas para trabalhar no refeitório... eu te pergunto: hospitais do Rio de Janeiro tanto municipal, estadual e federal, tudo caindo aos pedaços,será que eles vão ter verba para investir naquilo ali? será que vão ter interesse em investir naquilo ali? Pô, que aquilo ali é hospital para ter emergência vinte e quatro horas...vai inaugurar sim, a qualquer momento. Eu acredito que eles vão enrolar até o final do ano. Aí eles gastam uma fortuna do dinheiro público, do dinheiro que não são deles, aí se constrói um mundo, que aquilo ali é um mundo, será que eles vão querer, em ter interesse em manter verba todo ano... tem aquela... como é chamado... orçamento. Um bilhão, oh! Vamos destinar cem para a saúde, cem para a segurança pública, não é isso? Por exemplo, para a educação, será que no município vai ter interesse em enviar tantas verbas para um hospital desses? Porque para começar eles vão ter que, os médicos, os profissionais, muitos de repente vão ficar, até meio assim... tem profissionais que se bobear até correm... mas será que eles tem interesse de manter o hospital vinte e quatro

horas aberto? Com funcionários ali e médicos, pediatras... emergência e aí, aquilo ali é uma coisa de louco. Os hospitais da rede municipal estavam tudo ali caindo aos pedaços, numa correria daqui, pessoas largadas nos chão, então são estas questões. Aqui em Irajá tem uma RF que domina geral então eu acho chegou uma época, eu na minha opinião, nada contra ela mas eu acho que ta na hora de nós aqui nos unirmos para trazer um candidato trazer, não é puxa ele de como uma passagem, como agente de um tanto e meu voto e pé na estrada, eu sou contra. Pessoas que venham e que tenham compromisso realmente com a comunidade. Já que fizeram um plebiscito, eu sou favor do plebiscito e que se vá até o final, mas se não tivesse acontecido... o candidato tem que ter interesse em ficar aqui na comunidade, tanto amarelinho, acari, parque união, parque Columbia lá pra traz, beira rio, mas que desse uma assistência a comunidade e procurar trazer benefícios a comunidade.

ENTREVISTA 3 Meio ambiente? Acho que é tudo que envolve o lugar onde Agente vive,

depende de cada lugar, cada meio ambiente diferente daquele lugar

Conheço é... poluição, às vezes, de rios que se transformam em valões, né? Que coisas que pessoas antigas diziam que rios de águas potáveis que havia peixes e algumas outros tipos de seres vivos que hoje em dia não existem mais devido a poluição.

Acho que a degradação do meio ambiente né? o lugar, que a matéria diz que o rio, que tem o seu curso que por intermédio do ser humano quer desviar curso desse rio. Acho ruim porque se tivesse que o rio passar por onde ele deveria passar... ele não teria que ser mexido, porque ele tem um fluxo dele, tem toda uma estrutura daquele rio, tem espécies ali, que mudando o curso daquele rio talvez essas espécie não vão se adaptar o novo curso que ele vai ter que percorrer.

Acho que a saúde vem desde a prevenção. Se não houver prevenção não há saúde. Porque não age só que a pessoa tem que, a pessoa tem que fazer aquela prevenção ali pra que não fique doente, entendeu? Pra que não pegue algum tipo de vírus ou outra coisa. Não é só depois que está doente cuidar daquilo.

Tem! Tem porque se o ambiente estiver sendo bem tratado dificulta, às vezes, algum tipo de doença... agente pode, vamos dizer assim, a hepatite né? A hepatite é causada em situações de poluição, de lixo poluídos, aquela água que a pessoa bebe e que não foi tratada se, de repente, aquilo ali não tivesse sido destruído aquele ambiente ali, talvez aquela pessoa não pegaria aquela doença.

Eu acho que a conscientização que a população da comunidade mostra as pessoas pra não destruir a natureza, não destruir os rios, dentro de cada comunidade, não só a minha mas em todas entendeu? Eu acho

que se forem feito um estudo desde a educação principal: maternal, jardim, ai vem primeira séria, assim sucessivamente... que não adiante depois que as pessoas estão velhas que já estão acostumadas a fazer muita coisa errada, você tentar colocar aquilo na cabeça das pessoas, você já tem que vir desde quando é criança, ensinar a criança a não a chegar ali naquela planta do vizinho e arrancar, aquela planta, não destruir ao ver um animal, ou um pássaro e não tacar um pedra, alguma coisa desse tipo.

ENTREVISTA 4 Eu gostaria que ele viesse a festa da comunidade, aniversário da

comunidade. Vai Começar as dezessete horas, ou seja, dezenove vamos ter a força do Afro Reggae, vem o Gabrielzinho de Irajá, vem o Ademir da Rede Globo, o ator. Temos grupo Luzes, o Mc Alex, vai estar presente também vai dar uma mensagem tem uma música que diz sobre o Presidente. Pra gente é importante também fortalecer esse jovem, porque, ele foi precursor da limpeza da comunidade. Ele foi um dos caras, que nós ganhamos... pegamos duzentos latões com produtos químicos que agente não sabia que era tóxico. Aí um belo dia, a Comlurb disse assim: oh retira esses latões que eu do todo ele cor de abóbora. E o Alex foi a pessoa que foi o cara pra distribuir todos os latões na comunidade. Eu tenho retrato dele, ele era magrinho, hoje, ó, só vendo. E nós tiramos e controlamos a questão do lixo, que a questão do lixo é uma coisa muito forte. Agora eu queria que você registrasse pra nós é a questão... futuramente você vai ver este cercadinho em muro, você vai ver tudo isso aqui bonitinho...sabe...porque aí, agente ta recebendo... as pessoas ainda fazem uma crítica que só serve só para crescer.

Eu queria que ficasse bem registrado que a população, devido a morte de uma criança lá, um adolescente, aí a comunidade começou... morreu de meningite, teve um surto de meningite.

ENTREVISTA 5 ... somos isentos da taxa d água, porque é do INSS...e esgoto também...onde

tem favela bairro eles recebem conta de água...alguns pagam a conta de água. Chegou o gás aqui mas eles não aprovaram não, não foi aceito não...

O amarelinho era o maior morro que existia aqui era o cemitério dos índios e tudo isso aqui, esse morro grande, tinha um tal de João de Morro que era um cara da antiga fazenda Areal que vivia aqui, e ele então aí, quando compraram esse terreno ai primeiro para construir o IAPC, é o conjunto habitacional do IAPC –Instituto Nacional de

Providência dos Comerciantes, que era dividido assim. Esse morro aqui foi então rebaixado, quando também tudo aquilo aqui foi rebaixado para fazer o CEASA.... aquelas máquinas da transamazônica que tem aquela boca em baixo e ela vai retirando o todo o excesso, tudo que ficar, vai desbastando o morro... antes para aqui para a construção do CEASA. Toda essa população foi para Senador Câmara. O Pessoal do Furão foi para Vila Kennedy, Padre Miguel...

Essa foi a última assembléia que tivemos e falamos da reciclagem de lixo, tudo agente tenta buscar e discutir com a comunidade... nós queremos capacitação para o tratamento do lixo, agente da aberto para capacitação e parcerias... agente quer, agente necessita para fazer um dos melhores.

Você tem aqui desorientação da família aqui... e a ela é dura, ela vai dentro, se você é um pai negligente ela vai falar que você é um pai negligente, aí você vê que as pessoas as vezes fazendo coisas que agente, então somos os guardiões dos direitos das crianças aqui. Todos nós que estamos dirigindo alguma coisa, qual é o nosso objetivo... não adianta fazermos as coisas sozinhos, cada um tem que fazer a sua parte, então eu acho que agente tem que ser assim mesmo, para garantir... nós temos valores, nós temos essas pessoas.

Porque o sociólogo Marcos fez a história de Acari contendo todos nós, porque é importante você registrar aqueles que ainda persistem na luta, nós temos um coroa aqui de 80 anos que ainda milita no Complexo de Acari, então é importante, eu acho que o vídeo pode mostrar muitas coisas mas não pode ficar pela metade. Ninguém vai filmar o esgoto, ninguém vai ver mais o esgoto, tinha vala a céu aberto, agora tem saneamento básico. Não tinha nada, o conjunto não tinha pavimento era puramente o quê? Um matagal...

...as pessoas quando vem, não soma com as experiências que tem, a rede é furada porque as pessoas não se integram...

...o negócio é sentar toda a rede e discutir coisas importantes conforme eu estou dizendo. É fundamental de buscar... o dia 4 de novembro é o dia da favela, que todas as favelas no Rio de Janeiro, tem que se mobilizar para acontecer, como a própria a MT que criou o dia, mas temos todos que gritar numa só voz. Sabe porque? Acari era um peixe que vivia no lamaçal, na imundice...

... eu não faço de conta não, eu estou presente... nós fizemos uma reportagem e aí nem passou, eu falei o dia em que a comunidade, pela violência a questão do apitão que a proposta aqui, nós colocamos já há muito tempo que a violência que agente enfrenta seria, desde a violência a mulher e a criança, que você vê um cara matando alguém, dentro da comunidade, por exemplo, você apita, todo mundo sai apitando, essas questões vão parar, o dia que o cara bate na mulher, dá tapa na cara, soco na cara, mas o dia em que as pessoas começarem a apitar...eu propus isso nesse documentário...

...já queremos mudar os nomes...aqui é Areal, já queremos mudar Ninho das Cobras, Mangue Seco, Fim do Mundo...tem que mudar, eu botei Atalaia, Maracanã, Campo do Jordão pra poder amenizar, porque Ninho das Cobras, pô, pera aí!

As obras que virão do Favela Bairro, a audiência pública, nós vamos discutir para ver a prioridade, nós vamos dizer que tem que começar pelo Mangue Seco, pois lá as pessoas vivem no brejo, lá você vai ver os ratos andando...

ENTREVISTA 6 - Bem estar físico e mental de cada pessoa.

- é o bem-estar físico e mental justamente o que a doutora falou.

- sobre tudo condição social.

- essa é a definição da Organização Mundial de Saúde

- é difícil você falar em cima dessas, para mim, essa abrange tudo, não tenho que acrescentar a isso. Agora eu acho que você pode não necessariamente estar bem psicologicamente para mim é o mesmo que estar psicologicamente para ela, pode ser diferente. Eu acho que isso pode ser nivelado, eu acredito, não é a mesma coisa pra todo mundo. Não tem como você dizer que todo mundo vai ter o nível de saúde igual, vai achar a mesma coisa. Você pode dizer a mesma coisa, mas na verdade, não acha a mesma coisa. Por exemplo, nessa figura aí da floresta, isso aqui já é uma floresta de eucalipto, eu conheço o que é uma floresta de eucalipto. É a pior coisa que existe porque destrói o solo, e a multinacionais estão vindo, plantando eucalipto aqui no Brasil. Tirando o eucalipto você acaba com a terra e acabou, aquela terra não presta mais, então você cria um bem estar, momentâneo, que vai gerar renda, vai gerar emprego na região...então durante aquele período que você tiver o eucalipto vai ser legal e depois? Quando o eucalipto for embora, aquelas pessoas vão viver de quê? O cara vai lá coloca o caminhão, corta o eucalipto, as máquinas fazem tudo....faz o papel é uma beleza e acabou aquilo vai fazer o quê amigo? Aí vem as dificuldades, a doença. Mas é o que eu te disse, acho que tem níveis diferentes de pessoa para pessoa. O que é saúde para mim, não é o mesmo pra você nem pra ela, nem pra ela...

- é o ambiente que circunda a todos, onde a pessoa vive trabalha, não necessariamente o ambiente natural, é o mundo ao redor onde se está inserido, e que provoca danos a nossa saúde, desde que não tratados com a devida atenção, tanto a destruição da própria floresta,

assoreamento, industrialização. O ataque ao meio ambiente acaba causando danos a nossa saúde.

- o meio ambiente é assim, você... agente vai fazer visitas nas casas então agente procura ver como a pessoas vive. O meio ambiente dela, assim, como é que ela se sente naquela casa, pois às vezes agente chega em uma casa totalmente é desorganizada, suja, higiene nenhuma, entendeu? Não tem alimentação sadia, você se percebe nela, não sei, que ela está bem com ela mesma. Você às vezes quer mostrar pra ela que...um outro lado, mas ela...sabe, que se você chegar para ela, ela não cede, ela quer ficar ali...sabe...então não sei. Eu acho que meio ambiente é isso aí, a higiene, é um todo, é você se sentir bem, é o saneamento básico que na comunidade nós temos saneamento básico, se bem que ainda tem lugares ainda que está furado isso

- é tipo no fim do mundo, ali tem muito mato, lugar onde o gari comunitário não vai, quando as chuvas caem os lixos acumulados, pra você ver, ali em baixo está um surto de dengue terrível.

- tem uma casa que agente né? Se você for naquela casa... assim de mato, vivem duas moças, elas acham que vivem bem porque; cheia de crianças. Elas acham que vivem bem porque quando saem, saem direitinhas arrumadinhas, ninguém diz que elas moram ali. Não tem janela, um abafamento...

- se você conversa com os moradores mais antigos, você vai vendo o quanto está se destruindo. Só se destrói. Você não vê nada aqui, você não vê um projeto de reflorestamento, até chegar na beira do rio e vão destruir tudo. E aí?

- o governo trouxe o favela bairro, o que que aconteceu? A água? Quando chove o esgoto volta para casa das pessoas. E a água? Fica difícil também a água, que os moradores para ter água tem que ter bomba, porque sem bomba fica sem água.

- o pessoal tem que acordar de madrugada para poder lavar roupa...

- o ideal do programa saúde da família o objetivo não é curativo, uma vez que nosso objetivo é a prevenção da saúde e agente não tem essa oportunidade, porque agente só trabalha com cura, melhoria, agente ainda não conseguiu definir esse objetivo de promover a saúde...prevenir. Agente só parte do tratamento, porque eu acho que esse conceito ainda na população, a demanda é muito grande, então o programa de saúde da família aqui neste momento...

- um mau relacionamento familiar... pais que não dão atenção ao filhos, não moram com os filhos, ou são separados. Uma família mau estruturada.

- tem muita gente que vem passando mau aqui porque tem tiroteio. Esses que tem pressão alta, às vezes até por causa disso também, vão ter que tomar remédio, tem que tomar calmante.

- falta o segmento religioso também, tem muitas religiões... tem muitas igrejas, mas olha só...

- bolsa escola, PAC, bolsa família, CCDC, unidade estadual, tem o PET que ajuda as crianças, as para ajudar a família essas crianças não terão mais que trabalhar e eles vão para um lugar ali eles fazem algumas atividades e ganham uma bolsa por mês. Começa de 12 anos.

- aqui também tem um trabalho assim de patrulheiro que vai de 14 anos até 18 anos. Menino faz 14 anos e ele já começa ali a fazer um curso aqui tem um e ali em baixo tem outro. Eles vão para o quartel aprender um cursinho no quartel. Patrulheiro porque eles vão aprender um cursinho no quartel e dali já sai trabalhando... do governo... acho que é estadual.

- tem um posto de saúde do Estado. E ainda tem uma cabine da polícia militar que não sei se funciona não.

- programa para gerar renda? Não!

- eles limpam o rio, que é da limpeza, tem o gari comunitário e os meninos que fazem limpeza no rio.

ENTREVISTA 7 - Pra senhora o que é saúde?

- Saúde é o bem estar físico e mental, né? Boa alimentação, higiene, é o estado de espírito perfeito né? A pessoa sem saúde é nada então pra se ter saúde tem que ter boa alimentação, acompanhamento médico.

- E meio ambiente, o que é meio ambiente?

- É um ambiente propício para se viver, sobreviver, limpeza né? Sem lixo, sem mosquito, higiene básica, esgoto, saneamento.

- Por exemplo, ter dengue na comunidade é falta de saúde e falta de cuidados com o meio ambiente ou não, não tem nada a ver.

- Ah tem haver principalmente com a população. A população é o principal responsável pela Dengue, tudo bem que os governantes deixam a desejar com a limpeza dos valões, essas coisas, né? Tratamento assim, mas a população até hoje consegue deixar garrafa de boca pra cima, caixa d'água destampada, então isso aí é falta de educação do povo. Se a população se educasse não estaríamos nesta situação. Depois de tantas mortes, tanta coisa, tanta propaganda, tanta notícia na televisão e no rádio as pessoas conseguem deixar a caixa d'água destampada. E não são só o pobre não, os ricos também né? Piscina destampada...aquela água suja, que não troca não trata, é isso aqui que acaba com o povo...estas doenças.

- Aqui tem muito problema relacionado ao meio ambiente?

- Aqui tem sempre o pessoal tratando da saúde.... da Sucam estão sempre tratando botando remédio pra rato eu não vejo muita coisa aqui não.
- Por exemplo, o complexo tem...se agente olhar a foto não tem uma árvore só tem casas, isso é problema ambiental pra senhora?
- A população fica sem respirar ar puro, que tem que plantar árvores...
- consumismo é problema ambiental para a senhora?
- é mais problema do bolso. A pessoa fica comprando é maia de grandeza
- Deixa eu ver uma figura aqui. O lixo, por exemplo, aqui a gente tem a Comlurb que tira o lixo mas deve haver pessoas que queimam o lixo.....
- Aqui em cima não, lá pra baixo na favela de ver ter, que lá eu não conheço, mas aqui em cima não. O povo é obrigado a levar o lixo, no depósito, aqui em cima tem, como é...chamam de.... reciclagem...então a pessoa desce com a sua bolsinha de lixo e leva pra lá...então aqui não tem esse problema....acho que por isso não tem tanto rato por aí, quando tem eles vem e combate, o lixo não fica jogado, o esgoto não fica na rua, então aqui tem um saneamento básico bom, eu acho, o que eu conheço é bom, lá pra baixo não, lá pra baixo tem muita coisa ruim.

ENTREVISTA 8 - então a primeira figura é essa aqui, pode passar, se a senhora quiser falar

- sobre essas figuras também?
- alimentação, né? A alimentação é essencial...agora, meio ambiente também é bom falar sobre isso...
- é bom morar em cidade?
- Nunca morei em cidade não, sempre morei aqui, mas tenho famílias em vários locais.
- Pra senhora o que é meio ambiente
- Ó acho que meio ambiente...é assim...árvores, o mar, o que vem a lembrança é isso. É acabar um pouco dessas fumaças, acabar um poucos das árvores que estão empatando agente no meio da rua... caídas... velhinhas com os caules já todos ressecadinhos, e às vezes com raízes todas do lado de fora, quase caindo como caiu uma ali em frente a minha janela caiu até em cima do carro.... parques e jardins não vem aqui atender o nosso pedido...pra ajudar aqui agente...isso aqui bem dizer...
- E, por exemplo, caso de dengue é problema de meio ambiente.
- Aqui está uma epidemia, já morreu criança, adulto, jovens, tem muita gente internada, hoje mesmo no meu trabalho a minha professora de educação física tava falando que um rapaz novinho, tá todo dia na padaria comprando pão, tava com problema de dengue internado com problema sério... agente fica.... a parte de saúde principalmente, agente está jogado as baratas. Vai pro hospital não tem médico, vai no pan não tem médico, e aí, pra ficar doente passando mau.
- a Senhora disse que eles põe fogo no lixo..

- ah põe fogo no lixo, nas matas. Essas matas, balões depois cai numa mata, daqui a pouco pega fogo em tudo.
- aqui dentro do complexo quais são os problemas de meio ambiente que a Senhora conhece?
- aqui é mais caso de doenças que estão vindo muito repetitivas sabe.
- me lembro que alguém reclamou de ratos.
- ratos demais. Ratos? Aqui tem uma epidemia de rato, rato mesmo subindo pelas paredes. Aqui tem muito rato, muita umidade, tem apartamento tudo muito úmido.

ENTREVISTA 9 Estamos sem água e sem luz há dias aí.... Vila esperança, ontem mesmo não

teve nem aula na creche porque não tinha água, as mães precisam trabalhar, quem tem as crianças na creche para poder trabalhar, teve que voltar com as crianças pra casa porque não tinha nem água e nem luz, como iam fazer comida? A diretora chegou na escola não tinham nem uma gota de água, não tinha luz...sabe a luz esquece da gente, a CEDAE esquece da gente...chama faz pedido...às vezes o R tem que sair daqui para apanhar a CEDAE lá na...o caminhão da CEDAE lá na...pra pegar o caminhão para trazer aqui....aqui felicidade é pouco...

ENTREVISTA 10 - O que o Sr. Entende por saúde....não precisa ser uma frase decorada não. O

- que te vem a cabeça.
- “É você estar bem né?... é não estar doente, prevenção, médico.
- E meio ambiente? O que é meio ambiente para vc?
- Olha meio ambiente é você tentar fazer, como é, tentar poluir menos né?, cuidado em tudo...
- E quais são as formas de poluição que você conhece?
- Fumaça de motor carro e...lixo jogado na rua...
- Lixo na rua é problema ambiental ou não ou é problema de saúde?
- ..os dois...
- O mosquito da dengue é problema de saúde ou problema ambiental?
- É problema da saúde e problema ambiental né? Por exemplo, agente trabalha varrendo a área, agente conhece a área... a firma não nos paga insalubridade eu acho que tenho direito, a firma não paga.
- Conhece algum problema ambiental dentro do Complexo?
- O único problema que acho chato, é o próprio morador que faz jogar o lixo antes do dia marcado da coleta passar, por exemplo, hoje é terça-feira né? A coleta é quarta. Já tão jogando lixo ali, no certo é eles colocar a noite que o cara passa para recolher, aquele lixo ajunta o quê....mosquito, rato.
- Quais são as doenças que você mais conhece que o povo pega aqui?
- Aqui dentro? Aqui o pessoal tem a....

ENTREVISTA 11 - Entendo por meio ambiente, assim, todo o sistema que agente vive aqui.

Agente depende da água, do ar, agente dependo do solo... eu entendo assim.

Aqui por exemplo, esta foto especificamente aqui, agente entende até a razão, mas aí já é... uma agressão ao meio ambiente né? Porque agente entende até a necessidade do pessoal morar em algum lugar, que tem que dormir em algum lugar, mas, aqui as condições aí, isso aqui não deve ter infra-estrutura.

É bem complicado héim... aqui a foto em si eu não sei. Não consigo ver o que tem de correlato, mas esse homem tem nas mãos aí o poder da caneta que pode através de uma medida estabelecer algumas coisas que possas mudar. Pelo menos ele com a... usando o termo normal... dando uma canetada pode mudar... pode modificar muita coisa ou parte dela

A saúde é você poder estar bem consigo bem, você poder caminhar, poder falar, você poder comer o que você quiser, beber o que você quiser sem saber que isso vai fazer mal, se isso ou aquilo vai fazer bem e etc.

Tem a ver, o meio ambiente pode alterar sua saúde, a sua saúde depende do meio ambiente. Por exemplo, um ar poluído pode te afetar, um coisa... pô... você comer algo que foi poluído vai afetar sua saúde de alguma forma.

Me lembra meio ambiente só o que agente escuta pela imprensa, você usar produto orgânico, aqui você depende da água, da tua água. Tem alguma coisa haver com meio ambiente a água, a energia é gerada a água.

Gozado se eu for comparar duas coisas. Algumas coisas melhoraram outras pioraram, se for ver assim. Por exemplo, uma situação de melhora. Vou voltar o que aos anos cinqüenta, cinqüenta e sete... vamos voltar... não tinha esse asfalto aqui, você por exemplo quando chovia, eu via muitas vezes minha mãe que tinha que trabalhar na cidade, ela levava, ela saia com uma galocha, aquele sapato de borracha pra poder eliminar a lama e quando ela chegava no ponto de ônibus ela retirava aquele sapato pra poder chegar no centro da cidade, sem lama. Tem o asfalto. Aí o asfalto trouxe alguns problemas que antigamente você, por exemplo, eu podia sair, ficar na rua, eu podia sair daqui se eu quisesse atravessar de uma lado para o outro, eu podia atravessar tranqüilo. Agora não se eu quiser atravessar, por causa do asfalto, muitas pessoas passam dirigindo em alta velocidade. É o preço que agente paga.

Tem lá em baixo... parte do rio Acari, parece que agora tem gente fazendo isso, acho que a Serla, não sei se a Serla ou os homens da

prefeitura, tem até um nome...não sei se é amigos do Acari ele agora estão fazendo a limpeza, e alí próximo a praça Roberto Carlos, quando chove aquelas chuvas intensas muita casa fica inundada, muitas residências vamos dizer assim...mas aqui nós tamos mais elevados então o dia que chegar encher aqui, a coisa ta mais complicada mais abaixo.

Inclusive tem uma obra... do favela bairro...não sei se foi algum problema ou obra mal feita, ou se não foi feito. Muitas coisas aí não melhorou não... Acompanhei pela imprensa.... já parou.... não serviu não... sabe porque, o exercito, essa obra é o exército que está fazendo lá, então perdeu o sentido pra ele e o Vaticano deu ordem para parar. A imprensa não divulgou mas pelo que eu entendi ele recebeu uma ordem do vaticano para encerrar a greve...

ENTREVISTA 12 - ...Aqui é o quê? Amarelinho?

- Aqui é Amarelinho

- Ah mas coloca um ponto de referência, tem muita gente de lá que não conhece aqui... eu marco e você vai lá buscar.

- Não, conhece! todos eles conhecem.

- Eu marco e você vai lá buscar.

- Eu vou lá buscar e pago o material todo.

- Que você paga mais?

- Ah pago tudo papelão, PET é...vou aumentar de cinquenta para sessenta.

- Ah hoje mesmo vou te trazer um monte de coisas.

- Eu passo por lá, que quer passe por lá que horas?

- Passa lá quatro e meia.

- Eu to de carroça.

- SE tiver pouco lixo eu mesmo trago, você tem telefone celular?

- Tenho

ENTREVISTA 13 Infelizmente não acontece na nossa realidade, principalmente na

comunidade... não é a realidade do nosso país e muito menos da comunidade.

Eu lembro..até que ponto as pessoas chegam nesse país para chamar à atenção das autoridades em relação a tanta coisa né? Causar impacto e mobilizar mesmo né? O sistema o governo... chama atenção no geral, por questões de necessidade abrangente ao país as pessoas, né? Então... infelizmente né? Um tipo de recurso que nem deveria ser usado. Mas eu acho que próprio abandono, tanto descaso...é... do país, dos governadores. As pessoas ainda que inteligentes, eu acho ...que essa greve de fome isso que acho um absurdo a pessoa ter que fazer, mas se é uma forma de impactar, de chamar à atenção, é um recurso né, que não deveria ser usado mas ta na mão dele

A urbanização é a crescente corrida, sistema imobiliário de repente, num país capitalista...desenvolvimento urbano, prédios moderníssimos e estradas, viadutos, rodovias e pontes. Tem uma preocupação urbana: isso aqui é necessária. Muitos descasos que tem, pois paralelo a isso tem a poluição do rio Tietê, que vai passando por vários bairros de São Paulo, infelizmente sou paulista e sempre acompanho a situação daquilo lá, tenho parentes lá. E que é muito bonito de se ver né? Assim de longe, assim de cima, mas se agente chegar bem perto é meio que decepcionante. O estado como São Paulo rico né? vivendo em quase total abandono, em relação as questões de pessoas, muita comunidade abandonada, em fim, muita coisa a ser feita ainda.

Lembra conforto né? Conforto o acesso a modernidade e as pessoas de um modo geral sonham em ter, que não é bem o caso da realidade da maioria dos brasileiros, da grande maioria por sinal, legal, seria bom que todos tivessem acesso a isso. Eu acho que não é nenhum pecado querer ter muito, conforto, direito a conforto, uma vida melhor entendeu? Suscita esse tipo de coisa, agente olha isso e eu lembro muito de disso, eu como educadora isso me toca.

Essa é complicadíssima, essa é muito complicada, desmatamento assim desordenado que existe na amazônia, meio que acobertado pela política do país, agente sabe, pelo menos para quem se informa, mais ou menos sabe que este desmatamento, sempre acontece em muitas regiões da Amazônia né? Ta muito ligada assim, a política dos grandes latifundiários desse país, os poderosos quem é que vive desmatando, poderosos, donos de terra que vive plantando soja, criando gado, entendeu? e que não ta dando muita importância as consequências...ele querem muito dinheiro e dinheiro suscita mais poder...em fim é por aí assim, né? É um desrespeito, eu acho que é um desrespeito ao país, as pessoas. Eu fico com o coração chocado, quando eu vejo isso aqui. Tenho acompanhado sempre isso aqui, converso muito com a minha filha a respeito disso, dessa loucura que é desmatar, se vai acabar com a biodiversidade, se está tirando uma das poucas coisas que é das mais ricas que agente tem no nosso país que é o privilégio de ter uma mata como a amazônia, ter fontes de riqueza naturais em termos de biodiversidade...em fim...e a consequência disso é devastadora, que agente sabe quando se desmata, não é só o que fica sobre a terra que fica fadado a acabar, mas sim é...as próprias...o que tem embaixo da terra, tipo, os fluxos de água, os aquíferos, em fim, que tem embaixo do solo, precisa muito, conservado na medida que o desmatamento vai acontecendo. Isso também vai desaparecendo, então está o caos total, que está sendo imposto e eu acho que pelo poder mesmo. Quem faz esse tipo de coisa é acobertado pelo poder. Não é o pequeno agricultor é gente que tem muito poder, que passa despercebido entre aspas né, pelo Incra, pelo Ibama e por aí afora.

Linda a paisagem, muito bonita, essa paisagem aqui deve ser de quê? Eucalipto, eu não sei o que é. Muitas plantações assim, celulose aí para, fabricação e extração de celulose. Tem algumas empresas que fazem essa plantação de forma equilibrada, tenho acompanhado isso, tenho lido alguma coisa à respeito. Nesse sentido eu acho que é positivo, que elas investem também de forma social. Quando se dá

dessa forma é possível um entendimento e traz conseqüências boas e o meio ambiente vai sendo preservado.

Essa aqui também é muito bom, enche os olhos, tava pensando que deveria haver maiores.... eu fico pensando se deveria haver problemas maiores, pequeno agricultor por exemplo, porque agente tem um país e grandes dimensões de terra, mas a grande maioria não é plantada e muitas pessoas não tem acesso. No nordeste, por exemplo, que existe na, na seca, entre aspás, existe gente que tabalha muito, tem terra mas não tem como cultivar, porque, não tem assistência. O Estado, os municípios, o próprio Governo Federal que incentiva, mas incentiva de uma forma muito inespecífica para as pessoas que moram lá. E por isso se conseguem com essa seca incompreensível, eles tem uma grande rede de afluentes de rios, por exemplo, e deveria ter acabado um pouco, incentivado as pessoas começarem ou voltarem a ter seu sustento. Nesse país que tem muitas terras precisa, que tem muita gente, grande, por exemplo se precisa de muita alimentação. Que é o risco que o mundo corre né? E agente tem muita terra e deveria aproveitar.

Agente vê que tem até alguns estados que estão investindo nisso. Os estados do nordeste, por exemplo, no Ceará, Piauí por aí, regiões assim que tem muito, necessidades mesma da energia eólica, por exemplo, já tem investimentos, é caríssimo, agente sabe que é caro, tecnologia é na maioria das vezes importada, mas agente tem grandes fontes para que isso aconteça. O governo tem que incentivar isso quanto menos poluição melhor.

Isso aqui lembra uma das piores coisas que eu considero na minha vida, que é uma forma de também de acabar com a natureza que é prender os animais, tirar eles do habitat natural, mas é uma coisa também que está paralela, as pessoas que fazem isso são em geral pessoas muito pobres, ignorantes, que é um paralelismo com a condição social, pessoas que fazem esse tipo de coisas, muita das vezes fazem pra comer mesmo, falta de opção. Só sabem fazer isso, não tem opção de ganho, não tem opção e faz isso na forma errada mas infelizmente né? É muito triste agente vê isso.

Mosquito é esse distúrbio enorme que está aqui, por exemplo, no Rio de Janeiro, eu estava com uma filha internada durante uma semana. Teve dengue e ficou internada durante o final de semana, por isso que eu estou voltando a dar aula hoje, tive que parar para acompanhá-la no hospital. E aqui no Irajá, por exemplo, agente está com um surto muito grande né? Então..todos os dias durante o dia inteiro está se fazendo acompanhamento da massa sanguínea. Ta tendo muitos casos, agente está assim. Já teve óbito aqui e isso é preocupante, principalmente aqui na comunidade, agente sabe que tem uma relação direta com a falta de saneamento, com a pobreza, com as condições sociais em que muitos bairros onde as pessoas vivem, muitas comunidades, principalmente na nossa região onde agente é muito, cercada de comunidade aqui. Entendeu? Provavelmente tem uma ligação.

O lixo é uma forma sub-humana de sobrevivência. É horrível ver isso aqui, eu acho uma das coisas mais deprimentes que se tem, quando eu vejo essa reportagem aqui. E por outro lado, essas pessoas poderiam até estar ganhando dinheiro com o lixo, mas não dessa forma. Agente

sabe que houvesse realmente a vontade fazer com o lixo viesse a ser produtivo, uma fonte de renda haveria de se investir de outra forma... na reciclagem de lixo, na montagem de usina para geração de elementos químicos tipo gás natural, agente sabe que existe até umas usinas, mas não é interessante para o poder público assistir a isso aqui. Interessante para mim e para você de repente. Mas o poder público acha mais interessante assistir as pessoas se lambuzando aqui nesta sujeira toda.

Favela e poder público....favela é um problema ambiental na medida que é abandonada de todas as formas...de saneamento, água, em fim então é um problema ambiental com certeza, você for ver neste ponto de vista. É ambiental pela forma com que ela se constitui, como ela existe, como é abandonada. Na maioria destas favelas agente sabe que não tem saneamento, não tem rede de esgoto, a água praticamente não chega, as pessoas tem...posto de saúde....não tem uma educação de coleta de lixo.

Poder público dentro das favelas eu não sei seja daquelas mais próximas dos grandes centros. De repente está até bem representada com projetos com a finalidade de Inglês ver né? Então tem muita coisa lá. Por exemplo, na Mangueira tem tudo, eu conheço bem a Mangueira eu já estive lá, já fiz trabalho lá dentro da comunidade tem até núcleo de universidade particular, mas aqui? Aqui não chega nada, então eu acho que o poder público está longe de estar presente dentro das comunidades...só onde realmente é interessante né, ele levam para o inglês ver, estrangeiro vai visita a Rocinha, Vidigal e por aí a fora, mas no geral e resto é conversa fiada.

Violência urbana é tudo o que agente sabe, falta de atenção social, carência de todas as outras coisas, onde o poder público não chega, onde não chega educação, onde não chega assistência social de um modo geral, onde não chega o apoio, o trabalho, o acolhimento do cidadão, entendeu? É uma consequência, onde não tem representatividade do poder público efetivamente, é comum agente ver. O consumismo é uma das características desse país capitalista, acho que se caminha cada vez mais para isso. Então é uma consequência que na maioria das vezes as pessoas não se dão conta, na medida que você vai consumindo muito, vai entrando no caminho da poluição...industrial...dos resíduos industriais e tudo mais. Agente não pode guardar tanta coisa né? Vai descartando, cada vez mais, as coisas mais novas, aparelho mais novos, como no caso dos celulares, telefones, cada vez mais modernos, agente vai abandonando e se empilhando em algum lugar e isso com certeza vai ter uma consequência, agente vai pagar um preço, logo-logo por tudo isso. Agente tem que pensar numa forma também de se reciclar isso aqui, esse tipo de coisa porque, tava até vendo uma reportagem em relação aos computadores. Os computadores são recicláveis em algum lugar aí. Móveis, mesas, de gabinete de computador, muita coisa interessante.

Fala da nossa energia né? Que fala tanto do apagão né? Que agente não corre o risco do apagão e tal é um investimento que agente sabe que o governo deveria ter feito há muito tempo, né? Mas que não foi feito e agora está nessa corrida louca de se fazer hidrelétricas, desviando

rios...essas coisas. Tem uma discussão muito grande em cima disso, agente fica propensos aos apagões... conseqüências deles é preocupante, algumas pessoas, a maioria não, não tem consciência do resultado, conseqüências que podem ter mais consciênciae o governo ta aí falando o tempo todo que não corremos risco de apgão mas de vez em quando está acontecendo.

ENTREVISTA 14 A área que foi descrita foi Vila Esperança... tem mais, vila Rica, Amarelinho,

IAPC. IAPC não tem cobertura, lá não é favela. Você sabe onde é? São aqueles apartamentos... e aí a equipe vai pra lá. São duas equipes pra lá... mas o resto do complexo agente não sabe como vai ficar.

Ao lado do Metrô é Vila Rica, na verdade isso aqui acabou, Vila Rica e Vila Esperança, não existe mais, pela última reunião que nós tivemos com o representante da comunidade eles aboliram essas duas divisões e ficaram uma coisa só. Só o amarelinho que ficou separado, o resto ficou tudo com a mesma associação do outro lado.

E a área aqui com problemas de meio ambiente, é uma área chamada de Fim do Mundo, porque não tem saneamento, não tem coleta de lixo... tu já foi lá, no Fim do Mundo... esgoto a céu aberto... tuberculose, diabetes...somente três equipes tem médico....agente começou em julho que agente começou o PSF não tinha nenhum médico, continua o atendimento do PS e agente tentando organizar....cada enfermeiro tem 1000 famílias, tem 7000 famílias cadastradas... eu só sei que são 7000 mil famílias atendidas pelo PSF... a não, agente não se mete, quem delimitou a nossa área não teve nada a ver com a associação de moradores...porque já tinha o PAC, isso veio da prefeitura, teve aquele Favela Bairro, e aproveitou o mapa do Favela Bairro... No fim do mundo não deve ter 1000 famílias deve ter 700 famílias... é eu chamo porque de fato é, tem porco, tem cabra, entendeu? Eu chamo de área rural o fim do mundo, agora que ela ta recebendo nome, já tem nomes, porque antes, no mapa está sendo projetada... o que ele me falou que as ruas estão recebendo nomes de moradores antigos que moravam....os primeiros moradores... que estava tudo projetada A, projetada B...

ENTREVISTA 15 "...essa orquestra de Acari, literalmente eu não sei onde eles funcionam não...

igual ela falou... as pessoas usam muito o nome, quando tem um morador de Acari aí diz que é de Acari e não é, a banda de Acari pra mim é ...não sei o que de Já... que é formado só por crianças da comunidade. Crianças de 12 , 13 anos, criam músicas...

... essa parte aqui não está urbanizada ainda, é o que o R estava falando, por questão de que isso aqui foi invadido, que era um terreno e se ia fazer a rua, começaram a construir os barracos um ao lado do

outro desordenadamente. Eu sou uma pessoa muito cética, as pessoas ocupam os espaço que não foram ocupados. Se eles estão aqui, tem uma razão para eles estarem... se você parar para perguntar, eles vão te dizer que o único problema que eles tem é quando a polícia vem...

...vou te mostrar a quadra, que foi idéia “deles”.... que fizeram para as crianças, eles estavam achando as crianças muito à toa... aí já tinha um centro social, e “eles” colocaram...a primeira quadra de footvolei. Aqui é a quadra e ali é um anfiteatro que “eles” vão tapaz e fazer um teatro para as crianças... para lá é o fim do mundo. Essa área era de uma pessoa que não quer mais, as pessoas tentaram colocar casas mas não conseguiram e começaram a fazer de depósito de lixo... essa parte aqui é a parte que mais precisa... se chama fim do mundo. Vamos descer aqui que vou te mostrar o lixão... para você ver que aqui você quase não vê barracas, eles costumam fazer de tijolos até por questões de vários incêndios que tiveram...essa questão de barracas...você não vê mais. E até lá em baixo se você for é lixo, o rio passa lá em baixo... condução por aqui por dentro não passa nada, nada, nada... aqui tem muita gente doente que não sabe que estão doente. Outra coisa, índice de jovens com HIV é muito alto. Crianças fora da escola? É típico. Escolas que não funcionam... tenho uma escola ali que dois meses não tem aula de geografia...e aí não tem outro professor? Não tem. Mas também a comunidade não se mobilizar. Elas coloca tudo nas costas da associação de moradores... LAN *house* que chegou com uma alternativa...

... muitos pra dentro, quando digo dentro eles mudam para essa beira que eles chamam de zona sul... esse espaço todo aqui é de lá de onde agente veio, que continua... ele cercou para não acontecer o que aconteceu lá em baixo. Ele cercou, porque o pessoal já estava construindo barraco, lá em baixo que passa o rio, então o pessoal acha melhor que para não virar uma lixeira... agente nota aqui na questão urbana é o crescimento vertical, as pessoas vão tendo família e vão fazendo, fazendo

ANEXO IV

GLOSSÁRIO

Agenda marrom é a agenda que relaciona urbanização, industrialização, crescimento econômico e desenvolvimento social

Atenção primária em saúde refere-se a um modelo de atendimento em saúde que foca a prevenção em detrimento da hospitalização, promovendo atividades nas comunidades via Postos de Saúde ou diversos Programas de Saúde implementados via Ministério da Saúde.

Conhecimento científico é o conjunto genérico de procedimentos ordenados e disciplinados, utilizados para a aquisição de informações seguras e organizadas.

Cosmovisão modo de olhar o mundo.

O Ecologismo popular é uma corrente do movimento ambientalista, que se propõe a lutar "contra os impactos ambientais que ameaçam os pobres, que constituem a ampla maioria da população em muitos países"

Edáfico é a palavra usada para dizer que algo é relativo ou pertence ao solo

Fenômeno/ constructo criação mental simples que serve de exemplificação na descrição de uma teoria; percepção ou pensamento formado a partir da combinação de lembranças com acontecimentos atuais.

Favela-bairro instrumento para a integração urbanística e social entre os cariocas e para reverter o quadro de degradação urbana que geralmente acompanha o assentamento habitacional espontâneo dos grupos de baixa renda.

Holismo é a idéia de que as propriedades de um sistema, quer se trate de seres humanos ou outros organismos, não podem ser explicadas apenas pela soma de seus componentes.

Ice-berg termo utilizados para se referir a um problema que mesmo sendo de grandes proporções, ainda não é conhecido.

ICM-Ecológico criado inicialmente pelo estado do Paraná onde 5% das receitas do estado são repartidas entre 226 municípios com mananciais de abastecimento e unidades de conservação ambiental.

Iluminismo conceito que sintetiza diversas tradições filosóficas, correntes intelectuais e atitudes religiosas utilizados no século XVIII

Impactação impacto causado geralmente por atividades antrópicas ao meio ambiente.

Impactante medida ou atividade que leve a impactação do meio ambiente.

Iniquidade o mesmo que falta de justiça e igualdade.

Know how é a capacidade de execução e uma atividade baseada no conhecimento que se tem do assunto; o conjunto de saberes sobre uma determinada atividade.

Mairs nome dados aos francês pelos índios quinhentistas

Medicalização da saúde o tipo de atendimento privado em saúde, onde se busca o lucro, ou o retorno financeiro por práticas em saúde.

Medicina Científica medicina baseada em pesquisas científicas, para contrapor o que é de senso comum

Metropolização da pobreza situação atual em que se encontra amplamente distribuída a pobreza dentro de uma grande cidade.

Neonarodnismo interpretação histórica e movimento atual que nasce do descrédito pós-moderno da ciência e do progresso social. Apóia-se em uma análise científica do fluxo de energia e materiais e da conservação da biodiversidade, fundada na crítica à pseudo-racionalidade econômica.

Paradigma newtonianocartesiano a base do pensar racional que impulsionou toda a ciência registrada até o novo paradigma

Peros nome dado aos portugueses pelos índios quinhentistas

Politeraftalato de etila polímero termoplástico constituintes das garrafas PET

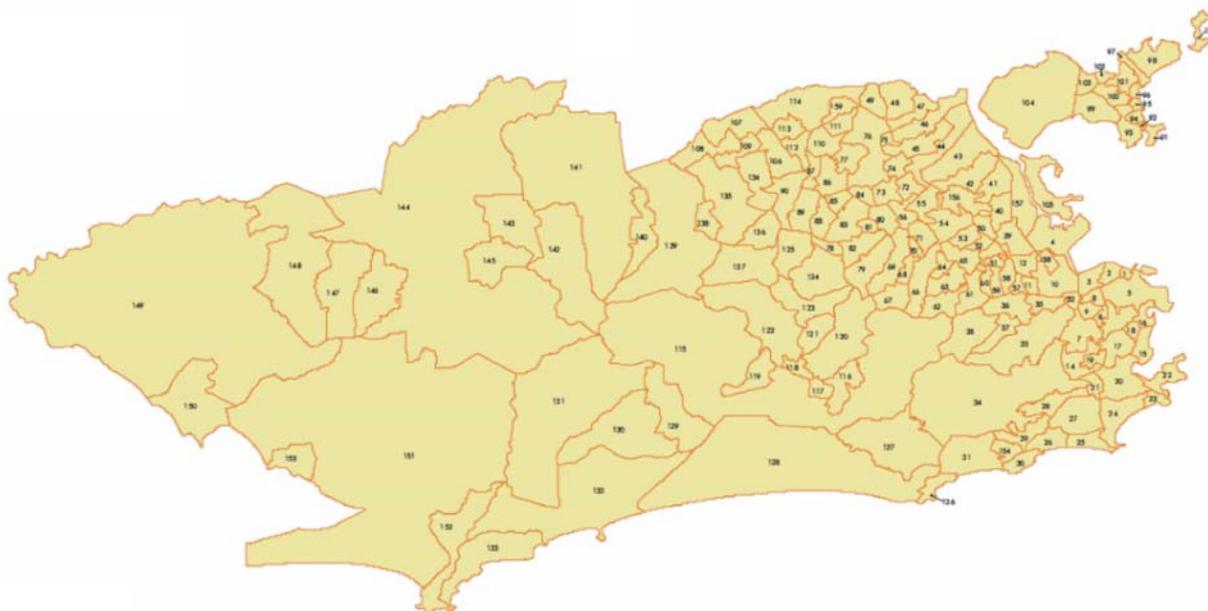
Remocionismo atividades de remoção dos assentamentos de baixa renda de lugares nobres durante a gestão de alguns prefeitos no município do Rio de Janeiro.

Resiliência É a capacidade de um ecossistema retornar a seu estado de equilíbrio dinâmico, após sofrer uma alteração ou agressão.

Zoonose, é o nome dado as infecções e doenças que são adquiridas em contato com animais, podem também ser transmitidas pela ingestão de alimentos contaminados.

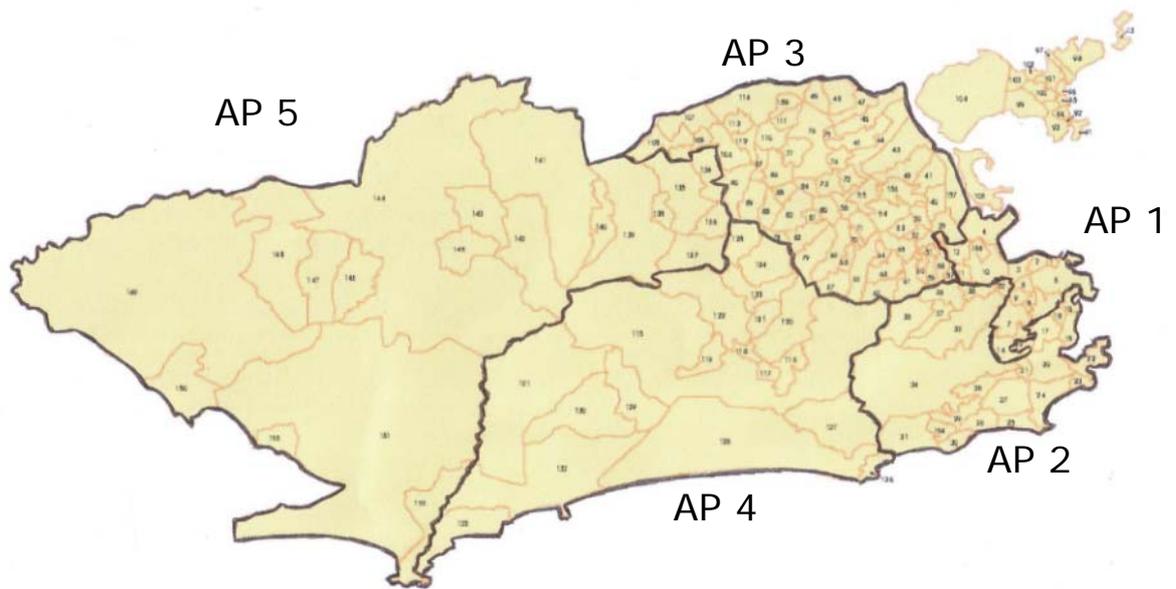
ANEXO VII

**LISTAGEM DA FAVELAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE
JANEIRO POR ÁREAS DE PLANEJAMENTO E OS
BAIRROS ONDE ESTÃO LOCALIZADAS**



Mapa do Município do Rio de Janeiro e seus bairros, incluindo as ilhas de Paquetá, Governador e Fundão

1 SAÚDE	26 LEBLON	51 JACARÉ	76 IRAJÁ	101 TAIJÁ	126 JOÁ
2 GAMBÓIA	27 LAGOA	52 MARIA DA GRAÇA	77 COLÉGIO	102 MONERO	127 ITANHANGÁ
3 SANTO CRISTO	28 JARDIM BOTÂNICO	53 DEL CASTILHO	78 CAMPINHO	103 PORTUGUESA	128 BARRA DA TIJUCA
4 CAJÚ	29 GÁVEA	54 INHAÚMA	79 QUINTINO	104 GALEÃO	129 CAMORIM
5 CENTRO	30 VIDIGAL	55 ENGENHO DA RAINHA	80 CAVALCANTI	105 CIDADE UNIVERSITÁRIA	130 VARGEM PEQUENA
6 CATUMBI	31 SÃO CONRADO	56 TOMÁS COELHO	81 ENGENHEIRO LEAL	106 GUADALUPE	131 VARGEM GRANDE
7 RIO COMPRIDO	32 PRAÇA DA BANDEIRA	57 SÃO FRANCISCO XAVIER	82 CASCADURA	107 ANCHIETA	132 RECREIO DOS BANDEIRANTES
8 CIDADE NOVA	33 TIJUCA	58 ROCHA	83 MADUREIRA	108 PARQUE ANCHIETA	133 GRUMARI
9 ESTÁCIO	34 ALTO DA BOA VISTA	59 RIACHUELO	84 VAZ LOBO	109 RICARDO DE ALBUQUERQUE	134 DEODORO
10 SÃO CRISTÓVÃO	35 MARACANÁ	60 SAMPÃO	85 TURIAÇU	110 COELHO NETO	135 VILA MILITAR
11 MANGUEIRA	36 VILA ISABEL	61 ENGENHO NOVO	86 ROCHA MIRANDA	111 ACARI	136 CAMPO DOS AFONSO
12 BENFICA	37 ANDARAÍ	62 LINS DE VASCONCELOS	87 HONÓRIO GURGEL	112 BARRIOS FILHO	137 JARDIM SULACAP
13 PAQUETÁ	38 GRAJÁU	63 MÉIER	88 OSVALDO CRUZ	113 COSTA BARRIOS	138 MAGALHÃES BASTOS
14 SANTA TERESA	39 MANGUINHOS	64 TODOS OS SANTOS	89 BENTO RIBEIRO	114 PAVUNA	139 REALENGO
15 FLAMENGO	40 BONSUCESSO	65 CACHAMBI	90 MARECHAL HERMES	115 JACAREPAGUÁ	140 PADRE MIGUEL
16 GLÓRIA	41 RAMOS	66 ENGENHO DE DENTRO	91 RIBEIRA	116 ANIL	141 BANGU
17 LARANJEIRAS	42 OLARIA	67 ÁGUA SANTA	92 ZUMBI	117 GARDÊNIA AZUL	142 SENADOR CAMARÁ
18 CATETE	43 PENHA	68 ENCANTADO	93 CACIUA	118 CIDADE DE DEUS	143 SANTISSIMO
19 COSME VELHO	44 PENHA CIRCULAR	69 PIEDADE	94 PITANGUEIRAS	119 CLURICA	144 CAMPO GRANDE
20 BOTAFOGO	45 BRÁS DE PINA	70 ABOLIÇÃO	95 PRAIA DA BANDEIRA	120 FREGUESIA JACAREPAGUÁ	145 SENADOR VASCONCELOS
21 HUMAITÁ	46 CORDOVIL	71 PILARES	96 COCOTÁ	121 PECHINCHA	146 INHOABA
22 URCA	47 PARADA DE LUCAS	72 VILA KOSMOS	97 BANCARIOS	122 TAQUARA	147 COSMOS
23 LEME	48 VIGÁRIO GERAL	73 VICENTE DE CARVALHO	98 FREGUESIA	123 TANQUE	148 PACIÊNCIA
24 COPACABANA	49 JARDIM AMÉRICA	74 VILA DA PENHA	99 JARDIM GUANABARA	124 PRAÇA SECA	149 SANTA CRUZ
25 IPANEMA	50 HIGIENÓPOLIS	75 VISTA ALEGRE	100 JARDIM CARIOCA	125 VILA VALQUÉRE	150 SEPETIBA
151 GUARATIBA					
152 BARRA DE GUARATIBA					
153 PEDRA DE GUARATIBA					
154 ROCINHA					
155 JACAREZINHO					
156 ALEMÃO					
157 MARÉ					
158 VASCO DA GAMA					
159 PARQUE COLUMBIA					



Município do Rio de Janeiro com suas Áreas de Planejamento Segundo SABREN: Ilha de Paquetá – AP 1; Ilhas do Governador e do Fundão – AP 3



Ampliação da AP 1

Tabela da AP. 1 com seus bairros e favelas -

Numeração de acordo com o mapa acima	BAIRRO	FAVELAS INSERIDAS
1	Saúde	-
2	Gamboa	Morro da Providência Pedra Lisa
3	Santo Cristo	Moreira Pinto
4	Caju	Ladeira dos Funcionários Parque Alegria Parque Boa Esperança (RA-Portuária) Parque Conquista Parque Nossa Senhora da Penha Parque São Sebastião Parque Vitória Quinta do Caju
5	Centro	-
6	Catumbi	Catumbi
7	Rio Comprido	Azevedo Lima; Bispo; Comunidade de Clara Nunes; Matinha Morro Santos Rodrigues Pantanal (RA-Rio Comprido) Parque Rebouças Paula Ramos Rodo Rua Projetada A Santa Alexandrina Sumaré Unidos de Santa Teresa Vila Anchieta Vila Santa Alexandrina
8	Cidade Nova	-
9	Estácio	Rato São Carlos
10	São Cristóvão	Marechal Jardim Parque dos Mineiros Tuiuti
11	Mangueira	Mangueir (RA-São Cristóvão) Morro dos Telégrafos Parque Candelária
12	Benfica	Conjunto Ataulfo Alves Parque Herédia de Sá Parque Horácio Cardoso Franco Rua Ferreira de Araújo Vila Arará Vila União (RA-São Cristóvão) Vila Vitória (RA-São Cristóvão)
13	Paquetá	A.M. do Morro do Vigário; Morro do Gari Morro do PEC
14	Santa Teresa	A.M. e Amigos de Santa Teresa; A.M. Amigos do Vale; André Cavalcanti Baronesa Coroado (AMAPOLO) Fazenda Catete Francisco de Castro Julio Otoni; Ladeira Santa Isabel Luiz Marcelino Morro da Coroa Morro do Escondidinho Morro dos Prazeres Occidental Fallet Travessa Santa Teresa Vila Elza Vila Paraíso
158	Vasco da Gama	Barreira do Vasco



Ampliação da AP 2

Tabela da AP. 2 com seus bairros e favelas -

Numeração de acordo com o mapa acima	BAIRRO	FAVELAS INSERIDAS
15	Flamengo	Morro Azul
16	Glória	-
17	Laranjeiras	Maloca Vila Pereira da Silva
18	Catete	Tavares Bastos Vila Santo Amaro
19	Cosme Velho	Cerro- Corá Guararapes Vila Cândido Vila da Imaculada Conceição
20	Botafogo	Mangueira (RA-Botafogo) Morro Santa Marta
21	Humaitá	Humaitá
22	Urca	Vila Benjamin Constant
23	Leme	Babilônia Chapéu Mangueira
24	Copacabana	Ladeira dos Tabajaras Morro dos Cabritos Pavão-Pavãozinho
25	Ipanema	Morro do Cantagalo
26	Leblom	-
27	Lagoa	-
28	Jardim Botânico	Do Horto
29	Gávea	Vila Parque da Cidade
30	Vidigal	Chácara do Céu Vidigal
31	São Conrado	Vila Canoas Vila Pedra Bonita
32	Praça da Bandeira	-
33	Tijuca	Borel Coréia (RA-Tijuca) França Junior Indiana Morro da Casa Branca Morro da Formiga Morro da Liberdade Morro do Bananal Morro do Chacrinha Salgueiro
34	Alto da Boa Vista	Açude da Solidão

		Doutor Catrambi Estrada do Tijuacu Mata Machado Sítio da Biquinha Vale Encantado
35	Maracanã	
36	Vila Isabel	Morro dos Macacos Parque Vila Isabel
37	Andaraí	Arrelia Buraco Quente Jamelão Morro do Andaraí Morro do Cruz
38	Grajaú	Borda do Mato Nova Divinéia Parque João Paulo II
154	Rocinha	Rocinha



Ampliação da AP 3

Tabela da AP. 3 com seus bairros e favelas -

Numeração de acordo com o mapa acima	BAIRRO	FAVELAS INSERIDAS
39	Manguinhos	Chp-2 Mandela de Pedra Parque Carlos Chagas Parque Oswaldo Cruz Pata Choca Vila Turismo
40	Bonsucesso	Parque Proletário Monsenhor Brito Vila São Pedro
41	Ramos	Igreja Nossa Senhora da Conceição Parque Itambé Ruth Ferreira Travessa Marques de Oliveira Vila Residencial Darcy Vargas Vila Santo Antonio (RA-Ramos)
42	Olaria	Morro do Cariri Tenente Pimentel Vila Cruzeiro
43	Penha	Morro do Caracol Parque Proletário do Grotão

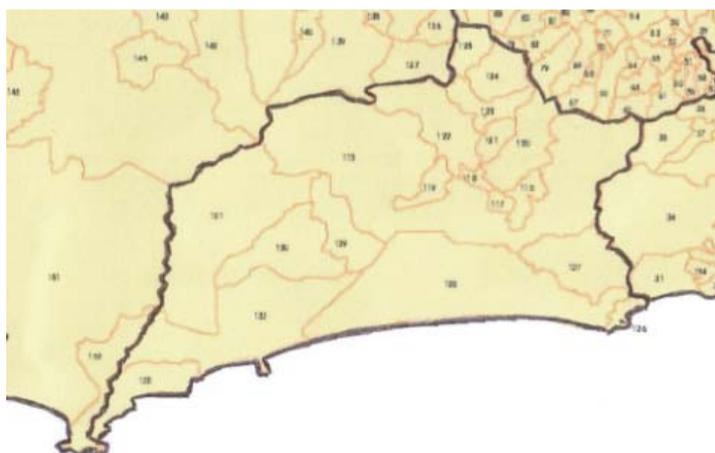
		Rua Laudelino Freire Vila Proletária da Penha
44	Penha Circular	Centro Social Marcílio Dias Mandacaru II Morrinho Morro da Caixa D'água (RA-Penha) Morro da Fé Morro do Sereno Rua Frey Gaspar, 279
45	Brás de Pina	Brás de Pina Mangueirinha Morro da Guafba Rua Castro Menezes, 928 Vila Pequiri
46	Cordovil	Batuta de Cordovil Bom Jardim de Cordovil Caminho do Rio Chega Mais Cordovil Dourados Parque Chp Parque Proletário de Cordovil Pedacinho do Céu Serra Pelada Vila Cambuci
47	Parada de Lucas	Parque Jardim Beira Mar Te Contei
48	Vigário Geral	Bairro Proletário do Dique Parque Furquim Mendes Parque Proletário de Vigário Geral
49	Jardim América	Rua Rodolfo Chambelland
50	Higienópolis	Comunidade Agrícola de Higienópolis Parque Félix Ferreira Vila Dom Fabio Vila Maria
51	Jacaré	Marlene Vila da Rua Viúva Cláudio 211
52	Maria da Graça	-
53	Del Castilho	Chácara de Del Castilho Parque União de Del Castilho Seu Pedro
54	Inhaúma	Parque Everest Parque Proletário Águia de Ouro Relicário Rua Lagoa Redonda
55	Engenho da Rainha	Morro do Engenho da Rainha Parque Proletário Engenho da Rainha Rua Sérgio Silva
56	Tomás Coelho	Parque Nova Maracá Parque Silva Vale Rua Brício de Moraes Rua Pereira Pinto Vila Caramuru Vila Itaocara
57	São Francisco Xavier	Comunidade Estação da Mangueira (Amcema) Vila Triagem
58	Rocha	-
59	Riachuelo	-
60	Sampaio	Dois de Maio Morro do Queto
61	Engenho Novo	Barro Preto Barro Vermelho Céu Azul Morro da Bacia Morro da Matriz Morro do Encontro Morro São João Vila Cabuçu
62	Lins de Vasconcelos	Cachoeirinha Bairro Ouro Preto Dona Francisca Morro da Cachoeira Grande Morro da Cotia

		Morro do Amor Morro do Céu Morro Nossa Senhora da Guia Pretos Forros Santa Terezinha
63	Méier	Joaquim Méier
64	Todos os Santos	Santos Titara
65	Cachambi	Malvinas Pica Pau amarelo
66	Engenho de Dentro	Belém-Belém Conjunto Residencial Fernão Cardin Outeiro (RA-Meier) Rua Camarista Méier, 914 Teixeira Bastos
67	Água Santa	Cardoso de Mesquita,28 Fazendinha da Água Santa Serra do Padilha
68	Encantado	Beco do Vitorino Morro do Pau Ferro Travessa Bernardo
69	Piedade	Comunidade dos Marianos Engenheiro Alfredo Gonçalves Jardim Piedade Joaquim Martins, 378-Fundos Morro da Caixa D'água (RA-Méier) Morro dos Mineiros Morro Inácio Dias Rua Engenheiro Clóvis Dautb, 340 Vila da Amizade Vila dos Mineiros
70	Abolição	-
71	Pilares	Morro do Trajano Morro do Urubu Rua Itabirito
72	Vila Cosmos	Jardim do Carmo
73	Vicente de Carvalho	Morro do Juramento
74	Vila da Penha	-
75	Vista Alegre	-
76	Irajá	Avenida Meriti, 4483 Parque Bom Menino Parque jardim Metrô de Irajá Parque Rio D'ouro Rua Miguel Dibo
77	Colégio	Avenida Automóvel Clube, 8340 Vila São Jorge (RA-Irajá)
78	Campinho	Comendador Pinto Rua José Félix de Maris
79	Quintino Bocaiúva	Padre Manuel da Nóbrega Parque Araúna Rua Lemos de Brito Rua Saçu
80	Cavalcanti	Rua Baleares,172 – Rua Amália 286 Vila Primavera Visconde de Sabóia
81	Engenho Leal	Rua Iguaçú, 360, casa 23 Sanatório
82	Cascadura	Beco da Amizade Fazenda da Bica Morro da Iguafba Morro do Bacalhau Morro do Fubá Morro do Juca Vila Campinho
83	Madureira	Buriti-Congonhas Comunidade de São Miguel Arcaño Grotta Morro do Sossego Morro São José Negrão de Lima Serrinha Vila das Torres
84	Vaz Lobo	Rua Professor Burlamáqui
85	Turiaçú	Rua Pereira Leitão Vila Santa

86	Rocha Miranda	Faz Quem Quer (RA-Madureira)
87	Honório Gurgel	Barreira do Juca Parque Bela Vista Praça Cândido Vargas Rua Cônego Boucher Pinto Vila Operária Diamantes
88	Oswaldo Cruz	Parque Vila Nova Travessa Antônio Avelino
89	Bento Ribeiro	Avenida do Tenente Monte Carmelo Nabuco de Araújo,228
90	Marechal Hermes	Assis Martins Caminho da Reta Cristo Rei Oliveira Junqueira Rua do Canal Rua do Encanamento Sociedade Beneficente e Social Frei Sampaio Vitória da Conquista Vila Eugênia Vila Nossa Senhora da Glória
91	Ribeira	-
92	Zumbi	-
93	Cacuaia	Colônia de Pescadores Almirante Gomes Pereira Rua Jerônimo Ornelas, 490
94	Pitangueiras	Bairro Nossa Senhora das Graças
95	Praia da Bandeira	-
96	Cocotá	Rua Guariúba Rua Marques de Muritiba, 609
97	Bancários	Jardim duas Praias Luiza Regadas Parque Proletário dos Bancários Tremembé
98	Freguesia	Bela Vista da Pichuna Magno Martins Morro das Araras Rua Budapeste, 66 Rua Professor Silva Campos
99	Jardim Guanabara	Serra Morena
100	Jardim Carioca	Guarabu Rua Rodano, lote 22, quadra 31
101	Tauá	Bairro da Sapucaia Conjunto Residencial dos Servidores Municipais Maestro Arturo Toscanini Morro do Dendê Morro do Querosene Praia da Rosa
102	Moneró	-
103	Portuguesa	Parque Royal
104	Galeão	Águia Dourada Caricó Travessa Estrada Grande, 1397 Vila Joaniza Vila Nova Canaã
105	Cidade Universitária	-
106	Guadalupe	Faz Quem Quer (RA-Anchieta) Maranata Morro do Mata Quatro Parque Criança Esperança Parque Rafael de Oliveira Parque Raio do Sol Rafael de Oliveira Vila Esperança de Guadalupe
107	Anchieta	Associação Comunitária Vila Alvorada Avenida Beira Rio- Rua Arnaldo Murineli (RA- Anchieta) Caminho do Padre Comunidade Aramari Fazenda Velha Final Feliz Oito de Dezembro

		Oliveira Bueno Parque Anchieta Parque Esperança Planalto Rua Adalberto Tanajura Rua Itatiba Rua Oliveira Bueno, 832 Rua Tenente Lassance Travessa Maria José Vila Beriti Vila São Sebastião
108	Parque Anchieta	Fé em Deus
109	Ricardo de Albuquerque	Força do Povo Parque Tiradentes
110	Coelho Neto	Furão Morro União Rua Parnaíba
111	Acari	Beira Rio – Rua Matura (RA-Pavuna) Parque Acari Vila Rica de Irajá Vila Esperança
112	Barros Filho	Centro Social União de Costa Barros Gleba I da antiga Fazenda Botafogo Jardim Bárbara Margem da Linha Almirante Tamandaré Parque São José
113	Costa Barros	Chico Mendes (Morro do Chapadão) Fazenda Botafogo/Margem da Linha Grotão de Costa Barros Parque Boa Esperança (RA-Pavuna) Quitanda
114	Pavuna	Araguatina Bairro da Pedreira Batistinha Caminho do Job Final Feliz II Nova Olinda Parque Columbia Parque Nova Cidade de Acari Parque Nova Jerusalém Parque Unidos Rua Embaú, 349 Rua Embaú, 427 Sossego - Alegria Vila Amaral Vila Beira Rio Vila Nova da Pavuna
155	Jacarezinho	Carlos Drumond de Andrade Jacarezinho Praça Marimba, 60 (fundos) Rua Matinoré, 163 (fundos) Rua São João Tancredo Never (RA-Jcarezinho) Tautá Vila Jandira Vila Matinoré
156	Complexo do Alemão	Itararé Joaquim de Queiroz Morro da Baiana Morro das Palmeiras Morro do Adeus Morro do Alemão Morro do Piancó Mourão Filho Nova Brasília (RA-Alemão) Parque Alvorada Rua Armando Sodré Vila Matinha
157	Complexo da Maré	Baixada do Sapateiro Joana Nascimento Nova Holanda Paraibuna Parque Maré Parque Roquete Pinto

		Parque Rubens Vaz Parque União Ramos Timbau
159	Parque Colúmbia	Rua da Escadinha Rua do Barro Rua Madagascar



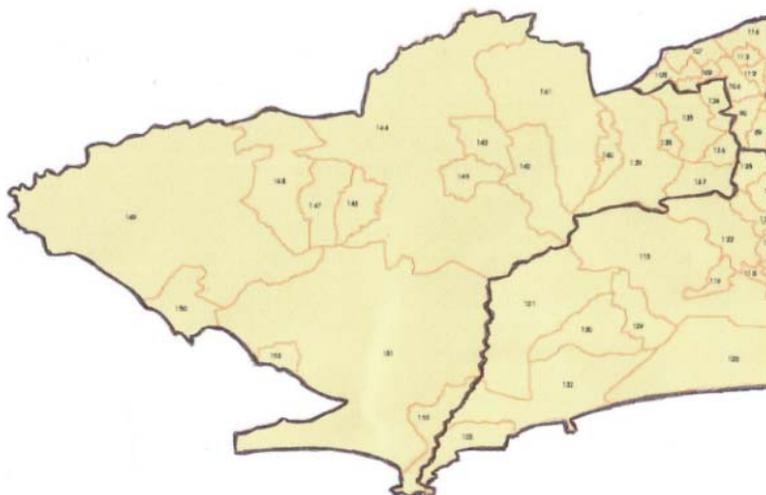
Ampliação da AP 4

Tabela da AP. 4 com seus bairros e favelas - 150 Favelas

Numeração de acordo com o mapa acima	BAIRRO	FAVELAS INSERIDAS
115	Jacarepaguá	Asa Branca Canal do Arroio da Pavuna Comunidade São Francisco de Assis Condomínio vila Darcy Vargas Outeiro Parque da Pedra Branca Parque Dois Irmãos Rio das Pedras Santa Maria Santa Maura São Gonçalo do Amarante Vila Calmete Vila Getúlio Vargas Vila Pitimbu Vila Sapê Virgolândia
116	Anil	Araticum
117	Gardênia Azul	Avenida das Lagoas Vila Nova Esperança
118	Cidade de Deus	Beirada do Rio Loteamento Josué Praça da Bíblia Santa Efigênia
119	Curicica	A.M. do Vale do Curicica Antiga Creche

		Vila União de Curicica
120	Freguesia	Associação Belfast São Geraldo Inácio do Amaral Pantanal I (RA-Jacarepaguá) Quintanilha Rua Agostinho Gama Rua Daniel Rua São Jorge Rua Sargento Paulo Moreira Tirol
121	Pechincha	Condomínio Paco do Lumiar Rua Monsenhor Marques, 277 Vila Nossa Senhora da Paz
122	Taquara	A.M. e Comunidade Nossa Senhora de Fátima André Rocha Estrada do Catonho Estrada do Meringuava Jardim Boiúna Loteamento São Sebastião Nova Aurora Rua André Rocha, 2630 B Rua Mirataia Santa Anastácia Shangrilá Vacaria Vila Santa Clara Vila Santa mônica Vilar São Sebastião Vinte e sete de Setembro
123	Tanque	Caminho do Valdemar Caxangá Ladeira da Reunião
124	Praça Seca	Barão Bela Vista do Mato Alto Chácara Flora Chacrinha do Mato Alto Comandante Luiz Souto Morro da Boa Esperança Vila José de Anchieta
125	Vila Valqueire	Rua Urucaia, 570
126	Joá	-
127	Itanhangá	Agrícola Angu Duro Cambalacho Fazenda Floresta da Barra da Tijuca Furnas Muzema Sítio do Pai João Tijuquinha Vila da Paz Vila Santa Terezinha
128	Barra da Tijuca	Associação de Moradores Barra América Ilha da Gigóia – Lote 500 (RA-Barra da Tijuca) Lagoa da Barra Rua São Tilon Vila União (RA-Barra da Tijuca)
129	Camorim	Morro do Camorim
130	Vargem Pequena	Bosque Mont Serrat Hélio Oiticica Palmares Santa Luzia
131	Vargem Grande	Associação dos Moradores do Rio Bonito Cascatinha Comunidade Bandeirantes Estrada dos Bandeirantes, 29192 Rio Morto Vila dos Crentes
132	Recreio dos Bandeirantes	A.M. e Amigos do Fontela Avenida dos Eucaliptos, 28 Caeté Canal das Tachas Canal do Cortado

		Estrada do Pontal (Caité) Grotta Funda Restinga Servidão DVila Doutor Crespo Vila Harmonia Vila Nova (RA-Barra da Tijuca) Vila Alegre do Recreio
133	Grumari	



Ampliação da AP 5

Tabela da AP. 5 com seus bairros e favelas - 173 Favelas

Numeração de acordo com o mapa acima	BAIRRO	FAVELAS INSERIDAS
134	Deodoro	Fazenda Sapopemba
135	Vila Militar	Comunidade Sobral
136	Campo dos Afonsos	-
137	Jardim Sulacap	-
138	Magalhães Bastos	Quatorze de Julho Rua Jabaquara Rua Santo Expedito Vila Brasil Vila Capelinha Vila São Miguel
139	Realengo	Alameda da Creche Bairro Carumbé Batam Beira Rio (RA-Realengo) Birigui Cosme e Damião Do laguinho Frederico Faulhaber Morro São Sebastião Nilo Parque das Nogueiras

		Rua Bernardo Vasconcelos e Adjacências Vila 133 Vila do Almirante Vila Jardim Novo Realengo Vila João Lopes Vila Jurema (RA-Realengo) Vila Jurema I (RA-Realengo) Vila Lélío Boaventura Vila Nova (RA-Realengo) Vila Santa Luzia Vila Santo Antonio (RA-Realengo)
140	Padre Miguel (4)	Murundu Vila Abrolhos Vila das Rosas Vila do Vintém
141	Bangu (26)	Alto Kennedy Avenida Santa Cruz, 3556 Bairro Nova Aliança Beco da Usina Boqueirão Caminho do Borges Caminho do Lucio Castor de Andrade Estrada da Saudade Estrada Sargento Miguel Filho, 164 Jardim São Bento Minha Deusa Nova Kennedy Parque Nossa Senhora de Fátima Parque Real Retiro das Mangueiras Rua Congo, 147 Rua da Feira, 1220 São Bento Tibagi Vila Catiri Vila Moreti Vila Olímpia Vila Piquirobi Vila Progresso Vila União da Paz
142	Senador Câmara	Bairro Santo André Coréia (RA-Bangu) Falange Fazenda Coqueiro Jardim Clarice Morro do Sossego (RA-Bangu) Primeiro de Abril Rua Santo Amós Saibreira Tancredo Neves (RA-Bangu) Tiquiá Verde é Vida
143	Santíssimo	Anes Dias Morro da Esperança Nova Esperança (RA-Campo Grande) Professora Justina Marques Retiro do Lameirão Rua sem Nome Rua Teixeira Campos, 642 Rua Teixeira Campos, 96/102 Vila Verde (RA-Campo Grande)
144	Campo Grande	Bairro Agulhas Negras Bairro Fernão Magalhães Bairro Nova Aguiar Beco do Genipapo Beco sem Nome Beira Rio – Lot Jardim Bela Vista (RA-Campo Grande) Cabuis (RA-Campo Grande) Caminho do Morro Caminho dos Nunes Conjunto Minas de Prata Estrada da Caroba Estrada do Guandu

		Jardim Nossa Senhora das Graças Jardim Nossa Senhora das Graças II Joaquim Magalhães Novo Tingüí Parque Esperança (RA-Campo Grande) Prolongamento Senhora Rua Doutor Fernando São Jerônimo Vila Comari Vila Mangueiral Vila Vitória (RA-Campo Grande)
145	Senador Vasconcelos	Jardim Moricaba Vale dos Eucaliptos Vasconcelos
146	Inhoaíba	Nova Cidade Parque Proletário Vila Esperança Vila União (RA-Campo Grande) Vila Carioca
147	Cosmos	Nova Conquista Parque Resplendor Vila do Céu Vila São Jorge (RA-Campo Grande)
148	Paciência	Beco do Brizola Beco do Carcará Colorado Comunidade Jardim Paulista Divinéia Fazenda Cassiana Jacaré Linha de Austin Nova Jérsei Roberto Morena Rua Iconha Saguaçu Vinte e Nove de Março
149	Santa Cruz	Avenida João XXIII, 300 Barreira Beco do Coqueiral Coréia (RA-Santa Cruz) Luis Fernando Victor Filho Margem do Canal de São Francisco Margem do Canal do Cação Vermelho Nova Brasília – Três Poderes (RA-Santa Cruz) Nova Camarão Pantanal (RA-Santa Cruz) Parque horto florestal Rua 66 (Cesarão) São Gomário Três Pontes Vale do Sangue Vila Verde (RA-Santa Cruz)
150	Sepetiba	Beco da Guarda Rua Hélio Correa
151	Guaratiba	A.M. da Ilha de Guaratiba A.M. da Matriz A.M. Morada dp Magarça A.M. Pro-Melhoramento Olava Gama e Adjacências Areal (RA-Guaratiba) Avenida das Américas, km 37 Bairro São Pedro Beco do Rato Cabuis (RA-Guaratiba) Caminho da União Gaspar Lemos Jardim Guaratiba Jardim Luana Largo do Corrêa (RA-Guaratiba) Largo do Corrêa 1(RA- Guaratiba) Novo Jardim Maravilha Recanto dos Motoristas Rio Piraquê Rua Vale Verde

		Santa Clara Travessa Magarça Vila Jurari Ziza
152	Barra de Guaratiba	Caminho do Abreu Rua Samaúna
153	Pedra de Guaratiba	-

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)